

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**O ENQUADRAMENTO MIDIÁTICO COMO CHAVE DE LEITURA DA
CONTEMPORANEIDADE:**

O “Caso Yoki” narrado pela *Folha online* e *O Globo online*

Juiz de Fora
Outubro de 2014

Leidiane Vieira dos Reis

**O ENQUADRAMENTO MUDIÁTICO COMO CHAVE DE LEITURA DA
CONTEMPORANEIDADE:**

O “Caso Yoki” narrado pela *Folha online* e *O Globo online*

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de mestre em Comunicação
no Programa de Pós-Graduação em
Comunicação da Universidade Federal de Juiz
de Fora.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal

Juiz de Fora

Outubro 2014

Vieira dos Reis, Leidiane .

O enquadramento midiático como chave de leitura da contemporaneidade: : O Caso Yoki narrado pela Folha online e O Globo online / Leidiane Vieira dos Reis. -- 2014.
135 f.

Orientador: Paulo Roberto Figueira Leal
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2014.

1. Acontecimento. 2. Caso Yoki. 3. Jornalismo. 4. Enquadramento. 5. Contemporaneidade. I. Roberto Figueira Leal, Paulo , orient. II. Título.

LEIDIANE VIEIRA DOS REIS

O enquadramento midiático como chave de leitura da contemporaneidade: o "Caso Yoki" narrado pela *Fo, lha online* e *O globo online*

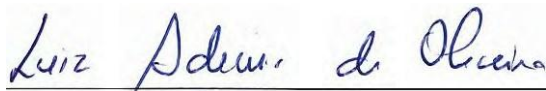
ORIENTADOR: Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, área de concentração em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovado em 17/10/2014



Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (Orientador – UFJF)



Prof. Dr. Luiz Ademir de Oliveira (Membro titular interno-UFJF)



Profª Drª Marta Regina Maia (Membro titular externo-UFOP)

Aos meus pais, exemplos de vida que apesar de não terem tido a oportunidade de estudarem, não mediram esforços para que eu tivesse condições de chegar até aqui. Vocês representam orgulho eterno para mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e ao meu irmão por me apoiarem e fornecerem estrutura para que eu permaneça na busca pela realização dos meus sonhos.

Ao Lucas, meu parceiro na caminhada da vida, por estar sempre ao meu lado e pelas palavras de incentivo que me fizeram ter forças para finalizar essa etapa.

À tia Emília e toda a sua família por terem me oferecido apoio em um momento de transição.

À Olívia, por me fazer acreditar que posso transpor os obstáculos que surgem ao longo do caminho.

À Fernanda, por estar sempre disposta a me ouvir.

Ao querido professor orientador Paulo Roberto pelas sábias contribuições oferecidas de forma imensamente gentil e afetuosa.

À Luiza, pelo trabalho minucioso de revisão; feito com tanto carinho, boa vontade e afinco.

À Martinha por estar presente em mais essa fase da minha vida.

Ao professor Luiz Ademir por ter oferecido contribuições ao meu trabalho e por ter aceitado participar da banca de defesa.

RESUMO

Nesta dissertação realiza-se uma análise das narrativas publicadas pela *Folha Online* e *O Globo* online sobre o acontecimento nomeado pela mídia como “Caso Yoki”, postadas nos dez primeiros dias do mês de junho de 2012. O caso em questão se refere ao assassinato de Marcos Matsunaga por sua esposa Elize Matsunaga no dia 19 de maio de 2012. Objetiva-se identificar, por meio da análise de conteúdo, os enquadramentos que prevaleceram nas matérias estudadas. Parte-se do pressuposto de que a forma como a ocorrência foi apresentada pelos sites revela traços que caracterizam a sociedade contemporânea. Pôde-se constatar, por meio da análise empreendida, que os portais enquadraram o acontecimento a partir de narrativas predominantemente descritivas, embasadas em declarações feitas por fontes institucionais, principalmente aquelas ligadas à instituição jurídica. O foco dos textos postados pelos veículos jornalísticos considerados recaiu sobre as investigações feitas sobre o caso. Nota-se a ausência de narrativas que apresentassem reflexões contextuais ou analíticas sobre o acontecimento. Os portais parecem conduzir as narrativas sobre o caso para um desfecho final. Essas constatações corroboram com a hipótese de que a sociedade ocidental contemporânea parece estar se distanciando das reflexões filosóficas e se alinhando à mercantilização dos conteúdos informativos de cunho espetacular, efêmero e imediatista.

PALAVRAS-CHAVE: Acontecimento. Caso Yoki. Jornalismo. Enquadramento. Contemporaneidade.

ABSTRACT

In this thesis we make an analysis of the narratives published by the *Folha Online* and *O Globo* online on the event named by the media as "Caso Yoki", posted in the first ten days of June 2012. The case relates to the killing of Marcos Matsunaga by his wife Elize Matsunaga on 19 May 2012. Aims to identify, through analysis content, the frameworks that prevailed in the studied subjects. Part from the assumption that the way the event was presented by the sites reveals features that characterize contemporary society. It could be observed through the analysis undertaken, the portals framed the event from predominantly descriptive narratives, based on solid statements made by institutional sources, especially those relating to the legal institution. The focus of journalistic texts posted by vehicles considered fell on the investigations into the case. Note the absence of narratives to present contextual and analytical reflections on the event. The portals seem to drive the narrative on the case for a final outcome. These findings corroborate the hypothesis that contemporary Western society seems to be moving away from philosophical reflections and aligning the commodification of spectacular, ephemeral and immediate information content of character.

KEYWORDS: Event. CasoYoki. Journalism. Framework. Contemporaneity.

LISTA DE TABELAS

Tabela I: Matérias publicadas na *Folha Online*.....97

Tabela II: Matérias publicadas em *O Globo* online.....100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 PRÁTICAS E DISCURSOS PRESENTES NA ATIVIDADE JORNALÍSTICA.....	15
2.1 JORNALISMO, REPRESENTAÇÃO E CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE..	15
2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO JORNALÍSTICO.....	17
2.3 JORNALISMO E OBJETIVIDADE.....	20
2.4 O JORNALISTA E A ESCOLHA DOS FATOS.....	23
2.5 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE ENQUADRAMENTO MUDIÁTICO.....	26
3 O ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO SEGUNDO A PERSPECTIVA PRAGMÁTICA SOCIAL.....	28
3.1 VERTENTES DE ESTUDO SOBRE O ACONTECIMENTO MUDIÁTICO.....	28
3.2 O ACONTECIMENTO SEGUNDO A MICROSSOCIOLOGIA PRAGMÁTICA.....	31
3.3 ARELAÇÃO ENTRE ACONTECIMENTO E TEMPORALIDADE.....	35
3.4 OS ACONTECIMENTOS MUDIÁTICOS.....	37
3.5 HOMENS E ACONTECIMENTO: UMA RELAÇÃO HISTÓRICA.....	39
3.6 A FUNÇÃO DA CULTURA NO PROCESSO DE ENQUADRAMENTO DO ACONTECIMENTO.....	41
4 RELAÇÕES HUMANAS: UM FLUXO CONSTANTE DE BUSCA POR IDENTIDADES.....	43
4.1 COMPLEXA NATUREZA HUMANA.....	44

4.2 DOMESTICAÇÃO DOS INSTINTOS HUMANOS.....	47
4.3 AS MEDIAÇÕES E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ACONTECIMENTO.....	50
4.4 A EVOLUÇÃO DAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO RUMO ÀS MEDIAÇÕES.....	52
4.5 MÍDIA E MODERNIDADE.....	54
4.5.1 O poder simbólico da imprensa na era moderna.....	54
4.5.2 A indústria cultural e a mercantilização de formas simbólicas.....	56
4.5.3 Efeitos da globalização.....	59
4.5.4 Em questão: a modernidade.....	61
4.5.5 Sujeito moderno: um ser atravessado pela relativização das referências sociais....	65
4.6 MÍDIA E CIBERCULTURA.....	69
4.6.1 Desenvolvimento da cibercultura: movimento da sociedade contemporânea rumo à virtualização.....	69
4.6.2 O universal sem totalidade do ciberespaço.....	71
5 ANÁLISE DOS ENQUADRAMENTOS APRESENTADOS PELAS NARRATIVAS SOBRE O “CASO YOKI” DIVULGADAS PELA <i>FOLHA ONLINE</i> E O <i>GLOBO ONLINE</i>.....	74
5.1 OBJETIVOS.....	74
5.2 JUSTIFICATIVAS.....	77
5.3 METODOLOGIA: APLICAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO DA IDENTIFICAÇÃO DE ENQUADRAMENTOS.....	79
5.4 ANÁLISE DESCRITIVA.....	83
5.4.1 Matérias publicadas pela <i>Folha Online</i>	83
5.4.2 Matérias publicadas pelo <i>O Globo online</i>	91

5.5 IMPLICAÇÕES DOS ENQUADRAMENTOS DO “CASO YOKI” FEITOS PELA <i>FOLHA ONLINE</i> E <i>O GLOBO ONLINE</i>	101
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIA	11

1 INTRODUÇÃO

O conceito de acontecimento tem sido objeto de estudo de teóricos de diferentes áreas científicas, como sociologia, comunicação e filosofia. Os estudos produzidos pelos diversos pesquisadores, que trabalham com o termo em questão, considerados nesta dissertação, se diferenciam em muitos aspectos, mas em geral, têm em comum o fato de apreenderem o acontecimento como algo que desestabiliza os sentidos relativamente preservados pela sociedade. Conforme afirma Louis Quéré (2005), o acontecimento rompe com as expectativas sociais, no momento em que ele ocorre não é possível dimensionar seu campo semântico. Ele extrapola as fronteiras de sentidos socialmente impostos.

De acordo com Edgar Morin (2009), o acontecimento é a novidade, a informação. Ele possui caráter destruturante, perturba os sistemas racionalizadores que procuram preservar a relação de inteligibilidade entre o receptor e o mundo. Devido a isso, o acontecimento dá origem a novas questões. Atualmente os meios de comunicação têm sido os responsáveis pela incumbência de apresentarem narrativas sobre alguns acontecimentos que destoam na arena social. O jornalismo pode ser considerado como o principal gênero midiático a partir do qual essas narrativas são formuladas.

O discurso jornalístico busca resgatar os sentidos dos fatos considerados. Para isso, faz-se uso de enquadramentos que buscam delimitar fragmentos coesos sobre as ocorrências. De acordo com Entman (1993), o enquadramento tem a função de selecionar e destacar. Os elementos destacados são utilizados para estruturar argumentos sobre problemas e suas causas, avaliação e/ou solução. Ou seja, os enquadramentos destacam alguns fragmentos de informação sobre o item que é objeto de uma comunicação, colocando-o, assim, em saliência.

Nesta dissertação, apresenta-se uma análise que busca examinar como os portais informativos *O Globo online* e *Folha Online* enquadraram o acontecimento “Caso Yoki” nas narrativas apresentadas durante os dez primeiros dias do mês de junho de 2012. O acontecimento nomeado pela mídia como “Caso Yoki” se refere ao assassinato de Marcos Matsunaga por sua esposa Elize Matsunaga, no dia 19 de maio de 2012. Após cometer o

crime, Elize esquartejou o corpo do marido, guardou os pedaços em sacos plásticos e jogou à beira de uma estrada.

As questões a partir das quais a pesquisa foi efetuada giram em torno de se buscar pontuar, por meio da análise de conteúdo, as estratégias utilizadas pelos portais jornalísticos para encaixar o acontecimento em um quadro relativamente estável de sentido. Busca-se detectar algumas regularidades que perpassam a cobertura da ocorrência. Pretende-se, dessa maneira, investigar em que medida a forma como os fragmentos do acontecimento foram encaixados nos portais revela traços que caracterizam a sociedade contemporânea. A dissertação está dividida em quatro partes principais. No primeiro capítulo apresentam-se considerações sobre o desenvolvimento da atividade jornalística na sociedade ocidental. Destacam-se, principalmente, os discursos sobre a prática que foram sendo construídos para promoverem sua legitimação social como uma instituição que constrói narrativas sobre diversas ocorrências consideradas relevantes. Fazem-se ainda pontuações sobre alguns dispositivos acionados pelo campo para preservar sua credibilidade. Na parte final do capítulo estabelece-se uma relação entre o conceito de enquadramento e discurso midiático.

No segundo capítulo busca-se apresentar algumas pontuações sobre a relação entre jornalismo e acontecimento na sociedade contemporânea. Primeiramente, pretende-se destacar a vertente teórica de estudo sobre o acontecimento jornalístico na qual se apoia a pesquisa, que seria a da microsociologia pragmática social. São abordadas ainda considerações feitas pelo filósofo Edgar Morin (2009) sobre o conceito de acontecimento.

No terceiro capítulo procura-se traçar um panorama geral sobre as interações sociais que o homem vem construindo na constante busca por estabelecer sentidos sobre sua própria existência. Foca-se principalmente na relação entre homens, narrativas e símbolos. Entende-se que por meio da interação desses três fatores, identidades vão sendo traçadas e desfeitas. Reflete-se também sobre como a mídia adentrou o processo de sociabilidade a partir do qual os indivíduos se situam no mundo. São traçadas ainda discussões sobre a condição do homem na modernidade e sua provável transição para a pós-modernidade.

No último capítulo, os conceitos teóricos apresentados são aplicados na análise empírica proposta. Como já ressaltado, busca-se investigar a forma como os portais informativos *Folha Online* e *O Globo* online enquadraram o acontecimento “Caso Yoki”. Para identificar tais enquadramentos, primeiramente apresenta-se uma análise descritiva de cada um dos textos publicados pelos dois sites informativos sobre o acontecimento, no

período considerado. Fez-se também um quadro sinóptico com a compilação dos títulos das matérias analisadas, a data em que elas foram publicadas e as fontes citadas. Tal quadro possibilita que o leitor visualize os enquadramentos recorrentes nos textos. Uma vez que a descrição dos títulos empregados nas matérias, aliada à informação sobre as fontes que foram utilizadas nelas, fornecem um panorama geral sobre as temáticas e discursos prevaletentes nas coberturas analisadas. Posteriormente, faz-se a interpretação dos elementos catalogados nas etapas analíticas e a junção dos conceitos teóricos com os dados inferidos. A fim de facilitar ainda mais a visualização e interpretação do conteúdo divulgado nas matérias consideradas, apresenta-se uma compilação de dados sobre cada um dos textos analisados (tal material se encontra em anexo).

O objetivo proposto pela pesquisa não se limita a procurar entender algumas características da operacionalização da atividade jornalística na atualidade. O foco maior centra-se em perceber práticas e valores que prevalecem na sociedade atual. Parte-se do pressuposto de que a sociedade ocidental contemporânea é influenciada por valores como imediatismo, fugacidade, espetacularização, simplificação, dentre outros. Considerando esse panorama, busca-se verificar se esses valores podem ser observados a partir da forma como as narrativas sobre o acontecimento em questão foram enquadradas.

2 PRÁTICAS E DISCURSOS PRESENTES NA ATIVIDADE JORNALÍSTICA

Neste primeiro capítulo são tecidas considerações sobre a construção dos discursos que visam preservar a legitimidade da atividade jornalística. Reflete-se também a respeito de alguns dos papéis desempenhados pelo jornalismo na sociedade ocidental. Apresentam-se ainda pontuações sobre certos dispositivos de atuação que regem a prática. Para finalizar, estabelece-se uma relação entre o conceito de enquadramento e discurso midiático.

2.1 JORNALISMO, REPRESENTAÇÃO E CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

Pode-se sugerir que o jornalismo constitui um ator social, uma vez que ele representa uma imagem perante a sociedade, bem como busca preservar sua identidade por meio da repetição de práticas ritualísticas. Com essas técnicas, a instituição (considera-se aqui o jornalismo como uma instituição social) tem por meta garantir a manutenção de sua legitimidade perante o público. Assim, a atividade jornalística se assemelha à representação de um ator. O sociólogo Erving Goffman (1995) compara a vivência em sociedade a um palco teatral. De acordo com o autor, ao representar um papel, a intenção do artista é fazer com que seus observadores levem a sério a imagem simulada perante eles. Envolvido por essa intenção, muitas vezes o ator pode chegar até mesmo a acreditar na impressão de realidade que encena. O indivíduo que não crê em sua atuação é denominado cínico, enquanto o sujeito que crê é chamado de “sincero”.

Ao projetar uma definição da situação, automaticamente, o indivíduo exerce uma exigência moral sobre os outros. O sujeito adota estratégias e táticas para proteger suas projeções. Essas táticas são denominadas “práticas protetoras” ou “diplomacia” e abrangem as estratégias empregadas para salvaguardar a impressão emitida por um indivíduo que se encontra perante outros. Dessa forma, quando o indivíduo se apresenta a outros, ele procura controlar a impressão que eles recebem.

A parte de desempenho do indivíduo que funciona de forma fixa é denominada fachada. Ela é constituída pelo equipamento expressivo padronizado utilizado pelo indivíduo durante sua representação. A fachada social tende a se institucionalizar em termos de expectativas estereotipadas que recebem um sentido e uma estabilidade. Dessa forma, quando um ator assume determinado papel social, geralmente, ele verifica que já existe uma fachada para aquele papel. Em suas atividades, os indivíduos buscam agir de maneira coerente com os significados que eles precisam transmitir. Para isso, os sujeitos se valem da realização dramática. A preocupação do indivíduo com a forma como ele se expressa pode gerar um conflito entre expressão e ação. Esse embate decorre do fato de que aqueles que têm tempo e talento para desempenhar uma ação podem não terem tempo para mostrar que estão representando bem. Existe assim um dilema entre ser e parecer ser.

As representações se baseiam em idealizações já estabelecidas. Dessa forma, “quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade.” (GOFFMAN, 1996, p. 41) As formas de representações sociais descritas acima podem ser feita em equipe. Isso acontece por meio da cooperação de mais de um participante. Essa categoria de representação pode ser percebida nas mais diversas instituições sociais criadas pelos homens ao longo de sua existência. Pode-se perceber que todas as estratégias empregadas pelos atores sociais, citadas por Goffman (1996), podem ser encontradas na prática jornalística. Questões como projeção, fachada e idealização permeiam o discurso jornalístico em sua representação no palco da sociedade ocidental. O jornalismo pode ser considerado um ator que busca encenar a realidade.

A representação em questão objetiva é fazer com que o público acredite que as narrativas informativas divulgadas são coerentes com a maneira como os fatos ocorreram. Dessa forma, o jornalismo busca preservar os efeitos que corroboram com o discurso já estabelecido sobre a instituição. Esse efeito é alcançado por meio de práticas ritualísticas que têm por objetivo assegurar a fixação de uma identidade sobre a atividade jornalística e as vertentes que ela envolve.

Como consequência desses rituais adotados pelo discurso jornalístico,

em vez de adotarem uma atitude de dúvida em relação aos fenômenos do mundo social, os atores sociais aceitam os fenômenos como dados adquiridos. Por exemplo, apesar de um leitor de jornal poder duvidar da veracidade de uma notícia específica, ele ou ela não põem em causa a própria existência das notícias como fenômeno social. O leitor pode contestar o ponto de vista de uma história específica, de um dado jornal ou de um determinado noticiário televisivo, mas os jornais, as transmissões de radiodifusão e as próprias notícias surgem como dados objetivos. (TUCHMAN, 2002, p. 94)

Assim, ao desempenhar seu papel institucional, o jornalismo influi na construção social da realidade. Uma vez que a encenação inerente a essa atividade faz com que o público acredite no discurso propagado pelos veículos midiáticos informativos. Muitas vezes, as pessoas têm acesso às implicações de um acontecimento apenas através dos meios de comunicação. Adelmo Genro Filho (1987, p. 15) descreve que

aumenta a demanda de informações sobre acontecimentos que, de uma forma ou de outra, influem mais ou menos rapidamente sobre os indivíduos. No entanto, tais acontecimentos não podem ser vividos diretamente pela experiência. Sua dinâmica exige que sejam apreendidos, constantemente, enquanto *fenômenos* e que sejam continuamente totalizados.

Dessa forma, o jornalismo atua na construção de significados sobre os fatos. Essa atuação se dá por meio da prática de encaixar as ocorrências em um quadro de sentidos. No entanto, é preciso esclarecer que o jornalismo não tem o poder de determinar a construção social da realidade. Ele representa uma instituição dentre inúmeras outras que atuam nesse processo. Como sugere Eduardo Meditsch (2010), o jornalismo pode ser incluído entre os atores que contribuem significativamente para a construção social da realidade – tanto para a realidade objetiva quanto para a realidade subjetiva -, mas não como o ator único e nem mesmo o principal.

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO JORNALÍSTICO

O jornalismo pode ser considerado como uma instituição socialmente legitimada nas comunidades ocidentais. Desde o seu surgimento, vem-se construindo discursos que delimitam papéis sociais desempenhados por ele. Não apenas os jornalistas e empresários da área reafirmam identidades que são atreladas à prática, como também as pessoas que recorrem às narrativas midiáticas de cunho informativo para interpretar o mundo nutrem

expectativas em relação ao que deveriam encontrar. Assim, indivíduos vão sendo moldados, bem como influenciam o funcionamento dos dispositivos utilizados pelo discurso jornalístico.

A informação não existe em si, numa exterioridade do ser humano, como podem existir certos objetos da realidade material (uma árvore, a chuva, o Sol) cuja significação, certamente, depende do olhar que o homem lança sobre esses objetos, mas cuja existência é independente da ação humana. A informação é pura enunciação. Ela constrói saber e, como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimento que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento (CHARAUDEAU, 2006, p. 36).

Assim, o jornalismo utiliza-se rotineiramente dos fatos para construir narrativas. Ou seja, ocorre uma transposição do real para a linguagem. O autor destaca ainda que, ao contrário do que pregava a visão limitada e simplista adotada pelas primeiras teorias da informação, a comunicação envolve uma série de fatores complexos. Charaudeau (2006) critica as teorias que consideravam que as mensagens eram transmitidas integralmente de uma fonte de informação, por meio de um transmissor, para um receptor. Tratava-se de um modelo fechado que definia a comunicação como um circuito fechado entre emissor e receptor.

Em contrapartida a essa forma de interpretar o ato da comunicação, Charaudeau (2006, p. 36) aponta que “a informação constrói saber, e como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento.” Ao longo do processo de transposição dos fatos selecionados para a linguagem, os jornalistas priorizam escolhas discursivas que asseguram a inteligibilidade da informação transmitida. Ou seja, busca-se produzir um efeito no leitor que assegure a credibilidade do discurso. Dessa forma, “a cada momento, o informador deve perguntar-se não se é fiel, objetivo ou transparente, mas que efeito lhe parece produzir tal maneira de tratar a informação” (CHARAUDEAU, 2006, p. 38) O autor denomina esse “jogo” como estratégias discursivas. Isto é, o jornalismo faz uso de estratégias que asseguram sua credibilidade perante o público.

Para descrever como essas estratégias funcionam, Charaudeau (2006) distingue duas diferentes formas de saber. O saber é definido como uma construção humana que se dá por meio da linguagem. Essa atividade é processada com o objetivo de tornar o mundo inteligível, uma vez que, sem os sistemas de interpretação do mundo, não há significação possível. Devido a isso, o ser humano criou inúmeras instituições que rotineiramente garantem a organização da vida em sociedade. Essas instituições asseguram não apenas a construção de saberes sobre o real, como também impõem normas de conduta para as pessoas.

O referido autor distingue saberes de conhecimento de saberes de crenças. Os saberes de conhecimentos são aqueles que surgem a partir de uma representação racionalizada sobre os seres e os fenômenos sensíveis do mundo. Eles se constituem enquanto explicação empírica do mundo fenomenal e beneficiam-se dos preceitos de “objetividade” e “realismo”. Com isso, eles contribuem com a manutenção da estabilidade da visão estruturada do mundo. Já os saberes de crenças são criados pela atividade humana quando esta busca comentar o mundo. Esses saberes se constituem não enquanto tentativa de fornecer inteligibilidade ao mundo, mas de avaliar sua legitimidade. De acordo com o autor, os saberes são permeados pelo conceito de representação. As representações constroem uma organização do real através de imagens mentais. Efetua-se assim uma categorização social do real que revela normas e sistemas de valores preservados por determinada sociedade. Os saberes de conhecimento e de crenças constroem-se dentro do processo de representações e é difícil determinar a fronteira entre eles.

Charaudeau (2006) distingue ainda os conceitos de *valor de verdade* e *efeito de verdade*. O *valor de verdade* se realiza através da construção explicativa científica que se utiliza de uma instrumentação visando produzir o efeito de objetividade. Dessa forma, ele constrói um “ser verdadeiro”. Já o *efeito de verdade* diz respeito ao ato de “acreditar ser verdadeiro”, por isso, ele se baseia na convicção e não na evidência. Ele funciona dentro de um dispositivo enunciativo que preza pela preservação da credibilidade. Assim, cada tipo de discurso modela seus *efeitos de verdade*.

Além de estar vinculado ao real, o discurso acerca do jornalismo se vale de muitas outras estratégias para causar o *efeito de verdade*. Dentre essas estratégias, encontra-se a prática de inserir citações ao longo dos textos. Gaye Tuchman (1999) propõe pertinentes reflexões sobre essas questões. A autora sugere que os jornalistas se valem de procedimentos perceptíveis ao consumidor da notícia para se protegerem do risco de sua atividade - dentre esses riscos, encontra-se a possibilidade de serem processados, por exemplo. Ela apresenta três fatores que influenciariam a noção de objetividade jornalística: a forma, as relações interorganizacionais e o conteúdo.

Esses fatores estão ligados aos rituais dos quais os jornalistas se valem para delimitar o discurso dentro de estratégias performativas de racionalidade. Dentro dessa perspectiva, o jornalista é um homem de ação e não um sujeito que constrói análises epistemológicas reflexivas. Os repórteres acreditam que se eles estruturarem os fatos de forma

imparcial e descomprometida, os prazos serão cumpridos e os processos por difamação evitados. Entretanto, como já foi apontado, essa noção de texto imparcial constitui um discurso que busca legitimar a prática jornalística, de forma que ela não corresponde às características intrínsecas à narrativa.

Tuchman (1999) apresenta quatro procedimentos estratégicos inerentes aos atributos formais da notícia. O primeiro deles diz respeito à apresentação de possibilidades conflituais. Isso é feito quando se mostra duas versões distintas sobre o mesmo fato. O segundo caracteriza-se pela apresentação de provas auxiliares, que consiste na citação de fatos suplementares *aceitos como verdadeiros*. O terceiro consiste no uso judicioso das aspas. Ao inserir a opinião de alguém, os jornalistas acham que deixam os “fatos” falar. A quarta estratégia é a estruturação da informação numa sequência apropriada. Assim, a informação que se presume ser a mais importante é apresentada no primeiro parágrafo.

Ainda de acordo com Gaye Tuchman, “os jornalistas têm de desenvolver estratégias que lhe permitam afirmar: ‘isto é uma notícia objetiva, impessoal, imparcial’”. (1999, p. 88) A autora conclui, a partir das reflexões propostas sobre a prática jornalística, que a objetividade se refere a procedimentos rotineiros representados por atributos formais (como aspas e radiografias) que protege o profissional.

2.3 JORNALISMO E OBJETIVIDADE

Fazendo referência a Kant, Muniz Sodré (2009) pontua que os fatos são objetos para conceitos cuja realidade objetiva pode ser provada. Trata-se de objeto do conhecimento e não de objeto fora da faculdade representativa do homem. Assim, fatos são objetos de qualquer experiência possível. Os “objetos” do conhecimento são representações dependentes das leis da unidade da experiência. A objetividade se refere àquilo que tem idêntica validade para todos os sujeitos que vivenciam a experiência. Logo, o mundo dos fatos é o mundo da experiência empírica. Ainda de acordo com Muniz Sodré (2009), Wittgenstein distingue os conceitos de fato e “coisa”. Para o autor, a noção de coisa se refere à realidade objetiva, é aquilo que não depende do relacionamento com o sujeito. O fato seria uma combinação de coisas, uma objetivação conceitual dos fenômenos. De acordo com o filósofo, o mundo é constituído por casos, pela totalidade dos fatos.

Assim, uma recorrência que requer uma interpretação por parte do sujeito é uma *casus fact* (caso de fato), ela se opõe ao caso imaginário (*casus ficti*). Para que o acontecido seja um caso é preciso que ele se disponha como objeto para a consciência. Dessa forma, o mundo não é tudo o que simplesmente acontece. Para clarear esses conceitos, Muniz Sodré (2009) cita o seguinte exemplo: uma maçã que cai de um galho é um acontecimento. Uma maçã que cai sobre a cabeça de Newton é um caso. As conexões entre coisas e objetos tornam possível o que acontece. As proposições se tornam verdadeiras ou falsas a partir do fato. Assim, a verdade se constitui pelo acordo entre o fato e a proposição. De acordo com essa visão, o enunciado que concorda com a realidade é verdadeiro. A consciência racional orienta-se pelos fatos. Para os positivistas, dentre os quais se enquadra o autor Auguste Comte, o fato se dá pela experiência sensível da realidade.

Muniz Sodré (2009) destaca que o jornalismo incorpora o senso de fato moldado pelos positivistas. Para o autor, são fortes as coincidências entre o jornalismo e o positivismo. Ambos aderem dogmaticamente aos “fatos brutos” para produzirem conhecimento sobre alguma coisa. Para ilustrar o conceito, Sodré cita o seguinte exemplo: a existência da estátua do Cristo Redentor no Corcovado é um fato bruto. Mas porque ou como aquela estátua foi posicionada ali são casos. O jornalismo busca produzir clareza sobre o fato sócio-histórico a partir de objetos tidos como factuais, por intermédio do acontecimento. Nesse sentido, o jornalismo gira em torno de história a partir do conhecimento dos fatos. Para Kant, fatos são objetos cuja realidade pode ser provada. A partir desta colocação, pode-se entender que a informação jornalística é uma representação social do fato que atribui sentido a ocorrência. Muniz Sodré (2009) pauta-se na teoria de Mouillaud, segundo quem o acontecimento é a sombra do fato.

De acordo com Sodré (2009), para Flageul, essa sombra corresponde a alguns critérios: singularidade, acidentalidade, improbabilidade, unicidade, singularidade, desvio, proeminência e pregnância. Tais critérios supõem a atenção ou percepção de um público. O acontecimento existe a partir do “sujeito de percepção”. Dessa forma, sua dimensão depende do seu poder em afetar as pessoas. Mesmo quanto circunscrito na esfera do possível o acontecimento guarda uma parte de excessos, logo, algo maior que o fato. O que acontece está além de uma mera proposição, é sentido e *devir* das coisas. Segundo a elaboração filosófica, na síntese do acontecimento, linguagem e mundo se interrelacionam. Sobre a matéria bruta, a informação constrói um esquema narrativo.

Num enredo, procura-se atribuir coerência espacial e temporal a determinadas manifestações factuais do real-histórico. Este é o caminho tomado pelo que Aristóteles entendia como *mimese* (*mimesis*), ou seja, não a “imitação” da realidade, mas o aproveitamento de aspectos da realidade para reproduzir um discurso que lhe é semelhante ou homólogo. (SODRÉ, 2009, p.37)

Por meio de um enquadramento, a mimese informativa viabiliza o acontecimento. Os analistas norte-americanos chamam tal enquadramento de *framing*. O conceito denomina o ajuste do fato a um quadro de referência. Sodré (2009) pontua que, “a midiaticiza o   hoje o processo central de visibiliza o e produ o dos fatos sociais na esfera pública. Por isto, o enquadramento midiático   a opera o principal pela qual se seleciona, enfatiza e apresenta (logo, se *constrói*) o acontecimento.” (2009, p. 38) O discurso informativo   *autoconfirmativo* e, portanto, pode modificar os fatos que são objetos da informa o. Assim, uma suposi o pode converter em realidade o fato suposto, confirmando sua objetividade.

O campo jornalístico não   o único responsável pela constru o do acontecimento. Inúmeros outros atores são mobilizados nesse processo. Assim, o acontecimento resulta da constru o de um coletivo. Sodré (2009) pontua ainda que “o interesse tanto das autoridades quanto dos jornalistas de reduzir a indetermina o dos fatos e apresentar uma forma clara e transparente do acontecimento não implica necessariamente manipula o desinformativa.” (2009, p. 41) Apesar de o relato jornalístico ser uma “constru o”, existe a presun o de imparcialidade baseada no estatuto profissional do jornalista. Devido a isso, a credibilidade pode ser citada como o principal capital simbólico do jornalista. Ela decorre de um pacto entre o leitor e o profissional da informa o. Esse pacto se manifesta por meio do conceito de objetividade que permeia a cultura jornalística desde o século XIX.

O leitor cr  na versão oferecida pelo jornalista quando esse profissional obedece a determinadas técnicas. Dessa forma, a *credibilidade* sustenta o conhecimento jornalístico, não como garantia da verdade, mas como cau o da *veracidade* ou verossimilhança. Nesse sentido, em torno do fato se estabelece uma verdade consensualmente estabelecida. “De um modo geral, o sistema da informa o procura definir-se ou justificar-se por uma ideologia da transparência absoluta entre o enunciado e o fato, como se a linguagem funcionasse ao modo de uma pintura realista do mundo.” (SODRÉ, 2009, p. 49)

Sodré (2009) ainda argumenta que os objetivos da imprensa sempre são os seguintes: discutir ideias, provocar emo es, e deleitar. Para o autor, com o surgimento da m dia eletr nica e sua conexão com o capitalismo, d -se um peso extraordinário   produ o de prazer e emo o. O autor destaca, entretanto, que Dewey, por exemplo, via a imprensa

como um “agente promotor de discussões da cultura”. Fazendo referência à suposta crise que ameaça o futuro do jornalismo, Muniz Sodré (2009, p. 58) argumenta que

a unanimidade quanto aos efeitos concorrenciais das novas mídias e do fluxo livre ou caótico de informação tem como contrapartida o aparente consenso de que o antídoto para o veneno da crise estaria na qualidade da informação, portanto, no aprofundamento da forma própria de conhecimento jornalístico.

O autor cita a proposta formulada pelo jornalista Adelmo Genro Filho de que o jornalismo se caracteriza por uma forma própria de conhecimento a partir da extração daquilo que o fato tem de singular. Para Genro Filho, o universal (totalidade da vida) e o particular (por exemplo, cada homem na diversidade dos seres humanos) estão contidos no singular. Dessa forma, “a notícia de um acidente de carro é singular, na medida em que integra a ‘classe’ dos acidentes de automóvel.” (SODRÉ, 2009, p. 58) O singular jornalístico pode mobilizar a ação coletiva. O autor pontua ainda que é próprio da midiaticização pautar a singularização do acontecimento pela *atualidade*. Com base em conceituações apresentadas por Habermas, Sodré (2009) considera que a atualidade pode ser entendida como *uma passagem para o novo*. A atualidade pereniza a ruptura com o passado por meio da renovação continuada.

2.4 O JORNALISTA E A ESCOLHA DOS FATOS

O jornalismo constitui um espaço de construção de sentido na sociedade contemporânea. Ao produzir narrativas sobre os mais diversos fenômenos sociais, o jornalista busca conferir significado a essas ocorrências que, em inúmeros casos, são o resultado de uma série de fatores inapreensíveis. Sabe-se que os fatos que mais têm chance de ocuparem os veículos jornalísticos, de modo geral, são justamente aqueles que mais extrapolam as referências de sentido instauradas na sociedade. Assim, quanto mais uma ocorrência rompe com os parâmetros definidores do que seria “normal” e socialmente aceitável, mais destaque ela alcança na mídia. Nelson Traquina (2005), fazendo referência a Mauro Wolf, apresenta uma compilação de quais seriam os valores-notícia que orientam o jornalista em sua prática de selecionar quais fatos serão transformados em notícia. Para o autor, os valores-notícia integram todo o processo de construção da notícia, ou seja, estariam presentes desde a etapa de seleção até a elaboração da narrativa.

Esses valores dizem respeito aos critérios que os jornalistas utilizam no momento de selecionar os acontecimentos. Os valores-notícia de seleção dividem-se em dois grupos: os critérios substantivos que se referem à avaliação direta do acontecimento em termos de seu interesse como notícia; e os critérios contextuais que se relacionam ao contexto de produção da notícia. Já os valores-notícia de construção são qualidades da construção da notícia e funcionam como guia para a apresentação do material coletado pelo jornalista. Os critérios substantivos dos valores-notícia de seleção seriam: morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito, infração e “escândalo”. Percebe-se, a partir dessa lista, que o jornalismo prioriza os fatos que rompem com os parâmetros definidores da ordem que deveria ser preservada pelas pessoas em seu convívio diário.

Dessa forma, dá-se espaço para os fatos que mais pervertem a leis sociais vigentes, sejam elas de cunho moral ou jurídico-legal. É preciso destacar, nesse ponto, que os fatos catastróficos, provenientes da natureza, também tendem a serem considerados pelos jornalistas, porém, eles são selecionados a partir do potencial de afetação social atribuídos a eles. Geralmente, os fenômenos nomeados como catástrofes naturais pelo jornalismo, são aqueles que, de alguma forma, atingem a sociedade.

Traquina (2005) afirma que a morte é um valor-notícia fundamental para o jornalista, sendo uma razão que explicaria o negativismo do mundo jornalístico. A notabilidade diz respeito à qualidade de um fato de ser visível e tangível. Fazendo referência a Walter Lippman, Traquina (2005) observa que tem que haver algum aspecto manifesto. Há vários registros de notabilidade: a quantidade de pessoas envolvidas no acontecimento, a inversão (o contrário do “normal”), o insólito, a falha, o excesso/a escassez. O inesperado diz respeito àquilo que rompe com as expectativas da comunidade jornalística, sendo considerado um acontecimento com enorme noticiabilidade, por subverter a rotina.

O conflito faz referência à importância da quebra do normal, da ruptura na ordem social. A infração diz respeito à violação, transgressão das regras. Devido a isso, o crime tem tanta importância como notícia. Entretanto, o crime é percebido como algo recorrente, sendo, muitas vezes, observado pela mídia de forma rotinizada. Porém, aqueles crimes considerados mais violentos e com maior número de vítimas tendem a receber tratamento diferenciado. Para Traquina (2005), os critérios substantivos dos valores-notícia implicam na existência de

um pressuposto sobre a natureza consensual da sociedade. Sendo que, alguns dos valores-notícia, ajudam a construir esse “consenso”. Como descreve Stuart Hall et al.(1993, p. 226),

as coisas são noticiáveis porque elas representam a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo. Mas não se deve permitir que tais acontecimentos permaneçam no limbo da ‘desordem’ – devem ser trazidos aos horizontes do ‘significativo’. Este trazer de acontecimentos ao campo dos significados quer dizer, na essência, reportar acontecimentos invulgares e inesperados para os ‘mapas de significado’, que já constituem a base de nosso conhecimento cultural, no qual o mundo social *já* está ‘traçado’. [...] Uma tal assunção de fundo constitui a natureza consensual da sociedade: o processo de significação – dando significados sociais aos acontecimentos – tanto assume como ajuda a construir a sociedade como um ‘consenso’.

De acordo com Traquina (2005), os grupos fora do consenso são classificados como dissidentes e marginais. Sendo o crime uma das principais fronteiras desse consenso. Dessa forma, os jornalistas agem como uma espécie de protetores de valores de consenso, assumindo, muitas vezes, um papel conservador e legitimador. Os media noticiosos excluem da agenda pública aqueles que violam os valores de consenso, apoiando a distinção entre atividades políticas legítimas e ilegítimas.

Os critérios contextuais dos valores-notícia de seleção são: equilíbrio, disponibilidade, visibilidade, concorrência e dia noticioso. Esses critérios dizem respeito ao contexto de produção da notícia. Os valores-notícia de construção citados por Traquina (2005) são: simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância. Esses valores dizem respeito aos critérios de seleção dos elementos dignos de serem incluídos na constituição da notícia.

Eduardo Medtisch (2010), fazendo referência a Robert Park, afirma que o jornalismo informativo possui raízes profundas em nossa cultura. Segundo essa linha de pensamento, o ser humano sempre demonstrou interesse em adquirir conhecimento sobre novas coisas. Assim, a notícia, considerada como conhecimento, seria tão velha quanto a humanidade. A informação jornalística seria uma característica inata da espécie. Recorrendo a teorias apresentadas por Shoemaker e Cohen, o autor salienta que “Num segundo momento, o desenvolvimento das culturas humanas teria enfatizado a importância das novidades que apontassem ‘desvios’ ou acontecimentos com maior ‘significação social’.” (2010, p. 38) O autor destaca que a identificação destes ‘desvios’, bem como da ‘significação social’ é historicamente construída.

Contrariando, em certa medida, algumas das considerações feitas por Nelson Traquina (2005) a respeito dos critérios de noticiabilidade; nesta dissertação, parte-se do

pressuposto de que o jornalismo não abarca apenas as ocorrências que possuem alguma relevância social pelos próprios fatores que a constituem, mas também, em muitos casos, fornece aos fatos uma visibilidade maior do que eles teriam caso não fossem alçados ao discurso midiático. Ou seja, as narrativas jornalísticas não se constituem apenas por fatos relevantes, mas também constroem a relevância dos fatos. Paulo Vaz e Renné França (2009a, p. 2) apresentam duas concepções diferentes de acontecimento: “aquele que emerge por força própria obrigando uma investigação a respeito de suas causas e consequências; e aquele que aparece atrelado ao cotidiano, sem produzir mudanças significativas para o coletivo.” Ainda de acordo com os autores, “a mídia possui o poder de legitimar determinados assuntos, transformando-os de maneira a afetar os sujeitos.” Pode-se concluir, dessa forma, que o jornalismo representa uma instância agenciadora da experiência uma vez que, ao narrar fatos, ele oferece às pessoas a oportunidade de obterem contato com ocorrências às quais elas não têm acesso *in loco*.

2.5 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE ENQUADRAMENTO MIDIÁTICO

De acordo com Todd Gitlin (1980) os *frames* (quadros) midiáticos são responsáveis por fazerem com que o mundo além da experiência direta pareça natural. O autor salienta que não podemos acreditar que o mundo retratado é simplesmente o mundo que existe. O mundo está repleto de eventos. Existem muitas coisas. Dentro de um único evento existem infinitos detalhes perceptivos. O autor caracteriza os *frames* da seguinte forma:

frames are principles of selection, emphasis, and representation composed of little tacit theories about what exists, what happens, and what matters. In every day life, as Erving Goffman has amply demonstrated, we frame reality in order to negotiate it, manage it, comprehend it, and choose appropriate repertoires of cognition and action. (GITLIN, 1980, p. 6)

Na sequência Gitlin (1980, p. 7)) pontua que “media frames are persistent patterns of cognition, interpretation, and representation, of selection, emphasis, and exclusion, by which symbol-handlers routinely organize discourse, whether verbal or visual.” O sociólogo Erving Goffman foi um dos primeiros estudiosos a trabalhar com o conceito de *framing* (enquadramento), o autor salienta que “when the individual in our western society recognizes a particular event, he tends, whatever else he does, to imply in this response (and in effect

employ) one or more frameworks or schemata of interpretation of kind that can be called primary.” (GOFFMAN, 1947, p. 21)

Robert Entman (1993, p. 51-52) apresenta a seguinte consideração sobre o conceito de enquadramento:

Whatever its specific use, the concept of framing consistently offers a way to describe the power of a communicating text. Analysis of frames illuminates the precise way in which influence over a human consciousness is exerted by the transfer (or communication) of information from one location - such as a speech, utterance, news report, or novel - to that consciousness.

Entman (1993, p. 52) descreve ainda que,

framing essentially involves selection and salience. To frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communication text, in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation for the item described.

Para Entman (1993), *frames* definem problemas, diagnosticam causas, fazem julgamento moral e sugerem soluções. Uma única sentença pode apresentar mais de um desses quatro tipos de funções de enquadramento. Os *frames* ocupam pelo menos quatro lugares no processo de comunicação: o comunicador, o texto, o receptor e a cultura. Conscientemente ou inconscientemente, comunicadores decidem o que dizer a partir de enquadramentos (frequentemente denominados esquemas) que guiam os seus sistemas de crenças. Os *frames* presentes nos textos se manifestam a partir da presença ou ausência de certas palavras-chave: “fases feitas”, imagens estereotipadas, fontes de informação, e sentenças que reforçam julgamentos.

Ainda de acordo com Entman (1993), o enquadramento tem a função de selecionar e destacar. Os elementos destacados são utilizados para estruturar argumentos sobre problemas e suas causas, avaliação e/ou solução. *Frames* destacam alguns fragmentos de informação sobre o item que é objeto de uma comunicação, colocando-o, assim, em saliência. O termo saliência pode ser definido, neste contexto, como: colocar uma parte da informação de forma mais perceptível, significativa ou memorável para a audiência. Fragmentos de informação podem ser salientados por meio da localização, repetição ou por meio da associação deles com símbolos culturalmente familiares. Fazendo referência a Entman, Leandro Colling (2001) aponta que para identificar o enquadramento de uma reportagem tem-se de buscar a definição do problema apresentado. Em segundo lugar, é preciso verificar se há personalização do problema. Em seguida, é necessário identificar as

causas do problema apresentado, quais são seus atores e a quem está sendo creditada a solução deste problema.

Fazendo referência a Kahneman e Tversky (1984), Entman (1993) aponta que os *frames* selecionam e chamam a atenção para aspectos particulares da realidade descrita, por consequência, eles desviam a atenção de outros aspectos. De acordo com Entman (1991), detectar *frames* totalmente e com segurança é uma tarefa difícil, já que muitos esquemas de enquadramento podem aparecer como “naturais”. Bertram Scheufele (2006) descreve que por meio do *framing*, a mídia enfatiza determinados aspectos da realidade percebida. Como consequência, atributos específicos, evoluções ou decisões podem ser sugeridas ao destinatário.

3 O ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO SEGUNDO A PERSPECTIVA PRAGMÁTICA SOCIAL

Neste capítulo busca-se apresentar algumas pontuações sobre a relação entre jornalismo e acontecimento na sociedade contemporânea. Primeiramente, pretende-se destacar a vertente teórica de estudo sobre o acontecimento jornalístico na qual se apoia a dissertação, que seria a da microsociologia pragmática social. São abordadas ainda considerações feitas pelo filósofo Edgar Morin (2009) sobre o conceito de acontecimento.

3.1 VERTENTES DE ESTUDO SOBRE O ACONTECIMENTO MIDIÁTICO

Dentro do campo de estudo a respeito do acontecimento, na área da comunicação, nota-se certa divergência em torno das atribuições de sentido dadas a palavra acontecimento. Muitas vezes não se pontua ao longo dos trabalhos acadêmicos a concepção adotada sobre o termo. Tal esclarecimento se faz necessário, uma vez que existem correntes bastante diversas no que se refere a essa temática. Enquanto alguns autores diferenciam fato e acontecimento,

outros não o fazem. Além disso, para alguns teóricos o acontecimento estaria necessariamente atrelado à visibilidade midiática.

A corrente de estudo construtivista defende que “para que haja acontecimento é necessário que ele seja conhecido.” (JOHNSON, 2010) Ainda de acordo com Telma Johnson (2010), o artigo clássico de 1974 do historiador Pierre Nora, intitulado *Le retour de l'événement*, constitui a base teórica de “uma história contemporânea”, na qual se rejeitava as bases da história positivista que estuda o passado desvinculado do presente. Nora destaca que a modernidade democrática institui um fenômeno novo, o acontecimento. Para o autor, o acontecimento só pode existir através dos meios de comunicação.

Para Nora, o caso Dreyfus foi o primeiro exemplo de acontecimento moderno em que a mídia teve papel fundamental ao trazê-lo à cena pública. Alfredo Dreyfus foi um capitão judeu do exército francês condenado por alta traição, em 1894, sob a acusação de ser o autor de uma carta oferecendo documentos secretos militares à embaixada alemã.

O caso Dreyfus ganhou notoriedade por ter dividido a França entre os dreyfusards, que faziam campanha pela revisão do processo judicial, e os anti-dreyfusards, contrários à revisão, ambos envolvidos em manifestações, barricadas e protestos públicos agitados e violentos. O caso Dreyfus, assim, foi um acontecimento político midiaticizado. As colocações de Nora sobre o acontecimento midiático influenciaram a corrente de pensamento construtivista. De acordo com essa perspectiva, os meios de comunicação de massa criam uma visão mediaticizada da realidade. De forma que a mídia constrói e reconstrói a realidade social ao estabelecer a forma como os fenômenos sociais são percebidos. Percebe-se que as perspectivas da “história contemporânea” e do “construtivismo social” focalizam a noção de acontecimento como necessariamente acontecimento midiático.

Em perspectiva construtivista mais moderada, Tuchman (1973) desconsidera a idéia de “distorções” da realidade. Para ela, “distorção” é um conceito construído e cada realidade socialmente construída tem significação e significância. Maurice Mouillaud (2002) segue a mesma linha de pensamento ao fazer distinção entre fato e acontecimento. Para o autor, o acontecimento é a sombra do fato. Assim, segundo a corrente construtivista mais moderada, os acontecimentos seriam formatados, e não construídos, pelos meios de comunicação. Dessa forma, a mídia faria parte do processo de constituição do acontecimento, mas não seria a única instância responsável pelo seu desenvolvimento.

Diferenciando-se das duas linhas citadas, “a microssociologia pragmática recorre à individualização dos acontecimentos, partindo dos moldes propostos por Erving Goffman,

como um lugar natural da organização da experiência.” (JOHNSON, 2010) Tal abordagem é considerada complexa e trata da dimensão simbólica do acontecimento. Segundo essa vertente, o acontecimento não pode ser reduzido à análise da esfera da mídia, uma vez que é um fenômeno social amplo e complexo. Considera-se que o fenômeno acontecimental abarca a recepção dos acontecimentos no âmbito social, as operações e práticas de discussão e debates e seus desdobramentos na esfera pública. (JOHNSON, 2010) Nesta dissertação, adota-se essa corrente de pensamento. Destaca-se, entretanto, que a vertente construtivista moderada dialoga com a microsociologia pragmática. As duas correntes não se contrapõem por completo. Devido a isso, é possível estabelecer conexões entre autores provenientes das duas linhas de estudo.

De acordo com a perspectiva microsociológica pragmática, “o que caracteriza o acontecimento é a evidência de uma ruptura num quadro de sentidos, de referencialidade, de inteligibilidade.” (JOHNSON, 2010) Como descreve Quéré (2005, p. 62),

os acontecimentos importantes são, em grande parte, inesperados. Quando se produzem, não estão conectados aos que os precederam nem aos elementos do contexto. [...] Essa descontinuidade provoca surpresa e afeta a continuidade da experiência porque a domina. Por isso, fazemos tudo o que está ao nosso alcance para reduzir as descontinuidades e para socializar as surpresas provocadas pelos acontecimentos.

Conforme afirma Quéré (2005), o acontecimento rompe com as expectativas sociais, no momento em que ele ocorre não é possível dimensionar seu campo semântico. O acontecimento extrapola as fronteiras de sentidos socialmente impostas. Assim, caberia ao jornalismo enquadrá-lo, de forma que ele se encaixe em uma cadeia relativamente coesa de sentido. Como afirma Eni Orlandi (2007, p. 29-30), “o homem está ‘condenado’ a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja).”

Dessa forma, o jornalismo seria uma das instâncias a partir da qual as pessoas atribuem sentido aos fatos insólitos. “O jornalismo, em sua busca por ordenação da realidade, faz escolhas dentro dos vários corpos e relações para representar aquilo que aconteceu e disponibilizá-lo para o público.” (VAZ e FRANÇA, 2009b, p. 7) Ainda de acordo com os autores, “o paradoxal do acontecimento obriga a produção de sentido, de *qualquer* sentido.”

3.2 O ACONTECIMENTO SEGUNDO A MICROSSOCIOLOGIA PRAGMÁTICA

Como afirma Louis Quèrè (2005), em nossa experiência entramos em contato com diversos tipos de acontecimentos. Surge, dessa forma, a intuição de que existem inúmeras categorias de acontecimento. Há aqueles que atingem as coisas e aqueles que nos atingem. Alguns se revestem de maior importância que outros. Os mais marcantes podem se tornar referência individual ou coletiva. Eles também podem marcar rupturas ou inícios. Os acontecimentos também podem ser categorizados a partir do seu poder de afetar as pessoas. O sociólogo ainda destaca que o lugar ocupado pelo acontecimento na organização da experiência se relaciona a questões referentes à ordem do sentido. A passibilidade do acontecimento e o seu poder hermenêutico desempenham um importante papel neste cenário.

O autor cita Paul Ricoeur como responsável por traçar um esboço de uma hermenêutica da narrativa. De acordo com Quèrè (2005), as considerações do filósofo em questão foram úteis para se ultrapassar muitos pressupostos da apreensão do acontecimento. Elas serviram, principalmente, para ligar a individualidade de um acontecimento à intriga dentro da qual ele se insere. Porém, o poder hermenêutico do acontecimento não se relaciona apenas a mediação da narração.

Fazendo referência à H. Arendt, Quèrè (2005) destaca que o acontecimento pode representar tanto um fim como um começo e que existem dois pontos de vista a partir dos quais se pode apreender o acontecimento: o entendimento e a ação. A partir do ponto de vista do entendimento, o acontecimento pode ser explicado como um encadeamento. De acordo com o ponto de vista da ação, o acontecimento constitui um fenômeno de ordem hermenêutica. Ele pede para ser explicado e, ao mesmo tempo, faz compreender as coisas. Nisto consiste o seu poder de revelação. Dessa forma, o acontecimento revela uma situação problemática.

Para Arendt (1953, *apud* Quèrè, 2005), é na ação que nos apoiamos sobre a nova situação criada. O acontecimento tem um caráter inaugural, ele marca o início de um processo e um fim de uma época. Isto implica um poder de abertura e de fecho. Quèrè (2005) questiona se a dualidade fato/sentido se sobrepõe a dualidade conhecimento/ação. O autor opta pela dialética da experiência, que implica a relação entre suportar e agir. A compreensão do acontecimento passa pela sua explicação causal. Mas a explicação depende da comprovação dos efeitos e da experiência do acontecimento. O acontecimento não é apenas da ordem do

que ocorre, mas do que acontece a alguém que tem de suportá-lo. A compreensão do acontecimento se origina no próprio acontecimento.

A explicação do acontecimento depende da organização dinâmica da experiência que o inscreve na ordem do sentido. Para Quèrè (2005), é preciso ultrapassar a dualidade conhecimento/ação. Como base em reflexões apresentadas por G. H. Mead, o autor pontua que o acontecimento nunca é condicionado apenas por aquilo que provocou. Ele introduz algo de novo, de maneira que provoca uma descontinuidade. Mas nem tudo o que acontece é descontínuo. Certos acontecimentos são esperados e, apesar disso, fazem emergir algo de novo.

Geralmente, os acontecimentos importantes são inesperados, rompem o correr das coisas. Tal descontinuidade provoca surpresa e afeta o encadeamento da experiência. “Por isso, fazemos tudo o que está ao nosso alcance para reduzir as descontinuidades e para socializar as surpresas provocadas pelos acontecimentos.” (QUÈRÈ, 2005, p. 62) Reconstruímos as condições que produziram o acontecimento, restauramos a continuidade ligando o acontecimento ao passado. Paradoxalmente, como sublinha Mead (*apud* QUÈRÈ, 2005), o passado e o contexto não preexistiam ao acontecimento. A continuidade na qual o inscrevemos não existia antes dele se produzir. H. Arendt (*apud* QUÈRÈ, 2005) destaca que o acontecimento esclarece o seu passado, nunca é deduzido dele.

Quèrè (2005, p. 64)) destaca que “é, então, o acontecimento que torna compreensível o seu passado e o seu contexto, em função do sentido novo cujo surgimento ele provocou.” Há coisas que acontecem que considerávamos impossível, somos, assim, impelidos a rever nosso sentido de possível. A revisão desse sentido se relaciona tanto ao passado como ao futuro. Nossas retrospecções e nossas projeções se modificam à luz do acontecimento.

Fazendo referência a G.G. Granger, Quèrè (2005) descreve que o *atual* é aquilo que é efetivo, o aspecto do real que se impõe à nossa experiência sensível, de maneira singular. Já aquilo que é possível sem presunção da sua realidade é *virtual*. O possível se constitui pela relação entre o não-atual e o atual. Assim, o possível é medido pelo provável. Para Granger, as teorias formais do possível são teorias virtuais. Os mundos possíveis são virtuais, baseados em referenciais abstratos. Na linguagem ordinária, o possível se associa a marcas temporais. A dimensão temporal verifica-se na referência do possível ao atual. A possibilidade está ligada ao agora. A ação é abertura e fecho de possibilidades.

Quèrè (2005) também cita teorias apresentadas por Von Wright. Para este autor, além da possibilidade lógica e da possibilidade física/natural existe o “fazível”. Um estado é fazível quando a sua realização pode ser resultado de uma ação humana. Dessa forma, o estado “fazível” é relativo à capacidade humana, que varia de uma pessoa para outra. A capacidade possui uma dimensão de receptividade, em termos do que alguém *pode* suportar ou sofrer, e como *pode* reagir a partir de sua sensibilidade. A compreensão do acontecimento tem origem na passibilidade. Aquele que não é suscetível de ser tocado, emocionado pelo que lhe acontece é impassível. A confrontação com o acontecimento tem dimensão de travessia. De acordo com Quèrè (2005, p. 70),

quando um acontecimento se produz, tratamo-lo como um fato no mundo, situável no tempo e no espaço. Identificamo-lo através da descrição. Descrevemo-lo especificando as suas circunstâncias (especificação que pode ser resumida ou alargada). Tentamos explicá-la pela trama causal que o provocou, dar-lhe um sentido em função de um contexto prévio que o torne compreensível, socializar a surpresa que ele constitui atribuindo-lhe “valores de normalidade”.

O acontecimento é o ponto de chegada de um encadeamento serial, contido no presente da ocorrência, e tem um início, uma duração e um fim. Ele é situado e datado por meio de utensílios de medida de tempo e localização no espaço. O acontecimento implica uma modalidade de experiência. Pode ter sido esperado, satisfazer ou desfazer esperanças. Ele pode ser observado, mas o observador pode ser incapaz de saber no próprio momento o que se passava e se ver obrigado a recorrer a uma fonte exterior. O acontecimento é dotado de um valor, revestido de um sentido que não tinha. Há uma tendência em considerar o acontecimento como um começo. O acontecimento passa a esclarecer o seu contexto, ele projeta um sentido novo sobre o mundo.

A individualização do acontecimento ultrapassa o momento da sua ocorrência, ele continua a ocorrer enquanto produzir efeitos sobre as pessoas que afeta. “Isso acontece porque o acontecimento não só acontece, mas acontece a alguém.” (QUÈRÈ, 2005, p. 72) O acontecimento atinge inúmeros seres, animados e inanimados. Existe também a ideia de mudança. A experiência ocorre quando há transição entre duas coisas exteriores uma à outra. Nesse sentido, o acontecimento é um fenômeno de ordem hermenêutica, sua individualização é determinada, dentre outras coisas, pelas reações e respostas que suscita.

O acontecimento entra na experiência como termo de transação. O acontecimento e a pessoa a quem ele acontece são coisas que “se tornam” em um movimento de transação.

Os acontecimentos são semelhantes a nós, são relativos ao nosso sentido do possível e ao que somos. Entretanto, o nosso poder sobre eles é limitado, não há como anular o que já teve lugar. O presente é condicionado por um passado objetivo, ele não depende de nós. Ao mesmo tempo, ele depende de nós: podemos compreendê-lo de diversas maneiras, reconfigurá-lo por meio da forma como nos apropriamos dele.

O acontecimento vai contra toda expectativa ou previsão, reconfigura o mundo; ele é portador ou criador de sentido. Ele abre um horizonte de sentido, introduzindo novas possibilidades de interpretação, referentes ao passado, presente e futuro. Por isso, ele não pode ser enclausurado no momento da sua ocorrência. Ele se alonga para o futuro e para o passado. É só posteriormente, com certo atraso, a partir de seus efeitos e consequências, que ele pode ser compreendido. Dessa forma, o acontecimento dá o tempo a ver-se. Não é possível ser contemporâneo à realização de um acontecimento, uma vez que ele não está presente na experiência. Ele é compreendido a partir do seu futuro.

Os acontecimentos projetam um sentido sobre as situações, para sujeitos dotados de certa sensibilidade. Ele dá lugar a uma experiência que é fonte de identidade para o acontecimento e para as pessoas que são por ele atingidas. Acontecimento e sujeito surgem em conjunto. Não existe um acontecimento isolado na experiência real. O acontecimento tem poder de esclarecimento. Todas as situações são permeadas por uma estrutura de intriga, qualquer coisa que se enlaça em um dado momento, devido a um acontecimento, e que se encaminha para um desenlace. Parte da significação do acontecimento provém da sua contribuição para a progressão da intriga. Nossa experiência individual e coletiva é um encastramento de intrigas, mas só algumas são narrativizadas.

Frequentemente, a intriga representa uma situação problemática. Muitas vezes, um problema é formado por inúmeros elementos constitutivos, surgindo a partir disso a ideia de campo problemático. A vida de um indivíduo é composta por diversos campos problemáticos. Na vizinhança do campo problemático, se organizam soluções. Com a emergência de acontecimentos, novos campos problemáticos se constituem. Quèrè (2005, p. 80) destaca que “o papel dos *media* é, sem dúvida, decisivo enquanto suporte, por um lado, da identificação e da exploração dos acontecimentos, por outro, do debate público através do qual as soluções são elaboradas ou experimentadas”.

Mas o inquérito que está na base da problematização possui caráter distribuído. Todos os atores sociais contribuem para ele. A coordenação se faz através do debate público.

Quèrè (2005) discorda de Walter Benjamim que considera o público dos *media* como uma massa de espectadores que teriam acesso a pedaços de acontecimentos. Para Benjamim, o poder hermenêutico do acontecimento é neutralizado. Segundo ele, a experiência da notícia não nos atinge, apenas produz um choque momentâneo. Em contrapartida a essa visão, Quèrè (2005) defende que o acontecimento não é uma experiência degradada, bem como o público dos *media* não se constitui por uma massa amorfa. A recepção projeta um contexto de apropriação e discussão, passa por ajustamentos recíprocos a partir da sociabilidade direta. Para o autor, não se pode isolar os *media* das outras instituições que exploram campos problemáticos gerados pelos acontecimentos.

3.3 A RELAÇÃO ENTRE ACONTECIMENTO E TEMPORALIDADE

Conforme Elton Antunes (2008), se pensarmos a partir da conceituação apresentada por Paul Ricoeur, que a narrativa assegura a inteligibilidade da experiência social, a noção de acontecimento também deve estar ligada à ideia de construção. O relato produzido pela narrativa representa o acontecimento jornalístico em uma configuração temporal que ocasiona ação e interpretação. Fazendo referência a Arquembourg (1996), Antunes (2008) destaca que a estrutura temporal de um acontecimento jornalístico possui três níveis: a temporalização gerada pela trama da narrativa; a perspectiva temporal da enunciação e as referências temporais que caracterizam o acontecimento.

Citando Sodré (2005), o autor aponta que, para a definição tradicional do jornalismo, o acontecimento jornalístico é classificado, de acordo com tempo e modo de ocorrência, como: previsto, quando permitem um conhecimento antecipado; imprevisto, aqueles que possuem caráter inesperado, e misto, os que reúnem o previsto e o imprevisto. Muitos autores defendem uma visão naturalista do acontecimento, baseada no discurso da mídia de informação, ao identificarem o acontecimento somente como ruptura e emergência de algo novo. Contrariando essa visão, Charaudeau (2006) argumenta que existem critérios internos que definem e organizam o acontecimento para torná-lo inteligível. Dessa forma, o jornalismo também integra o “novo” a categorias já existentes, construídas pela experiência social e pelo próprio sistema de informação. Assim, “há, pois, uma figuração dos acontecimentos com base em uma estrutura arquetípica, há um padrão que retém alguns

acontecimentos e despreza outros, os fatos visam os acontecimentos procurando de certa maneira estabilizá-los.” (ANTUNES, 2008, p. 4)

Elton Antunes (2008) defende que é preciso diferenciar os conceitos de acontecimento e acontecimento jornalístico. Com base em definição apresentada por Arquembourg Moreau, o autor destaca que a partir do ponto de vista fenomenológico o acontecimento é uma ruptura dentro de uma ordem de coisas. Do ponto de vista biográfico o acontecimento implica uma quebra de expectativa. Mas na mídia o acontecimento surge a partir de um “processo evenemencial”, a partir do qual a desordem e imprevisibilidade do acontecimento são colocadas em um quadro contextual, um mundo significado. Dessa forma,

à percepção de algo que perturba uma ordem opõe-se, pelo relato jornalístico, um enredamento de causas, propósitos, motivos agentes. O acontecimento funciona, pois, como uma ocorrência inicial que demanda a construção de uma interpretação, sua transformação em fatos, em acontecimentos jornalísticos. (ANTUNES, 2008, p. 4)

O acontecimento jornalístico surge a partir de um olhar que procura delimitar o contexto de sua emergência e explicar-lhe o sentido. O autor cita Arquembourg (2003) ao argumentar que os meios de comunicação recebem uma demanda de informação e sentido. Surge a partir desse contexto a necessidade de explicar o acontecimento por meio de uma trama lógica. Essa trama é montada com base na identificação de um resultado. Destaca-se, entretanto, que reduzir a indeterminação do acontecimento não significa traçar uma única determinação. O jornalismo constitui um dispositivo que assegura a identificação do acontecimento através da arquitetura de um discurso. Assim, o discurso da informação faz o acontecimento circular. Ao narrar, o jornalista torna presente as coisas passadas.

O discurso jornalístico está centrado na atualidade e por isso tem dificuldade em lidar com o passado e imaginar o futuro. Fazendo referência a Charaudeau (2006), Antunes (2008) considera que a notícia baseia-se em uma visão superficial do mundo, na qual não há perspectiva quanto ao passado ou projeção para o futuro. Para Arquembourg-Moureau (2003, *apud* CHARAUDEAU, 2006), no processo de transformação do acontecimento em acontecimento midiático podem-se verificar três partições temporais: o tempo da emergência, da inteligibilidade e do reconhecimento.

De acordo com Elton Antunes (2008), a construção do acontecimento jornalístico está ancorada na ideia comum de tempo. Para o autor, o jornalista tem obstinação não apenas em coletar a informação, mas também em explicá-la. Alguns autores consideram que a informação jornalística democratizou o acontecimento. Segundo Thompson (1995), cada vez

mais nossa compreensão do mundo fora do alcance da nossa experiência é modelada pela mediação das formas simbólicas. Na visão de Antunes (2008, p. 12), “o acontecimento jornalístico é uma forma simbólica por excelência para essa nova condição de estar no mundo.” Para o pesquisador, a midiaticização acelerada da existência acentua o distanciamento da vida cotidiana. O autor faz referência a Quèrè (2005) que, na esteira de G. H. Mead, chama a atenção para a dualidade do acontecimento. Por um lado, ele pode ser visto como um processo gerado a partir de uma trama sequencial, todavia, o acontecimento também pode ter uma função inaugural.

3.4 ACONTECIMENTOS MEDIÁTICOS

Elihu Katz (1993) destaca que os críticos da radiodifusão argumentam que a sociedade perdeu o sentido de ocasião. Eles afirmam que as pessoas se arrumavam para sair e agora ficam em casa assistindo televisão. Antes as artes juntavam as pessoas, atualmente a televisão fornece cultura ininterruptamente. A consciência de que inúmeras pessoas estão a ver os mesmos programas mantém a sociedade unida, mas o sentido de ocasião tem sido mitigado. Destaca-se que, no artigo em questão, Elihu Katz não faz referência à internet devido ao fato de ter formulado o texto em uma década em que tal meio de comunicação não se fazia tão presente no cotidiano das pessoas como nos dias atuais. Apesar disso, considera-se pertinente recorrer às pontuações feitas pelo autor, uma vez que muitas delas ainda podem ser aplicadas à comunicação na contemporaneidade.

No texto referendado, o pesquisador afirma que sua crítica não se dirige à qualidade dos programas de televisão, mas à sua ubiquidade. Mas os *media* não são os únicos culpados pelo declínio das artes populares, por exemplo; a culpa provém de todas as pressões da modernidade. Paradoxalmente, a história está marcada por inúmeros programas que captaram a atenção de uma nação ou do mundo. Essas emissões de radiodifusão são conhecidas por acontecimentos mediáticos. Para Elihu Katz (1993), esses acontecimentos, durante instantes, restauraram o sentido de ocasião. Os acontecimentos mediáticos são difundidos *ao vivo*. Esses acontecimentos geralmente são iniciados pelos *media*. A organização deles toma como pressuposto a cobertura dos *media*. O processo é carregado de emoções ou símbolos, de forma que o ritual é essencial. Esses acontecimentos buscam atrair o

público para algo comovente. Eles são esperados e publicitados. São acontecimentos enquadrados no tempo e no espaço, uma vez que devem estar centrados para manterem a atenção do público. Os Jogos Olímpicos constituem um exemplo de acontecimento mediático.

Nesses acontecimentos, dá-se centralidade a personalidade. Todos os acontecimentos que se enquadram na categoria em questão têm um herói. Finalmente, Elihu Katz (1993, p. 54) sintetiza as características do acontecimento mediático na seguinte proposição:

Estas parecem ser então as condições necessárias: (1) transmissão ao vivo, (2) de um acontecimento pré-planeado, (3) enquadrado no tempo e no espaço, (4) pondo em destaque um grupo ou uma personalidade heróica, (5) com grande significado dramático ou ritual, e (6) a força de uma norma social que torna o ato de assistir obrigatório.

De acordo com o autor, o jornalismo oriental não enfatiza os acontecimentos negativos na mesma intensidade como o faz o jornalismo ocidental. No Ocidente é típico o acontecimento noticioso pautado em uma *estória* de conflito. Esses conflitos podem ser dar entre homens, entre nações ou entre homens e a natureza, para citar alguns exemplos. “Os acontecimentos midiáticos, todavia, parecem ser diferentes. Mais do que relatar o conflito, eles celebram a resolução ou o vencer do conflito, ou, se lidam com o conflito, é o conflito do gênero mais institucionalizado.” (KATZ, 1993, p. 55) Assim, os acontecimentos mediáticos promovem uma espécie de processo de reconciliação. Esses acontecimentos se constituem como “grandes dias de festas” e dizem algo sobre a unicidade da sociedade e a nobreza do homem.

Elihu Katz (1993) distingue três tipos de acontecimento mediático, são eles: missão heroica (é a história de um herói a desafiar a lei), ocasião de estado (quando a ocasião marca o começo ou o fim de uma era ou quando se abre um poço de incerteza) e competição (quando a confrontação tem um caráter simbólico). O autor destaca que os acontecimentos mediáticos possuem elementos dramáticos. Um desses elementos é o fato de que mesmo sendo de natureza programada, os planos podem falhar devido a imprevistos. Destaca-se ainda que, devido ao fato destes acontecimentos serem transmitidos em direto, surge o problema de como contar a “estória” enquanto ela está se desenrolando. A escolha do acontecimento também constitui um problema, uma que vez que o jornalismo encara o acontecimento de forma diferente do historiador.

Ressalta-se também que os acontecimentos são em parte moldados pelos *media*. A presença da câmera provoca diferenças. A transmissão *ao vivo* modela o acontecimento e desperta emoção. Cria-se um sentido de ocasião, as pessoas se identificam com os heróis. Uma das características mais marcantes dos acontecimentos mediáticos é a emocionalidade que eles causam. A canalização das emoções também pode ter efeitos políticos. Além disso, a transmissão dos acontecimentos pode torná-los mais importantes.

3.5 HOMENS E ACONTECIMENTO: UMA RELAÇÃO HISTÓRICA

Edgar Morin (2009) pontua que, de acordo com o ponto de vista sociológico, acontecimento é tudo o que não se inscreve nas regularidades estatísticas. Dessa forma, um crime ou um suicídio não é um acontecimento, mas uma onda de crimes ou suicídios pode ser considerada acontecimento, assim como assassinato de pessoas famosas. A partir deste ponto de vista, o acontecimento é a novidade, a informação. Ele possui caráter destruturante. Assim, a informação perturba os sistemas racionalizadores que procuram preservar a relação de inteligibilidade entre o receptor e o mundo. O acontecimento dá origem a novas questões, abala a estrutura racionalizadora, possui um caráter questionador. Com frequência, sob o impacto de acontecimentos históricos, passamos a questionar nossos sistemas explicativos.

Morin (2009) destaca ainda que o acontecimento é perturbador-modificador, acidente. Desencadeia uma ação evolutiva-involutiva. Se for perturbador demais, causa um movimento de regressão que faz surgir um fundo arcaico protetor. A morte, por exemplo, desencadeia os ritos dos funerais e do luto. “O acontecimento suscita um processo de inovação que vai integrar e difundir a mudança na sociedade” (MORIN, 2009, p. 28). Dessa forma, o acontecimento abre espaço para se estudar os processos de evolução-involução nas sociedades.

O acontecimento foi identificado como a singularidade, o acidente, a contingência e, por isso, foi expulso da sociologia, destaca Morin (2009). De acordo com o autor, a sociologia tende a trabalhar em torno de leis e sistemas. Faz-se menção ao acontecimento originário a partir do qual o universo teria surgido. Fenômenos captados pela astronomia reforçam que o universo veio a existir a partir de uma dispersão explosiva que teria dado origem a história evolutiva. Com isso, a *physis* teria entrado no *cosmos*.

O cosmos seria um processo que se desenvolve no tempo, ele é, ao mesmo tempo, universo e acontecimento. É universo por possuir traços regulares e é acontecimento por seu

caráter singular. Assim, o universo poderia ser considerado um acontecimento que evolui há seis bilhões de anos. Tempo e espaço estão indissolivelmente ligados ao advento-acontecimento do mundo. Nesse sentido, a matéria tem uma história. Os primeiros passos na direção da organização ocorreram quando as partículas, no momento em que a energia era dissipada por irradiação, se juntaram em núcleos, formando átomos e dando origem a propriedades individuais.

Seguindo-se por essa lógica, conclui-se que “a natureza singular e evolutiva do mundo é inseparável de sua natureza acidental e circunstancial.” (MORIN, 2009, p. 48) O princípio de evolução aparece através de uma criação sucessiva de ordem e de objetos sempre mais complexos. A vida parece caracterizar um acontecimento de grande improbabilidade. Talvez a única maneira de um sistema responder ao acaso seja integrar *em si o acaso*. Morin (2009) faz referência aos conceitos de “decisão” e “escolha” para evocar as constantes dualidades que permeiam o universo. Quando duas respostas possíveis oferecem oportunidade e risco, elas constituem *elementos-acontecimentos aleatórios*. A decisão é intrínseca ao sistema biótico, ela soluciona a contradição proposta pelo sistema acoplado. Com isso, surge a necessidade de unir.

Nesse ponto, Morin (2009) faz referência a teoria de Gregory Bateson sobre *double minde*, o obstáculo duplo inerente ao espírito esquizofrênico que diante de injunções contraditórias se vê paralisado. Assim, o esquizofrênico estaria na ortodoxia biótica e seria, portanto, o homem “normal”. Contraditoriamente, o homem chamado “normal” em nossa sociedade, é unidimensional, elimina o antagonismo para evitar o drama da escolha, é unívoco. O aparecimento do homem é um acontecimento por si mesmo. Com ele, a evolução se transforma em História e os acontecimentos passam a intervir de maneira nova nos sistemas sociais. Os antagonismos internos desempenham papel motor no desenvolvimento dos sistemas sociais, provocando catástrofes. Assim, os sistemas sociais são geradores de acontecimentos. O autor acrescenta que

são os acontecimentos internos provenientes de “contradições” no seio dos sistemas complexos e muito frouxamente estruturados, e os acontecimentos externos provenientes dos encontros fenomenais que fazem *evoluir os sistemas*, e, finalmente, na dialética sistemo-circunstancial, provocam a modificação das estruturas. (MORIN, 2009, p. 58)

O desenvolvimento representa mais do que um mecanismo autogerativo. Morin (2009) questiona se nossa sociedade em processo de evolução e em permanente mudança não seria uma sociedade em permanente crise. Sociedades catastróficas que utilizam as forças

desestruturantes para se reestruturarem de outra forma. Em uma sociedade que evolui, os acontecimentos se multiplicam. A sociedade se destrói para se recuperar. A própria personalidade se constitui a partir de acontecimentos. O encontro de temas conflituosos, provenientes da informação genética e sociologia, é gerador de conflitos. O desenvolvimento é resultado da dialética entre acontecimentos internos e externos. É nestes entrechoques que a personalidade se constitui.

Enquanto a noção de *elemento* depende de uma ontologia espacial, a noção de *acontecimento* depende de uma ontologia temporal. Seguindo-se por essa vertente, entende-se que qualquer elemento pode ser considerado um acontecimento, uma vez que manifesta atualização por estar situado na irreversibilidade temporal. “O tempo marca todas as coisas com um coeficiente de *circunstancialidade*” (MORIN, 2009, p. 62). O autor destaca que existe ambivalência entre elemento e acontecimento. “A natureza acidental aleatória, improvável, singular [...] do acontecimento depende do *sistema* segundo o qual ele é considerado. O mesmo fenômeno é acontecimento em um sistema, elemento em outro” (MORIN, 2009, p. 68). Dessa forma, o autor insinua que o conceito de acontecimento é relativo, depende do ponto de vista a partir do qual é visualizado.

3.6 A FUNÇÃO DA CULTURA NO PROCESSO DE ENQUADRAMENTO DO ACONTECIMENTO

Na concepção de Edgar Morin (2009), o problema mais original apresentado pelo acontecimento se constitui pelas novas organizações. A tendência organizadora surge a partir do acidente, do fenômeno perturbador. Para Morin (2009), a evolução é um fenômeno de natureza cósmica. Ela é permeada por progressão (desenvolvimento), mas também por regressão e destruição. Os acontecimentos desempenham um papel indispensável na teoria da evolução. Ele interessa a todas as ciências. O acontecimento é o problema filosófico da improbabilidade do ser.

Para o autor, o domínio da cultura constitui um fenômeno noológico. A noção de noologia conduz às regras do cérebro ou espírito humano. Os fenômenos noológicos constituem um sistema aberto. A realidade social e humana pode ser considerada como seu ecossistema. O sistema aberto não pode manter-se se não extrair energia do seu ambiente. Dessa forma, os seres vivos dependem do seu ecossistema. A teoria dos sistemas define que um sistema aberto não pode encontrar nele mesmo a justificação de sua própria organização. Morin (2009) enfatiza que a totalidade do sistema representa mais que a soma dos diversos

elementos que o compõem. O autor nomeia como emergências as qualidades do conjunto desconhecidas ao nível das partes. Em contrapartida, algumas qualidades das quais as partes dispõem estão atrofiadas devido às pressões organizacionais do sistema.

Quando acontece uma emergência em um sistema, ocorre o fenômeno de *feedback*. Morin (2009) apresenta uma crítica ao materialismo ao afirmar que devemos sempre tentar conceber relações complexas ao invés de nos satisfazermos com relações hierárquicas que definem a infra-estrutura e a superestrutura. Defende-se, assim, a necessidade de considerar a complexidade “noológica” quando se reflete sobre a vida. Fazendo referência a Hurssel, Edgar Morin (2009) pondera que a vida não tem apenas um sentido fisiológico. Devido a isso, é preciso considerar a vida do espírito e das ideias. A vida é auto-regulatória e persegue determinados fins.

Edgar Morin (2009) considera que as religiões e crenças são elementos fundamentais da cultura. Os deuses “existem” para os grupos que creem neles. A existência do deus é incontestável em toda religião vivida. A relação ecossistêmica é de simbiose e parasitismo mútuo. Nós parasitamos os deuses quando exigimos serviços e eles nos parasitam porque exigem cultos. A mesma relação de parasitismo e simbiose ocorre com o universo imaginário das mitologias. Dessa forma, os mitos podem ser comparados aos deuses. As ideologias também podem ser consideradas a partir de uma perspectiva noológica. As ideologias são mais abstratas do que as mitologias, se constituem por um sistema de ideias que têm vida própria.

Não se pode dizer como as ideias se reúnem ou se repelem. Dessa forma, não se pode definir como sequências de conceitos se tornam sistemas ideológicos. A evolução das ideias nunca é um fenômeno linear. Edgar Morin (2009) considera que a cultura faz comunicar experiência existencial e saber. Segundo o autor,

tratar-se-ia de um sistema indissociável em que o saber, estoque cultural, seria registrado e codificado, assimilável apenas por detentores do código, os membros de uma dada cultura (linguagem e sistema de signos e símbolos extralingüísticos); o saber seria, ao mesmo tempo, constitutivamente ligado a padrões-modelos (patterns) que permitem organizar, canalizar as relações existências, práticas e/ou imaginárias. (MORIN, 2009, p. 77)

Assim, o sistema cultural extrai da existência a experiência que fornece os quadros que assegurarão a conduta operacional. Considera-se a cultura como um sistema metabolizante. O autor destaca que enquanto nas sociedades arcaicas havia uma unidade cultural sincrética dos saberes e experiências, a nossa sociedade pode ser considerada

policultural. Nesse contexto, a cultura ilustrada é considerada como uma espécie de supercultura. Na visão de Morin (2009), existe uma distinção global entre os cultos e os bárbaros.

Dessa forma, a cultura é permeada por uma hierarquização contínua. A cultura é o código que permite à linguagem comunicar-se com a existência. O autor destaca ainda que “a cultura de massas, como a cultura ilustrada, comporta uma parte mitológica-onírica que se apresenta não sob a forma de crença religiosa ou de fé patriótica, mas de ficções, espetáculos, divertimentos.” (MORIN, 2009, p.100) Segundo o autor, a mitologia da cultura de massas começou a degradar-se nos anos 60. Os olímpicos da Antiguidade, deuses-modelo que mostravam a salvação, foram substituídos por astros da inquietude. Os problemas do mal-estar são apresentados na grande imprensa. A mitologia da felicidade transformou-se em problemática da felicidade. Edgar Morin (2009) observa que nem todos os progressos do individualismo podiam deixar de aumentar a insuportável dor causada pela morte dos parentes, o temor da própria morte, a busca por uma vida no além.

O autor destaca também que o meio urbano pode ser considerado um ecossistema, uma vez que ele envolve vários sistemas (indivíduo, grupo, empresa, instituição) que estão em relação de independência-dependência. O ecossistema sócio-urbano possui uma ordem maior do que o natural porque diversos centros o controlam mais ou menos. Mas apresenta, em contrapartida, uma desordem maior porque a conduta dos indivíduos humanos é muito mais imprevisível que a dos sistemas biológicos naturais.

4 RELAÇÕES HUMANAS: UM FLUXO CONSTANTE DE BUSCA POR IDENTIDADES

Neste capítulo procura-se traçar um panorama geral sobre as interações sociais que o homem vem construindo ao longo de sua constante busca por estabelecer sentidos sobre a existência humana. Centra-se na relação entre sujeitos, narrativas e os símbolos. Pressupõe-se que, por meio da interação desses três fatores, identidades vão sendo traçadas e desfeitas. Reflete-se também sobre como a mídia adentrou o processo de sociabilidade a partir do qual os indivíduos se situam no mundo. São traçadas ainda discussões sobre a condição do homem da modernidade e sua provável transição para a pós-modernidade.

4.1 COMPLEXA NATUREZA HUMANA

Como pontua Edgar Morin (2007), o ser humano permanece um mistério para si mesmo. Todas as ciências e artes iluminam o fenômeno humano. Mas esse foco de luz não é capaz de alcançar a unidade complexa da nossa identidade. Quanto mais conhecemos o ser humano, menos o compreendemos. Morin (2007) afirma que os princípios de redução e separação que reinaram nas ciências humanas as tornam inumanas e impedem que se pense o humano. Em muitos casos, elimina-se a surpresa e interrogação sobre a identidade humana. Na concepção do autor, a terra constitui um laboratório onde se manifestam as constantes e variações humanas. Casos extremos, como Buda, Jesus, Hitler e Maomé permitem compreender melhor o ser humano. Além disso, desumanidade como a escravidão, o campo de concentração e o genocídio são reveladores de humanidade.

Morin (2007) argumenta que o humano não deve ser reduzido ao humano, fazendo referência a Romain Gary, ele afirma que “a palavra humanidade contém desumanidade: a desumanidade é uma característica profundamente humana.” (2007, p. 17) Para Morin, a pergunta “quem somos?” é inseparável de “onde estamos?”. Para conhecer o humano é preciso situá-lo no universo, esse acontecimento inenarrável. O universo está em constante modificação devido ao infundável movimento de criação e destruição. O autor nomeia esses fenômenos como uma incompreensível aventura cósmica. O ser humano não foi capaz de entender sua própria origem.

A cultura é o meio pelo qual o homem procura se situar em meio a toda essa confusão que acomete a existência consciente. Nas palavras de Morin (2007, p. 33) “a aptidão natural para aprender encontrará seu pleno emprego na cultura, que constitui um capital de elementos adquiridos e de métodos de aquisição.” O autor ressalta ainda que “a cultura, comportamento, linguagem de articulação dupla, a presença do mito, o desenvolvimento das técnicas, é propriamente humano.” (MORIN, 2007, p. 35) A cultura é constituída por um conjunto de hábitos que se perpetuam de geração em geração, ela gera e regenera complexidades sociais. Para Morin (2007), ela é responsável por impedir que o ser humano seja um primata do mais baixo escalão, dessa forma, constitui o primeiro capital humano. A linguagem tem um importante papel na formação do homem, somos abertos ao outro por meio da linguagem. Outra característica peculiar ao homem é a consciência. O indivíduo humano tem capacidade de se considerar como objeto sem deixar de ser sujeito, por meio da

reflexividade. Os animais têm comportamentos racionais, mas a originalidade do homem está presente na mitologia e na magia.

A criação de um universo imaginário (mitos, crenças, religiões) é tão importante para a humanidade quanto a técnica. Segundo Morin (2007), o ser humano se define a partir da trindade indivíduo/sociedade/espécie. O indivíduo sofre interferências da ordem biológica (pulsão) e da ordem social da cultura. Todas as nossas ações são biológicas e culturais ao mesmo tempo. As ocorrências mais biológicas, como nascimento, sexo e morte, são impregnadas de cultura e símbolos. As culturas são diferentes de uma sociedade para a outra e de uma época para a outra. O mesmo acontece com as mitologias e com os ritos de morte. Cada cultura tem seu capital específico de crenças. Em todo indivíduo há pensamento racional e pensamento simbólico.

Edgar Morin (2007) pontua que a morte é motivo de sofrimentos e angústias, existe uma unidade mental dos seres humanos diante da morte. O autor destaca ainda que, por diversas que sejam, as culturas têm um mesmo fundamento. “Em todas as sociedades há música, canto, poesia. Em todas as sociedades, há racionalidade e religião, técnica e magia, rito, culto.” (MORIN, 2007, p. 61) Deve-se considerar que

cada ser humano carrega, em potencial, o pior e o melhor do humano, que a desumanidade faz parte da humanidade e, como bem disse Ramais Gary, essa desumanidade é atualizada segundo a força de pulsão ou inibida conforme a força do interdito; esquece-se também que o tirano desumano é capaz de sentir amor, ternura, amizade. Conforme os indivíduos e as culturas, a prática de vingança é virtual em cada um de nós, sendo mais fraca a capacidade de perdoar. (MORIN, 2007, p. 63)

A cultura representa uma herança social do ser humano, ela alimenta a especificidade das identidades individuais. Por isso, as culturas são incompreensíveis umas às outras. O indivíduo é uma pequena partícula da vida, mas, ao mesmo tempo, carrega a plenitude da realidade viva. Citando Montaigne, Edgar Morin (2007, p. 73) afirma que “cada homem carrega a forma inteira da condição humana.” O sujeito vive para si e para o outro, ele surge para o mundo por meio da intersubjetividade. Podemos até mesmo ser possuídos subjetivamente por um deus e sermos comandados por ele. O homem também possui aptidão para objetivar, ver a si mesmo como outro. Além disso, o ser humano tem consciência da morte que representa seu próprio aniquilamento. O Eu é permeado pelo cérebro biológico e pela cultura social. O sujeito não está sozinho porque o outro habita nele, ao mesmo tempo, ele está sozinho no espaço egocêntrico. Edgar Morin (2007, p. 81) acrescenta ainda que

o sujeito humano é complexo por natureza e por definição. Sujeito engraçado, portanto, pois, ao mesmo tempo, apresenta-se como singular e comum, comunicador e incomunicável. Além disso, precisamos situá-lo à trindade humana, situá-lo numa cultura, numa história.

O autor destaca ainda que a espécie humana é separada e unida pelo masculino e feminino. As culturas estabelecem uma diferenciação entre homens e mulheres em papéis sociais. Profundas discontinuidades operam em nós ao longo da vida. Cada idade tem suas experiências e verdades. Muitas vezes, nossa ideia simplista da identidade mascara essa diferenciação. Morin (2007) pontua que o principal paradoxo do indivíduo humano é a não-identidade da identidade. A capacidade de auto-objetivação permite que cada um dialogue mentalmente consigo mesmo.

Nossos pais e nossos ascendentes estão presentes em nossa identidade. Temos aptidão para a duplicação, por isso somos capazes de mentir para nós mesmos. Edgar Morin (2007) explana ainda que o maníaco e o depressivo podem se suceder em um mesmo ser sem se comunicarem. As identidades que podem emergir são numerosas. O ser humano é constituído por um tecido de contradições. “Enfrentamos a descontinuidade da identidade, passando de um ser generoso a um assassino potencial, de um ser desprezível a um ser adorável.” (MORIN, 2007, p. 90)

Às múltiplas personalidades se juntam uma multiplicidade de papéis sociais. Morin (2007) afirma que a mimese é um importante papel da vida humana. Temos aptidão para imitar personagens no teatro da vida. A mimese humana representa a projeção de si em outro. Além disso, carregamos personalidades que não conseguem se cristalizar. Em meio a toda essa complexidade que perpassa o homem e o mundo que o cerca, foram desenvolvidas analogias que procuram simplificar o inexplicável. Para Morin (2007), essas analogias criam identificações e ligações onde a lógica separa.

Para o pensamento mitológico, por exemplo, o sol era considerado um carro que surgia no Oriente e terminava sua corrida no Ocidente. O relâmpago e o vulcão representavam a cólera de um deus. O homem também faz uso de símbolos para se localizar no mundo. A palavra pode deixar de ser apenas signo e se tornar símbolo. O símbolo evoca sentido, tem relação de identidade com o que simboliza. Assim, adora-se a bandeira que simboliza a pátria. Os símbolos alimentam o pensamento mítico.

Na própria racionalidade há emoção e paixão. O homem pode se obstinar com os enigmas e mistérios da existência e do universo. A aventura do mito surgiu junto com o *homo*

sapiens. Na concepção de Morin, “o mito perdeu seus hábitos tradicionais e introduziu-se na esfera aparentemente laica das sociedades: o mito moderno pode, ao contrário do antigo, dispensar deus e até mesmo a narrativa.” (2007, p. 106) O autor defende que o mito não foi expulso pela racionalidade moderna. O real é terreno do mito. Nunca se encontrou razão para o existente. “O mito surge na humanidade não apenas do abismo da morte, mas também do mistério da existência. Em realidade, sempre, em todas as sociedades, há/haverá, ao mesmo tempo, racionalidade, mitologia, religião.” (MORIN, p. 107)

Na visão do autor, a criatividade é um grande mistério do espírito. Ainda de acordo com ele, o mimetismo está ligado à possessão e a histeria. O espírito comporta o psiquismo e a alma humana surge a partir das bases psíquicas da sensibilidade. O olhar funcionalista não percebe a alma. Ela está além da linguagem, é da poesia e da música. A duplicação operada pela consciência permite ao sujeito considerar a si mesmo objetivamente, apesar de a consciência só poder ser subjetiva. Nesse ato se exprime a necessidade humana de objetividade. O humano possui um comportamento irracional, louco e delirante. “Desde os caçadores-coletores arcaicos até os camponeses do neolítico, encontramos indícios de ferimentos, de execuções, suplícios, massacres, sacrifícios. O instrumento *sapiens* serviu ao assassino *demiens*.” (MORIN, 2007, p. 117)

4.2 DOMESTICAÇÃO DOS INSTINTOS HUMANOS

De acordo com Edgar Morin (2007), por meio de normas, interdições e punições da lei, a cultura e a sociedade proíbem as pulsões destrutivas. Porém, uma humilhação ou uma atitude agressiva podem despertar nossa agressividade. Para Morin (2007) a *hubris* se manifesta quando ocorre a ausência de três fatores: do mundo exterior, onde o desejo é vencido pelo princípio da realidade; o da racionalidade e o social da cultura. Essas loucuras estão escondidas nos germes de todos os indivíduos. “O que nos diferencia dos outros é o maior ou menor controle, sublimação, dissimulação, transformação de nossa própria loucura.” (MORIN, 2007, p. 119)

A ligação entre o *homo sapiens* e o *homodemiens* ocorre por meio da afetividade. A própria racionalidade comporta afetividade. “A vida humana necessita de verificação empírica, de correção lógica, do exercício racional da argumentação. Mas precisa ser nutrida

de sensibilidade e de imaginário.” (MORIN, 2007, p. 122) A angústia causada pela expectativa do aniquilamento de si pode ser fonte de demência.

Quando a realidade objetiva contraria a aspiração subjetiva, especialmente com a morte, o egocentrismo tende a impregnar essa realidade com suas secreções subjetivas. Assim, o ser humano é submetido a um confronto ininterrupto entre o princípio do desejo e o princípio da realidade, entre a sua necessidade de respeitar a realidade e a sua tendência a negá-la. A partir daí, os mitos e as ilusões vão, não negar a realidade, mas tecer uma realidade suportável. (MORIN, 2007, p. 124)

O mito não anula a rejeição da morte. A realidade humana comporta uma parte horrível. A existência do gênio prova que o homem não é prisioneiro da lógica e do real. O *brainstorm* liberta a livre fantasia, mas também pode gerar caos e desintegração. Dessa forma, a possibilidade do gênio também pode revelar a possibilidade da loucura. O *homo* não é apenas *sapiens* e *faber*. Vivemos além quando odiamos, sonhamos ou oramos. A razão não exclui a loucura. Edgar Morin (2007, p. 128) destaca ainda que “não se pode eliminar a loucura, mas seria preciso conseguir eliminar seus aspectos horríveis. A loucura é um problema central do homem, não apenas o detrito ou a sua doença.”

O ideal de *sapiens-faber-economicus* vê um ser ligado apenas à materialidade do mundo exterior; dessa forma, ele elimina o imaginário humano. Morin (2007) destaca que vivemos em um universo povoado por mitos. “Se o *homo* é, ao mesmo tempo, *sapiens*, *demens*, afetivo, lúdico, imaginário, poético, prosaico, se é um animal histérico, possuído por seus sonhos e, contudo, capaz de objetividade, de cálculo, de racionalidade, é por ser *homo complexus*.” (MORIN, 2007, p. 142) O autor é ainda mais enfático ao discorrer sobre a condição humana quando apresenta a seguinte reflexão:

a realidade é cruel com o ser humano, abandonado na Terra, ignorando seu destino, submetido à morte, não podendo escapar às perdas fatais, aos riscos da fortuna, às penas, servidões, á maldade de ordem propriamente humana, ela é ainda mais cruel quando ele está plenamente consciente e sensível. (MORIN, 2007, p. 142)

Em meio a esse caos, o homem procura encontrar conforto sobrenatural no mito. Dessa forma, ele busca superar o horror e proteger sua alma. A fé em uma religião ou ideia faz suportar a crueldade do mundo. O conjunto mito-rito-religião cicatriza a angústia. Para Morin (2007, p. 150) “a laicização da sociedade levou ao desenvolvimento não apenas da religião da nação, (...) mas também de uma religião do amor que acompanha o desenvolvimento da individualidade moderna”.

O compromisso com a realidade nunca bastou ao homem. Sempre houve a vontade de dominar a realidade para que ela se torne suportável. Isso foi feito, por exemplo, por meio da técnica, da ciência e da magia. Morin (2007, p. 153) pontua ainda que

a magia e a ciência puderam, de maneiras diferentes, agir sobre o real impondo-lhe uma vontade de controle. Acontece que o real só obedece parcialmente à magia e começa a revoltar-se contra a tecnociência. Só podemos dominar local, provisória e imperfeitamente a realidade para fazê-la obedecer aos nossos desejos; e o excesso de controle volta-se contra nós. Somos remetidos, ainda aqui, aos compromissos, seja neuróticos, seja cooperativos, com o real, entre eles, os mais ricos e belos estéticos e poéticos.

A angústia humana pode ser recalcada de diversas formas, mas não exterminada. A dialógica *sapiens-demens* é inerente à condição humana. A relação racionalidade/afetividade faz parte do destino humano. Morin (2007) apresenta uma diferenciação entre as sociedades arcaicas e históricas. De acordo com o autor, enquanto a primeira categoria citada vivia da caça e coleta e obedecia as regras de parentesco, as sociedades históricas se diferenciavam pela amplitude demográfica e diferenciações internas. Foram as sociedades históricas que aniquilaram as arcaicas. Para Morin (2007, p. 165), “a cultura é a emergência maior da sociedade humana.” Cada cultura concentra um capital técnico/cognitivo e mitológico/ritual. Cada cultura determina a manifestação das aptidões individuais, atua sobre a formação do espírito. Além disso, a cultura deu origem a uma noosfera povoada de mitos. Os indivíduos que não conseguem se adaptar à sociedade são colocados em asilos e prisões.

O surgimento do Estado é o principal acontecimento organizador das sociedades históricas. Até o século XXI, o Estado permanece o núcleo, depois se metamorfoseia nas nações modernas. Até as nações modernas, o Estado representa o aparelho central de controle da sociedade. O Estado é produtor de uma geratriz organizadora. Na concepção de Morin (2007), a dominação do Estado exerce pressão sobre o corpo e o espírito, ele é uma potência de subjugação e extermínio. Ainda de acordo com o autor, o destino histórico entre erupção há menos de 10 mil anos.

A história traz a primazia do tempo irreversível sobre o tempo cíclico, do tempo dos acontecimentos sobre o tempo repetitivo, do tempo agitado sobre o tempo circular. Embora construa ilhas ou arquipélagos de estabilidade, suscita a supremacia da mobilidade sobre a imobilidade. (MORIN, 2007, p. 202)

Edgar Morin (2007) apresenta uma diferenciação entre a história tradicional e a “nova história”. Enquanto a primeira narrou os golpes de Estado, ambições pessoais e a fúria das batalhas, a segunda privilegiou a continuidade. Fazendo menção dos acontecimentos que

constituem a história, o autor pontua que o acontecimento é imprevisto, inesperado, novo. A probabilidade do acontecimento “pode ser definida como a possibilidade mais verossímil por um observador bem informado, num determinado tempo e num certo local.” (MORIN, 2007, p. 206) Retomando as questões relacionadas ao homem, o autor destaca que indivíduo, sociedade e espécie são dimensões complementares. O ser humano não pode escapar ao *demens*, fonte da criatividade, imaginário e crime. Para o autor, o homem carrega em si a vida e o cosmo.

4.3 AS MEDIAÇÕES E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO

O ser humano tem relativa necessidade de atribuir sentido ao mundo social que o cerca. Desde as primeiras civilizações humanas que existiram no passado, o homem vem desenvolvendo narrativas que objetivam fornecer sentido à existência consciente. Essas narrativas muitas vezes se manifestavam por meio de mitos populares e tinham por meta explicar alguns fenômenos não passíveis de serem entendidos de maneira racional, como a morte, por exemplo. Dessa forma, o homem foi estabelecendo discursos que buscavam enquadrar alguns traços da experiência de viver, compartilhados por todas as pessoas, dentro de referências lineares de entendimento.

No início, esses discursos eram transmitidos oralmente e passavam de geração para a geração. Isso era feito por meio da preservação relativa da tradição, diz-se preservação relativa por se entender que o termo tradição não faz referência a costumes permanentes, mas a um discurso sobre o passado que se procura manter para que o sentimento de compartilhar uma história fortaleça a ideia de comunidade. Como pontuam Berger e Luckmann (2004, p. 18), “de fato também fluem [...] para dentro dos estratos inferiores de sentido da experiência do indivíduo elementos de sentido modelados historicamente nas vertentes mais antigas do agir social (tradições)”.

Assim, já os primeiros agrupamentos humanos tinham por objetivo construir narrativas que estabilizassem o mundo fenomenal no qual eles estavam inseridos. Com o passar do tempo, foram inventados outros meios de se promover esse efeito de estabilização, como a imprensa, por exemplo. A partir da invenção de Gutenberg, os livros e, posteriormente inúmeros outros veículos de comunicação, passaram a servir como suporte

para a transferência dos mitos que almejavam tornar a dor da existência consciente suportável. Como afirmam Berger e Luckmann (1995, p. 38), “apreendo a realidade da vida diária como uma realidade ordenada. Seus fenômenos acham-se previamente dispostos em padrões que parecem ser independentes da apreensão que deles tenho.” Porém, esses fenômenos não são independentes de tal apreensão feita a partir da sociabilidade, tal assertiva se confirma a partir do momento em que ocorre o rompimento discursivo acerca dessas concepções. Quando isso acontece, não é a realidade empírica que muda, mas o sistema simbólico a partir do qual as ações sociais são interpretadas e encaixadas em quadros de sentido.

A mídia representa apenas uma dentre as diversas instituições mediadoras de sentido na sociedade. Essas instituições estão em constante troca, de maneira que elas interagem discursivamente umas com as outras. Essa visão está em consonância com o ideal defendido por Martín-Barbero (1997, p. 258), segundo quem, “o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, [...] para a pluralidade de matrizes culturais.” Na medida em que esses embates políticos são travados, a sociedade dentro do qual eles acontecem vai alterando seus referenciais simbólicos. Como pontua Jorge Pedro Souza (2006, p. 226), “a realidade é socialmente construída, dia a dia, pelas práticas individuais e sociais, o que conduz a uma permanente redefinição e renegociação de regras, normas, significados e símbolos sociais”.

Por meio desse processo, o conhecimento armazenado pela sociedade vai sendo construído e modificado. O conceito de conhecimento utilizado aqui se refere a um conjunto de referenciais a partir dos quais as pessoas conseguem se localizar enquanto sujeitos no mundo social. Por meio desse conhecimento, torna-se possível produzir sentido sobre o mundo através de um movimento de interpretação que se baseia na cultura a qual se tem acesso. Os autores Berger e Luckmann (1995, p. 20) fazendo referência a Scheler afirmam que, “o conhecimento humano é dado na sociedade como um *a priori* à experiência individual, fornecendo a esta sua ordem de significação.” Dessa forma, existe um discurso social externo ao indivíduo que busca ordenar a realidade a fim de se produzir sentido sobre a vida humana.

Os sociólogos pontuam ainda que, “esta ordem, embora relativa a uma particular situação sócio-histórica, aparece ao indivíduo como um modo natural de conceber o mundo” (BERGER e LUCKMANN, 1995, p. 20). Ou seja, as pessoas aderem a discursos que

fornecem sentidos as suas vidas, tomando-os como se eles fossem a própria realidade empírica ou a única forma de concepção do ser consciente no mundo. Por esse caminho, elas procuram tornar suportável a dor de existir. Os sociólogos salientam que a mídia constitui uma das instituições especializadas na comunicação e produção de sentido. Sobre essa questão, os autores apresentam a seguinte consideração:

Uma palavra a respeito dos meios de comunicação de massa desde a atividade editorial até a televisão: como já se observou muitas vezes e acertadamente, essas instituições desempenham um papel-chave na orientação moderna de sentido ou, melhor, na comunicação de sentido. São intermediadoras entre a experiência coletiva e individual, oferecendo interpretações da realidade e de valores, os meios de comunicação selecionam, organizam (empacotam), transformam, na maioria das vezes no curso desse processo, e decidem sobre a forma de sua difusão. (BERGER e LUCKMANN *apud* MEDITSCH, 2010, p. 24)

Os assuntos que têm pautado a mídia com maior frequência, em determinado momento, revelam ideias que permeiam a sociedade, “burburinhos” que circulam pelo contexto social. Em contrapartida, ao mesmo tempo em que realiza esse movimento, a mídia também contribui com o agendamento das temáticas debatidas no contexto social em que se insere. Ocorre, dessa forma, um movimento dialético entre mídia e cultura. Devido a isso, essas instâncias devem ser consideradas em conjunto. Tal consideração está em consonância com a teoria defendida por Martín-Barbero, que apresenta a seguinte colocação: “em vez de fazer a pesquisa partir da análise das lógicas de produção e recepção, para depois procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das *mediações*” (1997, p. 292).

4.4 EVOLUÇÃO DAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO RUMO ÀS MEDIAÇÕES

Os primeiros estudos norte-americanos do campo da comunicação tinham caráter quantitativo e tendiam a considerar separadamente a mensagem e o receptor. Dessa forma, a cultura não era levada em consideração nessas pesquisas. O objetivo era aperfeiçoar os resultados da comunicação, uma vez que se buscava torná-la mais eficiente, de maneira que ela apresentasse a menor quantidade de ruído possível. Nota-se que essas pesquisas tinham cunho mercadológico e político. Alguns estudos partiam de demandas do Estado e outros dos grandes monopólios da área de comunicação de massas. A função dessa análise puramente matemática e qualitativa é: possibilitar a “transmissão de uma mensagem através de canais

mecânicos, e o objetivo é medir a capacidade de informação passível de se transmitir por um canal evitando-se as distorções possíveis de ocorrer neste processo” (ARAÚJO, 2001, p. 122).

Essas pesquisas norte-americanas em comunicação foram realizadas, entre os anos 1920 e 1960, principalmente dentro do campo de estudo *Mass Communication Research*. As três principais vertentes que existiam dentro desse campo eram: os grupos da Teoria Matemática da comunicação, a Corrente Funcionalista e a corrente voltada para o Estudo dos Efeitos da comunicação. A Teoria Matemática serviu de suporte para as outras correntes de estudo que se desenvolveram dentro da *Mass Communication Research*, já a Teoria Funcionalista originou-se nos estudos de Lasswell e buscava responder às perguntas: Quem? Diz o quê? Em que canal? Para quem? Com que efeito? Os Estudos dos Efeitos, por sua vez, pautam-se na teoria comumente denominada “Hipodérmica”. Dentro dessa corrente os meios são vistos como onipotentes e os indivíduos como seres passivos.

A partir dos anos 60 as pesquisas em comunicação começam a considerar outros fatores além dos quantitativos. O sujeito deixa de ser tomado como um ser passivo perante os meios de comunicação e, aos poucos, passa-se a considerar os *media* como apenas uma das instituições de mediação social, dentre inúmeras outras que estão em movimento de interação. As pesquisas foram se aperfeiçoando até que em determinado momento os estudos da comunicação passam a abarcar investigações sobre a cultura. Dessa forma, essas investigações e reflexões começam a atuar dentro de uma complexidade maior, tendência essa que se intensifica na medida em que se vai percebendo a própria complexidade da comunicação humana.

A partir dessa ampliação, nota-se a necessidade de considerar diversos fatores em conjunto dentro dos estudos da comunicação, uma vez que meio, mensagem, sujeito, cultura, dentre outras instâncias, se encontram em interação social constante. Devido a isso, para que as pesquisas sejam aperfeiçoadas, essa relação não pode ser ignorada. Como pontua Douglas Kellner (2006, p. 71), “a comunicação [...] é mediada pela cultura, é o modo pelo qual a cultura é disseminada, realizada e efetivada. Não há comunicação sem cultura e não há cultura sem comunicação.” Os estudos desenvolvidos a partir da perspectiva apresentada pelo autor tendem a pensar a cultura a partir da comunicação, como descreve Vera França (2006, p. 71), essa tendência “conduz os trabalhos de investigação para as mediações”.

4.5 MÍDIA E MODERNIDADE

4.5.1 O poder simbólico da imprensa na era moderna

Jonh Thompson (1998) sublinha a dimensão simbólica dos meios de comunicação. O autor destaca que não se pode preocupar tão somente com a dimensão técnica destes meios, os fatores técnicos são importantes, mas não podem encobrir o fato de que o desenvolvimento dos meios de comunicação é uma reelaboração do caráter simbólico da vida social. Ao utilizar-se dos meios de comunicação, os seres humanos tecem teias de significação para si mesmos. A comunicação mediada é sempre um fenômeno contextualizado, é implantada em contextos sociais diversos. É preciso considerar a complexa mobilização das condições sociais.

Fazendo referência a Pierre Bourdieu, Thompson (1998) afirma que os seres humanos agem dentro de um conjunto de circunstâncias previamente dadas, os “campos de interação”, dentro dos quais eles perseguem fins e objetivos variados. Os indivíduos se situam dentro desses campos, dependendo do tipo de recursos ao quais elas têm acesso. Quando institucionalizadas, essas posições adquirem estabilidade. A configuração dos campos de interação é definida pelas instituições. A posição que o indivíduo ocupa dentro de um campo depende do poder que ele ou ela possui. Segundo Thompson (1998), em sentido geral, poder é a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos. Os indivíduos podem aumentar seu poder por meio do acúmulo de recursos. O poder é um fenômeno que perpassa as mais diversas interações sociais.

O autor distingue quatro tipos de poder: “econômico”, “político”, “coercitivo” e “simbólico”. O poder econômico é resultado da atividade humana produtiva. O poder político deriva da atividade de coordenação e regulamentação dos padrões de interação dos indivíduos. Todas as organizações implicam algum grau de poder político. O poder coercitivo implica o uso de força física para subjugar um oponente. Todos os estados são sistemas de autoridade, uma vez que têm um sistema de regras e procedimentos. O estado pode fazer uso de diversas formas de coerção. A autoridade do estado também pode fazer uso da difusão de formas simbólicas que buscam sustentar a legitimidade do poder político.

O quarto tipo de poder, citado por Thompson (1998), é o simbólico. Esse poder provém da atividade de produção do significado das formas simbólicas. Os indivíduos estão o tempo todo envolvidos na troca de conteúdos simbólicos. O autor faz referências a três tipos de instituições que assumem um papel historicamente importante na acumulação dos meios de comunicação: instituições religiosas, instituições educacionais e instituições da mídia. Essas instituições atuam na construção de conteúdos ou formas simbólicas. Todos os processos simbólicos fazem uso de algum tipo de meio técnico. O conteúdo simbólico armazenado nos meios técnicos pode servir de fonte para o exercício de poder.

O poder exercido pelas autoridades religiosas e políticas sempre esteve ligado ao controle da informação. A reprodutibilidade das formas simbólicas aumentou devido ao desenvolvimento dos sistemas de escrita e de meios técnicos. A invenção da máquina impressora foi um passo decisivo para a ampliação da quantidade e velocidade da reprodução de mensagens escritas. Os meios de comunicação podem ser explorados comercialmente por meio da reprodutibilidade das formas simbólicas. As formas simbólicas podem ser “mercantilizadas”.

Os meios técnicos permitem o distanciamento espaço-temporal. O intercâmbio simbólico implica o distanciamento entre forma simbólica e contexto de produção. Os meios técnicos também pressupõem um processo de codificação. Quando os indivíduos decodificam mensagens, eles fazem uso de formas de conhecimento que fazem parte dos recursos culturais que eles possuem. Dessa maneira, ocorrem os intercâmbios simbólicos. Assim, o processo de compreensão necessita do apoio de uma grande quantidade de recursos culturais.

John Thompson (1998) também faz referência ao conceito de “massa”. De acordo com o autor, o termo não deve ser ligado apenas à questão de quantidade. Para ele, o que importa na comunicação de massa não é a quantidade de destinatários que recebe os produtos, mas que os produtos estão disponíveis para uma grande pluralidade de pessoas. Thompson (1998) destaca ainda que, apesar de o termo sugerir, os destinatários da mídia não se compõem por indivíduos passivos. O autor destaca, porém, que a comunicação face a face é dialógica, enquanto com muitas formas de comunicação de massa o fluxo de comunicação é em sentido único. Entretanto, atualmente, testemunham-se mudanças fundamentais na comunicação mediada. Os sistemas digitais inauguraram um novo cenário no qual a comunicação pode ser operada em maneiras flexíveis.

4.5.2 A indústria cultural e a mercantilização de formas simbólicas

De acordo com Jonh Thompson (1998), a “comunicação de massa” caracteriza uma série de fenômenos que emergiram de instituições que procuram produzir formas simbólicas para transmitir para uma pluralidade de pessoas em troca de remuneração financeira. O desenvolvimento das *indústrias da mídia* tornou possível a divulgação generalizada das formas simbólicas. Thompson (1998) considera que a mercantilização é um tipo de “valorização”. As formas simbólicas podem ser valorizadas de duas formas: por meio da “valorização simbólica” ou da “valorização econômica”. Com a valorização econômica, as formas simbólicas se tornam *mercadorias*. O autor apresenta o termo “bens simbólicos” para nomear as formas simbólicas mercantilizadas.

Assim, “a comunicação de massa implica a mercantilização das formas simbólicas, no sentido de que os objetos produzidos pelas instituições da mídia passam por um processo de valorização econômica.” (THOMPSON, 1998, p. 33) A comunicação de massa ocorre por meio de um fluxo *estruturado*, uma vez que ela estabelece uma separação entre o contexto de produção e de recepção. Dessa forma, os receptores pouco podem fazer para interferir no conteúdo da comunicação. O autor pontua ainda que

antes do desenvolvimento das indústrias da mídia, a compreensão que muitas pessoas tinham dos lugares distantes e passados era modelada basicamente pelo intercâmbio de conteúdo simbólico das interações face a face. A narração de histórias teve um papel central na formação do sentido do passado e do mundo muito além das mediações locais. Para muitas pessoas a compreensão do passado e de lugares distantes, como também do sentido da delimitação espacial e da continuidade histórica das comunidades a que elas pertenciam, era constituída principalmente pelas tradições orais produzidas e transmitidas em contextos sociais da vida cotidiana. (THOMPSON, 1998, p. 38)

A tradição oral não foi eliminada, mas foi suplantada pela difusão dos produtos da mídia. Cada vez mais nossa compreensão do mundo que não faz parte da nossa experiência pessoal está sendo modelada pela mediação de formas simbólicas. As barreiras espaciais estão declinando e o ritmo da vida social está cada vez mais acelerado. Nas formas primitivas de sociedade, a experiência do fluxo do tempo estava ligada aos ritmos naturais das estações e ao ciclo do nascimento e da morte. Os produtos da mídia são recebidos por pessoas que estão situadas em determinados contextos sócio-históricos caracterizados por relações de poder relativamente estáveis.

Assim, o “significado” das mensagens transmitidas pela mídia não é fixo para todos. No processo de interpretação das formas simbólicas, os indivíduos incorporam a compreensão que têm de si mesmos e dos outros. Algumas características do mundo moderno são resultado de transformações que tiveram início na Europa no último período da Idade Média. Em decorrência de inovações técnicas associadas à invenção da imprensa, as formas simbólicas começaram a ser distribuídas em escala sem precedentes. Thompson (1998) nomeia essas mudanças como “mediação da cultura”. Essa transformação foi se expandindo desde a segunda metade do século XV, junto ao desenvolvimento das organizações da mídia. Desde então, as indústrias da mídia atuam como uma base de poder simbólico.

O sucesso da exploração das técnicas de impressão, inicialmente desenvolvidas por Gutenberg, nos centros urbanos da Europa, dependeu da capacidade de mercantilizar formas simbólicas. A indústria gráfica representou o surgimento de novos centros de poder simbólico. Antes disso, esse poder era praticamente centralizado pela igreja e o estado. Por volta de 1450, Gutenberg tinha desenvolvido suas técnicas o suficiente para explorá-las comercialmente.

Publicações periódicas de notícias começaram a surgir na segunda metade do século XVI, mas as origens dos jornais modernos se situam nas primeiras décadas do século XVII. Thompson (1998) descreve que Harbemas argumenta que as transformações do poder político, junto ao desenvolvimento do capitalismo mercantil do século XVI, criaram condições para o surgimento de um novo tipo de esfera pública na Europa moderna. Harbemas atribui particular importância ao surgimento da imprensa periódica para a emergência da esfera pública burguesa.

Thompson (1998) destaca três tendências centrais nas indústrias da mídia desde o século XIX: a transformação da mídia em interesses comerciais, a globalização da comunicação e o desenvolvimento de formas de comunicação mediadas eletronicamente. A exploração comercial em grande escala das instituições da mídia começou a ser feita no início do século XIX. Durante grande parte da história da humana a maioria das interações sociais foi feita face a face. As tradições eram restritas em termos de alcance geográfico. “O desenvolvimento dos meios de comunicação cria *novas* formas de ação e interação e *novos* tipos de relacionamentos sociais – formas que são bastante diferentes da que tinham prevalecido durante a maior parte da história.” (THOMPSON, 1998, p. 77)

O autor caracteriza as relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa como “interação quase mediada”. Com a emergência de diversos tipos de meios eletrônicos nos séculos XIX e XX, a interação face a face foi sendo suplantada por formas de interação quase mediadas. “Cada vez mais os indivíduos preferem buscar informação e conteúdo simbólico em outras fontes do que nas pessoas com quem interagem diretamente no dia-a-dia.” (THOMPSON, 1998, p. 82) A criação e renovação das tradições estão cada vez mais interligadas ao intercâmbio simbólico mediado. Ainda de acordo com Thompson (1998, p. 106),

a mídia se envolve ativamente na construção do mundo social. Ao levar as imagens e as informações para os indivíduos situados nos mais distantes contextos, a mídia modela e influencia o curso dos acontecimentos, cria acontecimentos que poderiam não ter existido em sua ausência.

Na concepção do autor, o termo globalização não é preciso, pois é usado de diversas maneiras na literatura. As origens da globalização remontam à expansão do comércio no início do período moderno. A atividade econômica teve um papel fundamental no processo de globalização. Foi somente no século XIX que as redes de comunicação foram organizadas em escala global. O surgimento dos conglomerados de comunicação acarretou o surgimento de concentrações de poder econômico e simbólico. Na globalização os produtos da mídia circulam numa arena internacional.

Por meio da apropriação dos materiais simbólicos os indivíduos podem se distanciar, imaginativamente, da vida cotidiana. Ao terem acesso a outros modos de vida, os indivíduos obtêm recursos para julgar criticamente suas próprias condições de vida. Thompson (1998) defende ainda que a tradição não é uma coisa do passado. Para o autor, a tradição não foi destruída pela mídia, mas transformada por ela. O termo tradição se refere a qualquer coisa trazida do passado. Ela não tem de envolver, necessariamente, elementos de tipo normativo.

Pode-se entender a tradição como um conjunto de pressupostos de fundo, aceitos pelos indivíduos e transmitidos de geração para geração. A tradição é um esquema interpretativo, uma estrutura mental para entender o mundo. Filósofos hermenêuticos como Heidegger e Gadamer enfatizaram que toda compreensão se baseia em pressuposições, ou seja, num conjunto de conceitos que fazem parte da tradição a que pertencemos. O próprio iluminismo constitui uma tradição, uma vez que caracteriza um conjunto de suposições aceitas como verdadeiras, sem exame prévio, que geram uma estrutura para a compreensão do

mundo. A tradição também possui aspecto legitimador e pode, dessa forma, servir como fonte de apoio para o exercício do poder e da autoridade.

Como conjunto de pressuposições, as tradições fornecem material simbólico para a formação da identidade em nível individual e coletivo. Segundo Thompson (1998, p. 165),

o sentido que cada um tem de si mesmo e o sentido de pertença a um grupo são modelados – em vários graus dependendo do contexto social – pelos valores, crenças e padrões de comportamento que são transmitidos do passado. O processo de formação de identidade nunca pode começar do nada; sempre se constrói sobre um conjunto de material simbólico preexistente que constitui a fonte de identidade.

O desenvolvimento das sociedades modernas não elimina a necessidade de formular valores e crenças que fornecem sentidos ao mundo. O desenvolvimento das sociedades modernas não destruiu o aspecto hermenêutico da tradição. Além disso, os meios de comunicação podem ser utilizados não apenas para desafiar valores e crenças, mas também para consolidar tradições.

4.5.3 Efeitos da globalização

As trocas simbólicas acarretadas pelos movimentos da globalização são permeadas por negociações constantes. Os intercâmbios culturais, facilitados pelo encurtamento das distâncias entre as diversas nações que compõem o globo terrestre, não acontecem de forma automática. Em muitos casos, as pessoas opõem resistência a essa dinâmica de troca. Isso acontece, em partes, devido ao medo do ser humano em se ver desprovido de uma identidade que forneça um nível mínimo de coerência a sua vida. Evidentemente, a globalização possibilita a mescla entre as mais diversas culturas, porém, não se pode deixar de levar em consideração que essa interação não é composta apenas por movimentos pacíficos. As relações intersubjetivas se dão dentro de um espectro de disputa política e negociação de poder. Além disso, o diálogo entre identidades diversas, muitas vezes, revela preconceito de ambos os lados. Geralmente, o diferente é visto com desconfiança. É preciso levar essa assertiva em consideração ao se analisar o período moderno no qual estamos inseridos, onde predomina a articulação de diferenças culturais.

Como define Stuart Hall (2003, p. 20), “é na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas

e coletivas de nação, o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados.” Dessa forma, nos locais de fronteira acontecem os embates culturais. Destaca-se ainda que a possibilidade de maior intercâmbio entre diversas nações, acarretada devido ao fenômeno da globalização, oferece oportunidades antes inacessíveis a grande parte da população mundial. Assim, muitos escritores, por exemplo, têm a oportunidade de ficarem conhecidos em outros países. Além disso, muitos imigrantes conquistam a chance de partirem em busca de melhor qualidade de vida em outra nação. De certa forma, a globalização possibilita, em alguns casos, a democratização de oportunidades de crescimento econômico, social e cultural.

O hibridismo não surgiu no período moderno, uma vez que as culturas, em geral, não são puras, mas se constituem pela junção de diversas contribuições. Pode-se afirmar que os intercâmbios culturais foram intensificados a partir da globalização, mas não surgiram com ela. Até mesmo a literatura tem se adequado a esse cenário atual, onde os produtos circulam por diversos locais com uma facilidade cada vez maior. Muitos literatos, por exemplo, buscam escrever de maneira não muito específica, para que pessoas de outros países possam apreender o significado do que eles escrevem. Além disso, pode-se ainda conhecer sobre lugares distantes por meio desses autores mundialmente reconhecidos.

As trocas simbólicas não se dão apenas em termos presenciais, como quando uma pessoa viaja para outro país, mas elas acontecem também de forma mediada. A era moderna se caracteriza por um intenso deslocamento dos mais diversos conteúdos simbólicos forjados pelo homem. Em todas as direções, se movem ideias, pessoas, conceitos e objetos. Estamos inseridos em um contexto de intensa circulação de conhecimento. A questão é: como nos localizar, enquanto seres humanos racionais que somos nós, no meio deste caldeirão? Para analisar a questão da identidade dos sujeitos inseridos na sociedade moderna, faz-se necessário considerar que o desenvolvimento da indústria cultural afeta diretamente a maneira como as pessoas constroem a imagem de quem elas são e a forma como se localizam no mundo. O fato de as pessoas terem acesso, direto ou mediado, aos mais variados tipos de cultura existentes sobre a face da terra, faz com que elas revejam o lugar que ocupam dentro da sociedade na qual estão inseridas.

Diferentemente das sociedades tradicionais, na modernidade, as pessoas podem conhecer a cultura de sujeitos que habitam o outro lado do globo. Essa possibilidade de ter acesso a outras interpretações acerca de temas relacionados à vida, em suas mais diversas formas de manifestação, faz com que as identidades não mais sejam uma instância fixa e

estruturada. Em um passado não muito distante, os indivíduos já nasciam com uma identidade praticamente imutável. Eles ocupavam um determinado nível hierárquico na sociedade, do qual raramente saiam. As pessoas que pertenciam às classes subalternas, por exemplo, dificilmente tinham oportunidade de passarem por ascensão social. Em contraposição a esse homem socialmente localizado, na atualidade os sujeitos são interculturais, como defende Néstor Canclini (2007).

O homem moderno habita um ambiente repleto de ambivalências. Suas referências são repletas de códigos que se originaram em locais que ele desconhece. Com base em proposições desenvolvidas por Kathryn Woodward (2011), destaca-se que a identidade é composta a partir da diferença, ou seja, ela é uma construção relacional. Nossa identidade vai sendo construída, por nós e pelos outros, paulatinamente, com base em representações repletas de significados produzidos pela cultura. Somos moldados também pelas relações sociais. Além disso, a vida moderna exige que assumamos diferentes identidades. Dessa forma, na modernidade, ocupamos espaços que estão em constante processo de deslocamento.

4.5.4 Em questão: a modernidade

Anthony Giddens (1991) pontua que a modernidade refere-se à organização social que surgiu na Europa a partir do século XVII e que mais tarde se tornou praticamente mundial. A partir do século XX muitos pesquisadores passaram a argumentar que entramos em uma nova era, que estaria além da modernidade. Essa possível transição foi nomeada de diversas formas, tais como: “sociedade de informação”, “sociedade de consumo”, etc. Outras denominações sugerem que estamos chegando a um encerramento, dentre elas, pode-se citar: “pós-modernidade”, “pós-modernismo”, e “sociedade pós-industrial”. Giddens (1991) destaca que Jean-François Lyotard foi o autor responsável pela popularização do conceito de pós-modernidade. De acordo com Lyotard, a pós-modernidade representa o deslocamento da fé no progresso humano. Uma das características da pós-modernidade é a evaporação da *grand narrative*, o “enredo” por meio do qual as pessoas são colocadas na história como seres que têm um passado definitivo e um futuro predizível.

Giddens (1991) apresenta uma crítica ao que atualmente é chamado de “pós-modernidade”. Na concepção do autor, “em vez de estarmos entrando num período de pós-

modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes.” (1991, p. 12) Ainda de acordo com Giddens (1991), podemos entrever os contornos de uma nova e diferente ordem. O autor procura sublinhar as descontinuidades específicas associadas ao período moderno. Fomos desconectados dos tipos tradicionais de ordem social, de uma forma sem precedentes. As transformações ocorridas na modernidade são mais profundas do que as ocorridas em períodos anteriores. Foram estabelecidas formas de interconexão social que abarcam todo o globo. Além disso, nossa própria existência cotidiana foi alterada.

Para o autor, existem descontinuidades que separam as instituições sociais modernas das tradicionais. Uma delas é o *ritmo da mudança*. Na modernidade, a rapidez da mudança é extrema. Essa característica diz respeito não somente à tecnologia, mas a todas as outras esferas. A segunda descontinuidade é o *escopo da mudança*. Ondas de mudança penetram toda a Terra. A terceira característica se constitui pela *natureza intrínseca das instituições modernas*. Algumas formas sociais modernas não existiam em períodos precedentes. Produtos e trabalho assalariado foram transformados em mercadoria. Ocorreu uma perda da crença do “progresso”.

A ordem social que surgiu com a modernidade é *capitalista* em seu sistema econômico e em suas outras instituições. Houve um “deslocamento” das relações sociais que se reestruturaram em extensões indefinidas de tempo-espço. Giddens (1991) diferencia dois mecanismos de desencaixe envolvidos pelas instituições modernas. As *fichas simbólicas*, que seriam meios de intercâmbio que podem ser “circulados” sem ter em vista características de indivíduos que lidam com eles. O *dinheiro* seria um exemplo de ficha simbólica. Os mecanismos de desencaixe dependem de uma confiança com caráter abstrato.

Na visão do autor, se é que o pós-modernismo significa alguma coisa, é mais apropriado para fazer referência a estilos da arquitetura, literatura e artes plásticas. Dessa forma, o conceito estaria mais ligado à *reflexão estética*. Giddens (1991) pontua ainda que se estamos caminhando para a pós-modernidade, estamos sendo retirados das instituições modernas rumo a um tipo diferente de ordem social. Assim, o pós-modernismo, se é que existe, exprime essa transição, mas não mostra que ela existe. Para o autor, “falar da pós-modernidade como suplantando a modernidade parece invocar aquilo mesmo que é (agora) declarado impossível: dar alguma coerência à história e situar nosso lugar nela.” (GIDDENS, 1991, p. 58)

Para o autor, a natureza expansionista e competitiva do capitalismo sugere que a inovação tecnológica tende a ser constante. O sistema administrativo do Estado capitalista moderno exerce controle sobre arenas territoriais. Essa concentração administrativa depende da imposição de vigilância. Essa vigilância é imposta por meio da supervisão das atividades da população. O capitalismo e o Estado-nação foram os responsáveis por promover a expansão das instituições modernas. Na era moderna, o nível de distanciamento tempo-espaço é maior. A relação entre eventos locais e formas sociais foram “alongadas”. A globalização se caracteriza por esse alongamento, uma vez que as modalidades de conexão entre diversas regiões se enredam pela superfície da Terra. A globalização intensificou as relações sociais em escala mundial.

Giddens (1991) destaca também que as instituições modernas estão ligadas ao mecanismo de confiança em sistemas abstratos. Em condições modernas, o futuro está sempre aberto. Em culturas pré-modernas, o distanciamento tempo-espaço era baixo. No mundo pré-moderno a segurança ontológica estava ligada a contextos de confiança e perigos fixos às circunstâncias do lugar. O parentesco era o primeiro contexto de confiança que predominava nas culturas pré-modernas. Em cenários pré-modernos, a pequena extensão espacial garantia a solidez das relações sociais. Era forte também a influência da cosmologia religiosa. As crenças religiosas também podem ser fonte de ansiedade e desespero, mas em outros aspectos, proporcionam interpretações morais e práticas que representam um ambiente de segurança para o crente.

A religião é um meio organizador de confiança. As deidades e os funcionários religiosos fornecem apoio seguro. A tradição é caracterizada como outro contexto de relação de confiança em sociedades pré-modernas. A tradição se refere à maneira pela qual crenças e práticas são organizadas. Ela é uma rotina intrinsecamente significativa. Muito se tem discutido nas ciências sociais sobre o impacto decrescente da religião e da tradição. A secularização pode ser considerada uma questão complexa. Para Giddens (1991) a cosmologia religiosa tem sido suplantada pelo conhecimento governado por observações empíricas. De acordo com o autor, vivemos num período da alta-modernidade. Para ele, podemos identificar apenas os contornos de uma ordem pós-moderna.

Em contraposição ao posicionamento teórico de Anthony Giddens (1991), o sociólogo Jean-François Lyotard (1998) defende a existência da era pós-moderna. De acordo com Lyotard (1998), a palavra “pós-moderna” designa o estado da cultura a partir do final do

século XIX. Esse é um efeito do progresso das ciências. Está ocorrendo um desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação. A função narrativa perde seus heróis. Passamos a viver em muitas encruzilhadas. O princípio de que a aquisição do saber é indissociável da formação está caindo em desuso. A relação entre fornecedor e usuário do conhecimento está se tornando mercantilizada. O saber é produzido para ser vendido. “Sob a forma de mercadoria informacional indispensável ao poderio produtivo, o saber já é e será um desafio maior, talvez o mais importante, na competição mundial pelo poder.” (1998, p. 5)

Ao saber científico, Lyotard (1998) contrapõe o saber narrativo. O autor pontua que a fase atual do capitalismo é caracterizada por uma mudança na função dos Estados. As funções de regulação são cada vez mais confiadas a autônomos. As “identificações” com heróis se tornam mais difíceis. Cada sujeito é entregue a si mesmo. Na sequência da decomposição dos grandes relatos veio a dissolução do vínculo social. As instituições privilegiam certos enunciados. Já as histórias populares contam formações positivas ou negativas que permeiam as tentativas dos heróis. Esses modelos promovem integração às instituições estabelecidas.

Na concepção de Lyotard (1998) vive-se em um contexto de deslegitimação, no qual as universidades formam competências e não mais ideais. As instituições de ensino superior estão sendo subordinadas aos poderes constituídos.

A questão explícita ou não apresentada pelo estudante profissionalizante, pelo Estado ou pela instituição de ensino superior não é mais: isto é verdadeiro?, mas: para que serve isto? No contexto da mercantilização do saber, esta última questão significa comumente: isto é vendável? E, no contexto do aumento do poder: isto é eficaz? (LYOTARD, 1998, p. 92-93)

A tendência é que se forme um vasto mercado de competências operacionais. Os possuidores deste saber são alvo de disputas políticas. Lyotard (1998), já previa que os bancos de dados seriam a enciclopédia de amanhã. De acordo com o autor, eles são a “natureza” do homem pós-moderno.

4.5.5 Sujeito moderno: um ser atravessado pela relativização das referências sociais

O final do século XX marca, na sociedade ocidental, a intensificação de um processo de afrouxamento em relação às grandes narrativas que visavam ordenar o mundo, ao menos em nível social, e fazer dele um espaço minimamente coeso. Assim, “o fim da modernidade é marcado pelo declínio das grandes narrativas e desaparecimento das finalidades últimas, pela quebra das certezas definitivas” (GUIMARÃES, FRANÇA, 2006, p. 94). Tal tendência pode ser percebida tanto em nível institucional quanto em relação às identidades que se constituem no espaço cultural. Essas mudanças foram influenciadas, em grande medida, pela perda de espaço sofrida por instituições legitimadoras de discursos acerca do sujeito tais como o Estado e a Igreja.

É preciso pontuar, entretanto, que essa afirmação não tem por objetivo insinuar que essas instituições tenham necessariamente se enfraquecido ou que estejam em vias de desaparecerem. O que ocorre é que muitas das instituições sociais, dentre as quais se encontra a mídia, estão passando por intenso processo de transformação. Parece haver, na verdade, um processo de descentralização institucional, caracterizado por uma maior diversificação de discursos disponibilizados às pessoas, ocasionando a elas maior mobilidade para vivenciarem seu próprio ser. Essa ocorrência pode ser exemplificada pelo enfraquecimento em relação à defesa do conceito de “estados nacionais”, e ao surgimento de inúmeras novas religiões.

Como pontua Stuart Hall (2006, p. 50), “as identidades nacionais [...] então sendo agora deslocadas pelo processo de globalização.” Faz-se relevante pontuar algumas considerações feitas pelo autor em relação à formação das identidades nacionais. Para o sociólogo, a identidade nacional se constitui apenas enquanto espaço discursivo, uma vez que requisita a existência de uma homogeneização impossível de ser materializada nas práticas sociais de uma comunidade humana. O autor faz referência a Benedict Anderson (1983) ao defender que a identidade nacional é uma “comunidade imaginada” (HALL, 2006, p. 51). Assim, a defesa de uma identidade nacional coesa funda-se no mito que cria a ilusão de uma homogeneidade inexistente. Tal mito acaba por aviltar as diferenças que constituem a base de qualquer nação. Não há a menor possibilidade de que um país da dimensão territorial do Brasil, por exemplo, seja representado por meio de uma imagem única e coerente.

A própria identidade local é permeada por discrepâncias. A ideia de que seria possível traçar um perfil de uma nação ou de uma comunidade local revela-se, seguindo-se por essa via, como uma ilusão. Para Renato Ortiz (1985, p. 138), “memória nacional e identidade nacional são construções de segunda ordem que dissolvem a heterogeneidade da cultura popular na univocidade do discurso ideológico.” De maneira que o conceito de identidade nacional pode ser nomeado como um discurso ideológico. Assim, “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006 p. 50). Seguindo-se por essa via, conclui-se que o discurso sobre a identidade nacional busca anular as desigualdades que constituem qualquer aglomeração humana, por menor que ela seja.

Devido a isso, “as culturas nacionais contribuem para ‘costurar’ as diferenças numa única identidade” (HALL, 2006, p. 65). Dessa forma, “em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade” (HALL, 2006, p. 62). No contexto da globalização, a ideia de identidade nacional torna-se um tanto quanto inviável. Como define Homi Bhabha (1998, p. 24), “os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas, a transmissão consensual ou contígua de tradições históricas [...] estão em profundo processo de redefinição”. As trocas culturais que estão ocorrendo em nível global, em decorrência do desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação, estão gerando sociedades cada vez mais híbridas. Como pontua Stuart Hall, “as nações modernas são, todas, híbridos culturais” (2006, p. 62).

Logicamente, existem características que podem ser tomadas como pontos centrais de uma comunidade humana, as quais constituem um pano de fundo comum de determinada sociedade. Porém, deduzir a partir disso que seria possível traçar um panorama geral da identidade de um povo configura-se uma prepotência infundada. A tentativa de se efetuar tal manobra surgiu no período de construção dos Estados Nacionais, quando os governos de diversos países procuravam criar uma forte imagem da própria identidade nacional. Como afirma Stuart Hall (2006, p. 50), “a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade”.

Os Estados Nacionais tinham por meta criar uma imagem que os diferenciava perante as outras nações, cunhando assim, a figura de uma cultura particular que buscava aglutinar características que aparentemente permeariam todo o território nacional. Essa

imagem seria o ponto que interligaria os cidadãos dentro de um mesmo espaço ilusório de identidade fixa. Os estudos atuais da comunicação, no entanto, demonstram, em sentido contrário a essa perspectiva, que a identidade do sujeito na pós-modernidade é fragmentada e fluida. Tal cenário é consequência de fenômenos que marcaram o fim da modernidade, tais como, o declínio das grandes narrativas e a desaparecimento das finalidades últimas (GUIMARÃES, FRANÇA, 2006, p. 94).

A ocorrência do declínio das grandes narrativas pontuada pelos autores pode ser percebida também no âmbito religioso. Como já dito, não se trabalha aqui com a ideia de que a religião estaria em declínio. Berger e Luckmann (2004) tecem críticas aos estudiosos que aliam o conceito de modernidade ao de secularização. Segundo os autores, a teoria da secularização aplica-se apenas à Europa Ocidental, eles justificam essa afirmativa recorrendo ao argumento de que “o chamado Terceiro Mundo estremece literalmente sob o ímpeto dos movimentos religiosos” (2004, p. 48). Ainda de acordo com os autores, “pode-se observar no mundo inteiro o sucesso do protestantismo evangélico, cujo capítulo mais impressionante é o pentecostalismo” (2004, p. 48).

Percebe-se assim a ocorrência de um fenômeno social de pluralização de discursos religiosos. Se por um lado tem aumentado o número de pessoas que aderem ao movimento evangélico, por outro, não se pode negar que as religiões têm passado por um processo constante de desmembramento. De acordo com Berger e Luckmann (2004) essa ocorrência seria um dos fatores que estaria acarretando um fenômeno que denominam como “crises de sentido na sociedade”. Segundo os autores, “talvez o fator mais importante no surgimento das crises de sentido na sociedade e na vida do indivíduo não seja o pretense secularismo moderno, mas o moderno pluralismo” (BERGER, LUCKMANN, 2004, p. 49).

Em decorrência dessa perda de referenciais objetivos, a diversidade, em suas mais variáveis formas de manifestação, tem conquistado maior espaço na sociedade ocidental. Entretanto, percebe-se que ocorre certa resistência por parte de algumas comunidades tradicionais em relação a essa tendência. Talvez a indagação sobre porque as comunidades humanas tiveram a necessidade de criar suas inúmeras instituições sociais constitua um dos caminhos a partir do qual seja possível entender algumas das causas dessa tensão existente entre comunidades sociais que defendem a livre expressão da diversidade e outras que defendem a preservação de valores morais nos quais elas se baseiam. Na concepção de Berger e Luckmann (2004, p. 54), “as instituições foram criadas para aliviar o indivíduo da

necessidade de reinventar o mundo cada dia e ter de se orientar dentro dele.” Dessa forma, as instituições se configuram enquanto uma das bases criadas pelo *homo sapiens* para a constituição de sentidos. Isso porque, diferentemente dos animais, o homem enquanto um ser pensante tem necessidade de encontrar sentidos no mundo que o cerca e em seu próprio mundo interior.

Assim, os sujeitos buscam referenciais na sociedade onde se desenvolvem para dar sentido às suas próprias vidas, de maneira que a produção de sentidos é feita a partir da coletividade. Seguindo-se por essa vertente, pode-se inferir que o compartilhamento é imprescindível à produção de sentido sobre a existência humana. Mas quando houve maior espaço para o compartilhamento de informações entre as pessoas senão nos dias atuais? Dessa forma, ao invés de afirmar que o sentido da vida estaria sendo perdido, como querem alguns, talvez o mais correto seja dizer que novos sentidos estão sendo forjados. Produz-se, por essa vertente, uma diversificação dos discursos sobre o estar humano consciente no mundo. Valores estão sendo relativizados nesses novos ambientes engendrados pela intensificação das interações sociais, bem como novos atores têm conquistando espaço na arena social legítima, a qual é constituída por meios como a política, a mídia, a escola, dentre outros espaços.

Por compreender-se a importância de se avaliar em que medida essas alterações em níveis culturais se refletem na mídia, entendendo-a enquanto espaço de confronto discursivo, é importante ressaltar que se trabalha, nesta dissertação, com a perspectiva de que a mídia se constitui em espaços de interações diversas. De maneira que ela tanto é influenciada pelo contexto sócio-histórico no qual se insere quanto exerce influência sobre a sociedade. Ou seja, existe um movimento sincrônico entre as mais diversas vertentes que se inter-relacionam nos espaços das produções midiáticas.

4.6 MÍDIA E CIBERCULTURA

4.6.1 Desenvolvimento da cibercultura: movimento da sociedade contemporânea rumo à virtualização

Pierre Lévy (1999) defende que permaneçamos abertos e receptivos em relação às redes digitais. Na visão do autor, precisamos reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos acarretada pela extensão das novas redes de comunicação. Esse seria o caminho para sermos capazes de desenvolver novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista. A questão parece estar definida nos seguintes termos: o ciberespaço entrou na era comercial. Lévy (1999) argumenta que não se pode analisar a questão apenas por essa via. Apesar de o cinema e a música serem indústrias, podemos apreciá-los. O telefone gera fortuna para as companhias de telecomunicações, mas isso não altera o fato de as redes de telefonia viabilizar uma comunicação planetária. Devem-se contemplar as implicações da cibercultura em todas as suas dimensões.

Com o desenvolvimento das telecomunicações, a quantidade de dados disponíveis se acelera e se multiplica. A densidade dos links aumenta. Contratos entre indivíduos proliferam anarquicamente. “É o transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecedor das mídias, a guerra das imagens, as propagandas e as contrapropagandas, a confusão dos espíritos.” (LÉVY, 1999, p. 13) Fazendo referência a Roy Ascott, Pierre Lévy (1999) denomina a bomba de telecomunicação que explodiu no século XX como “segundo dilúvio”. As telecomunicações geram esse novo dilúvio devido à natureza exponencial e caótica de seu desenvolvimento.

A quantidade bruta de dados disponíveis se multiplica e se acelera. A densidade dos links entre as informações aumenta vertiginosamente nos bancos de dados, nos hipertextos e nas redes. Os contatos transversais entre os indivíduos proliferam de forma anárquica. (LÉVY, 1999, p. 13)

O autor destaca que diferentemente do dilúvio bíblico, o dilúvio informacional jamais cessará. Segundo Lévy (1999), devemos aceitá-lo como nossa nova condição. A comunicação digital pode ser comparada a um oceano agitado onde flutuam diversas arcas com seleções diferentes de informações. O filósofo defende a hipótese de que a cibercultura

expressa o surgimento de um novo universal, diferente dos que vieram antes, uma vez que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global. Nas sociedades orais os discursos são recebidos nos contextos em que são produzidos. Mas após o surgimento da escrita, os textos se separam do contexto em que foram construídos. Lévy (1999) argumenta que a cibercultura leva a copresença das mensagens de volta a seu contexto como acontecia nas sociedades orais, mas em uma órbita diferente. As arcas do dilúvio informacional dançam entre si e trocam sinais. Elas abrigam pequenas totalidades, mas sem pretensão ao universal. O dilúvio é universal, mas intotalizável.

O ciberespaço (“rede”) é o meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo abrange a infraestrutura material da comunicação digital, o universo oceânico de informações que ela abriga e os seres humanos que navegam esse universo. Modos de pensamento e de valores se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Lévy (1999) critica os autores que falam no “impacto” das novas tecnologias da informação sobre a sociedade. Esta metáfora coloca a tecnologia como um projétil e a cultura como um alvo vivo. O teórico questiona se a tecnologia seria um ator separado da sociedade e agente exterior. Ele defende que a técnica é um ângulo de análises dos sistemas sociotécnicos, e não uma entidade real, que agiria por vontade própria.

“É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo.” (LÉVY, 1999, p. 22) Por trás das técnicas agem ideias, estratégias de poder, toda a gama dos jogos dos homens em sociedade. A ausência de estabilidade dificulta a análise concreta das implicações sociais e culturais da informática ou da multimídia. A sociedade encontra-se *condicionada* por suas técnicas, não *determinada*. Algumas opções culturais não poderiam ser pensadas sem a presença da técnica, por isso diz-se que ela condiciona.

A prensa de Gutenberg não determinou a crise da Reforma ou a crescente opinião pública no século XVIII, apenas condicionou-as. Lévy (1999) sugere que o digital, fluido, em constante mutação, é desprovido de qualquer essência estável. Mas, paradoxalmente, a velocidade de transformação é uma constante da cibercultura. Quanto mais os processos de inteligência coletiva se desenvolvem, menores são os efeitos de exclusão resultantes da aceleração do movimento tecnossocial. A universalização da cibercultura é complementar a uma segunda tendência, a virtualização. É virtual toda entidade “desterritorializada”, pode gerar manifestações concretas sem, contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em

particular. A *palavra* pode ser citada como uma entidade virtual. A informação digitalizada pode ser processada automaticamente, muito rapidamente e em grande escala quantitativa. A cibercultura também possibilitou o surgimento do hipertexto. Diferentemente do texto linear, o hipertexto é constituído por nós e por links que indicam a passagem entre esses nós. “O mundo virtual dispõe de informações em um espaço contínuo. [...] A informação em fluxo designa dados em estado contínuo de modificação, dispersos entre memórias e canais interconectados.” (LÉVY, 1999, p. 65)

A virtualização da informação acarreta o surgimento de mídias híbridas e mutantes. Uma das funções mais usadas do ciberespaço é a de troca de mensagens. A cada minuto novas informações são injetadas na rede. “Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna ‘universal’, e menos o mundo informacional se torna totalizável. O universo da cibercultura não possui nem centro nem linha diretriz.” (LÉVY, 1999, p. 113) Trata-se de um universo indeterminado. Cada novo nó da rede de redes em expansão pode tornar-se emissor de novas informações.

O ciberespaço é o *sistema do caos*, uma vez que se constrói em sistemas de sistemas. Para entender a mutação contemporânea da civilização, é preciso retornar a primeira grande transformação na ecologia das mídias: a passagem das culturas orais a culturas escritas. Nas sociedades orais, as mensagens eram recebidas no tempo e lugar em que eram emitidas. Os atores da comunicação evoluíam dentro do mesmo universo semântico, no mesmo fluxo vivo de interações. Já as mensagens escritas mantêm-se “fora de contexto”. No universal fundado pela escrita o que deve permanecer imutável é o sentido. O significado da mensagem deve ser o mesmo.

4.6.2 O universal sem totalidade do ciberespaço

De acordo com Pierre Lévy (1999), as mídias de massa (rádio, cinema, televisão) dão continuidade à linguagem cultural do universal totalizante iniciado pela escrita. O ciberespaço dissolve a pragmática da comunicação que havia reunido o universal e a totalidade. Ela nos leva a situação existente antes da escrita, uma vez que a interconexão em tempo real torna possível, para os parceiros da comunicação, compartilhar o mesmo contexto. A cibercultura dá forma ao universal sem totalidade. O novo universal acontece por meio da

imersão e não com base na identidade do sentido. Estamos no mesmo dilúvio de comunicação. Não pode mais existir um fechamento semântico ou uma totalização. O sentido global encontra-se cada vez menos perceptível e difícil de dominar. Cada conexão suplementar acrescenta ainda mais heterogeneidade. *Quanto mais universal menos totalizável*. A perda de determinada forma de domínio significa o aparecimento de uma chance para reencontrar o real. Lévy (1999) pontua que o “universal sem totalidade” não equivale ao conceito de pós-modernidade.

Na visão do autor, a filosofia pós-moderna apresentou uma rica descrição sobre o esfacelamento da totalização. A fábula do progresso linear foi desconstruída. Não há mais “um” sentido da história, mas uma infinidade de pequenas proposições lutando por legitimidade. Lévy (1999) faz referência a Jean-François Lyotard, segundo quem, a pós-modernidade proclama o fim das “grandes narrativas” totalizantes. A multiplicidade das épocas, dos pontos de vista e das legitimidades, traço do pós-moderno, encontram-se acentuadas na cibercultura.

O universal é a presença (virtual) da humanidade em si. A totalidade é a conjunção estabilizada do sentido de uma pluralidade. Devemos nos acostumar com a profusão de desordem acarretada pelo dilúvio da informação proveniente da Web. A partir do século XX, com a ampliação do mundo e descoberta de sua diversidade, o domínio do saber tornou-se cada vez mais ilusório. O conhecimento passou para o lado do indomável, do intotalizável. Os suportes de informação não determinam automaticamente o conteúdo do conhecimento, mas contribuem para estruturar a “ecologia cognitiva” das sociedades. A expansão da cibercultura conduz ao declínio dos valores presentes na civilização estruturada pela escrita estática. Não que esses valores são levados a desaparecer, mas vão tornando-se secundários.

“Nas sociedades anteriores à escrita, o saber prático, mítico e ritual é encarnado pela *comunidade viva*. Quando um *velho* morre é uma biblioteca queimada. Com o surgimento da escrita, o saber é transmitido pelo *livro*”. (LÉVY, 1999, p. 166) Após a invenção da imprensa, o saber não é mais transmitido pelo livro, mas pela biblioteca. A desterritorialização da biblioteca pode ser o prelúdio para a aparição de um quarto tipo de relação com o conhecimento. O portador do direito do saber não seria mais a comunidade física, mas o *ciberespaço*.

Destotalizado, o saber flutua. Esse movimento resulta em um sentimento de desorientação. A interconexão de todos com todos em tempo real causa desordem. Após os anos 60, começamos a experimentar uma relação com o conhecimento ignorada por nossos ancestrais. Até então, as competências adquiridas na juventude ainda eram usadas no final da vida ativa. A maioria dos *savoirs-faire* úteis era perene. Hoje, grande parte dos saberes adquiridos no início de uma carreira fica obsoleta no final de um percurso profissional. Os indivíduos não estão mais ligados a saberes estáveis confortados pela tradição, mas sim a um saber-fluxo caótico, no qual se deve aprender a navegar. Os novos modos de acesso à informação se definem por um estilo de navegação transversal e hipertextual.

O devir da cibercultura simplesmente não é controlável porque, na maior parte do tempo, *diversos atores, diversos projetos, diversas interpretações estão em conflito*. A aceleração da mudança, a virtualização, a universalização sem fechamento são tendências de fundo, muito provavelmente irreversíveis, que devemos integrar a todos os nossos raciocínios e todas as nossas decisões. (LÉVY, 1999, p. 206)

O ciberespaço também é palco de uma disputa de projetos. Para seus inventores, a rede é um espaço livre de comunicação. Para outros, o ciberespaço deve tornar-se um imenso mercado planetário. O ciberespaço é desterritorializante por natureza. Pela rede, *bens* informacionais podem transitar instantaneamente de um ponto ao outro do planeta digital. Lévy (1999) argumenta que a cibercultura é alimentada por uma dialética entre utopia e negócios. Para ele o comércio não é um mal em si. O autor defende ainda que o movimento da cibercultura é um dos motores da sociedade contemporânea.

Segundo o filósofo, a ideia de que o ciberespaço ameaça os valores humanistas apoia-se na confusão entre universalidade e totalidade. Isso ocorre devido ao fato de que o universalismo foi defendido por impérios conquistadores, pretendentes ao domínio. O autor salienta que o ciberespaço é mais acolhedor do que dominador, não um instrumento de difusão a partir de centros (como a imprensa, o rádio e a televisão), mas um dispositivo de comunicação interativa. Existe uma destotalização em andamento, uma vez que o ciberespaço constrói um universal sem totalidade. Desencadeia-se uma comunicação descompartmentalizadora, transversal, multipolar.

Pierre Lévy (1999, p. 240) descreve que,

a aceleração contemporânea da corrida para o virtual e o universal não pode ser reduzida nem ao “impacto das novas tecnologias” nem ao advento de uma dominação em particular, seja ela econômica, política ou social. Sentimos como essas proposições seriam estreitas, limitadas, talvez mesmo absurdas. Trata-se antes de um movimento do conjunto da civilização, de uma espécie de mutação antropológica na qual se conjugam, ao lado da extensão do ciberespaço, o crescimento demográfico, a urbanização, o aumento da densidade das redes de transporte (e o aumento correlacionado da circulação de pessoas), o desenvolvimento tecnocientífico, a elevação (desigual) do nível de educação da população, a onipresença midiática, a globalização da produção das trocas, a integração financeira internacional, a ascensão de grandes conjuntos políticos transnacionais, sem esquecer a evolução das ideias tendendo a uma tomada de consciência global da humanidade e do planeta.

Para o autor, a cibercultura estaria dando continuidade aos ideais revolucionários e republicanos de liberdade, igualdade e fraternidade. Uma vez que ela valoriza a participação em comunidades de debate e argumentação e se desenvolveu a partir de uma prática das trocas de informações e conhecimentos. Neste sentido, defende Lévy (1999), o ciberespaço não seria pós-moderno, mas uma espécie de *materialização técnica dos ideais modernos*.

5 ANÁLISE DOS ENQUADRAMENTOS APRESENTADOS PELAS NARRATIVAS SOBRE O “CASO YOKI” DIVULGADAS PELA FOLHA ONLINE E O GLOBO ONLINE

Neste capítulo busca-se analisar a forma como os portais informativos *Folha Online* e *O Globo* online enquadraram o acontecimento “Caso Yoki” nas matérias publicadas nos dez primeiros dias do mês de junho de 2012. A partir da análise das coberturas em questão, busca-se apresentar reflexões sobre algumas características que têm prevalecido na sociedade contemporânea.

5.1 OBJETIVOS

A finalidade da análise que consta no próximo tópico é examinar como os portais informativos *O Globo* online e *Folha Online* enquadraram o acontecimento “Caso Yoki” nas

narrativas apresentadas durante os dez primeiros dias do mês de junho de 2012. O recorte temporário do *corpus* de análise se baseia no fato de que as primeiras partes do corpo de Marcos Matsunaga foram encontradas no dia 27 de maio. Além disso, a cobertura sobre o caso se intensificou consideravelmente quando a polícia decretou a prisão temporária de Elize Matsunaga, em quatro de junho. Os sites *O Globo* online e *Folha Online* foram escolhidos devido ao fato de representarem os dois jornais de maior circulação no Brasil.

O acontecimento nomeado pela mídia como “Caso Yoki” se refere ao assassinato de Marcos Matsunaga por sua esposa Elize Matsunaga no dia 19 de maio de 2012. Após cometer o crime, Elize esquartejou o corpo do marido, guardou os pedaços em sacos plásticos e jogou à beira de uma estrada. As questões a partir das quais a pesquisa foi realizada giram em torno de se buscar pontuar, por meio da análise de conteúdo, as estratégias utilizadas pelos portais jornalísticos para encaixar os acontecimentos em um quadro relativamente estável de sentido. Buscou-se perceber questões acerca da constituição de identidades institucionais e humanas, na contemporaneidade, reveladas ao longo desse processo.

Marcos Kitano Matsunaga, diretor-executivo da Yoki, fabricante paulista de alimentos industrializados, foi considerado como desaparecido em 20 de maio de 2012. Sete dias depois, pedaços do corpo esquartejado de Matsunaga, espalhados pela região de Cotia, na Grande São Paulo, foram encontrados embrulhados em sacos plásticos e identificados. Suspeita do crime, Elize Araújo Kitano Matsunaga, mulher de Marcos, foi presa e confessou ter matado e esquartejado o marido, sozinha, no apartamento do casal. Elize foi filmada pelas câmeras de segurança do edifício deixando o apartamento com malas e retornando depois, sem a bagagem. Ela teve a prisão temporária decretada em quatro de junho de 2012. No dia seis de junho, Elize confessou ter matado o marido. Marcos Matsunaga era neto do imigrante japonês Yoshizo Kitano, que fundou, em 1960, a companhia brasileira Yoki, uma das maiores empresas alimentícias do país.

O objetivo é efetuar uma análise de conteúdo sobre o material de forma a perceber as características que prevalecem com relação aos dispositivos enunciativos que visam estabelecer o sentido dos fatos. Com isso, busca-se perceber a identidade construída pelos portais sobre o acontecimento e os personagens responsáveis pelas ocorrências, uma vez que delimitar o sentido do real implica em enquadrar a imagem das pessoas que estão diretamente envolvidas por ele e que, de certa forma, o constroem. Além disso, os sentidos que atravessam

o conteúdo produzido pelos meios de comunicação refletem na forma como os sujeitos se localizam simbolicamente no mundo e constroem significado sobre sua própria identidade.

Busca-se ainda detectar algumas regularidades que perpassam a cobertura da ocorrência. Pretende-se, dessa maneira, investigar em que medida a forma como os fragmentos do acontecimento foram encaixados nos portais revela traços que caracterizam a sociedade contemporânea. Assim, busca-se detectar, a partir das coberturas jornalísticas analisadas, alguns mecanismos discursivos que prevalecem no contexto atual. Ou seja, o objetivo principal não é meramente compreender os dispositivos acionados pelos veículos jornalísticos em questão na cobertura de um acontecimento “impactante”.

Procura-se também apreender como esse funcionamento revela valores que prevalecem na sociedade atual e a forma pela qual o reforço desses discursos delimita identidades. O objetivo proposto vai além de entender algumas características da operacionalização da atividade jornalística na atualidade ao construir narrativas sobre acontecimentos que alcançam grande reverberação na arena midiática. O foco maior centra-se em perceber algumas práticas que prevalecem na sociedade pós-moderna. Para isso, parte-se do pressuposto de que a sociedade ocidental contemporânea é influenciada por valores como imediatismo, fugacidade, espetacularização, simplificação, dentre outros.

A partir desse panorama, buscaremos verificar se esses valores podem ser constados a partir da forma como as narrativas sobre os acontecimentos tomados como foco de estudo foram enquadradas. Investigar como os fragmentos sobre o acontecimento considerado foram sendo encaixados pelos portais tomados como foco de estudo podem fornecer evidências sobre a forma como as notícias têm produzido interpretações acerca do mundo na atualidade. Além disso, pode-se também perceber quais categorias de informação têm sido priorizadas. A partir desta base, podem-se constatar algumas lógicas de significação que tem imperado na contemporaneidade.

Parte-se do pressuposto de que tal lógica acaba por influenciar na maneira como a identidade dos sujeitos envolvidos nos acontecimentos é forjada discursivamente. Esse discurso delimita projeções imagéticas sobre as pessoas tomadas como foco das narrativas midiáticas. Assim, ele projeta não apenas aspectos da identidade desses sujeitos como também cria um referencial a partir do qual os indivíduos interpretam a própria imagem e a dos “outros” que o cercam. Como descreve John B. Thompson (2009, p. 182),

hoje vivemos num mundo no qual a capacidade de experimentar se desligou da atividade de encontrar. O seqüestro da experiência de locais espaço temporais da vida cotidiana vai de mãos dadas com a profusão de experiências mediadas e com a rotineira mistura de experiências que muitos indivíduos dificilmente encontrariam face a face.

É importante ressaltar que o conceito de identidade sugerido nesta dissertação não diz respeito a algo substrato, estável e imutável; pelo contrário, percebemos a identidade dos sujeitos como uma construção constante ao longo da vida. Ainda fazendo referência a Thompson (2009), enfatiza-se que o *self* não deve ser visto como um produto de um sistema externo, nem como uma entidade fixa, ele é uma narrativa que vai se modificando ao longo do tempo. Levando-se em consideração que, como aponta Thompson, os indivíduos se reconhecem a partir dos materiais simbólicos aos quais ele tem acesso, pode-se concluir que, na atualidade, a mídia exerce papel central nesse processo. Assim, ao projetarem a imagem dos personagens dos acontecimentos a partir de sistemas simbólicos, as narrativas midiáticas também interferem na maneira como as pessoas se localizam na arena social e constroem a própria percepção do papel que representam neste espaço.

Nas palavras de Vera França (2006, p. 73), “as identidades são construídas discursivamente, o eu só existe a partir das relações interpessoais; discursos marcam posicionamentos, inserções e pertencimentos específicos de indivíduos e grupos.” Neste sentido, os discursos reverberados a partir das coberturas jornalísticas influem no processo de construção e desconstrução de projeções identitárias. Devido à requintada institucionalização que garante a credibilidade e legitimidade da prática jornalística, as narrativas que ela produz são tomadas como referência por parte das comunidades que têm acesso a tal conteúdo.

5.2 JUSTIFICATIVAS

De acordo com Michel Pêcheux (1997, p. 33), “O sujeito pragmático (...) tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica”. O autor acrescenta ainda que “toda conversa é suscetível de colocar em jogo uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis – como, de vez em quando, o sentimento insidioso de uma simplificação unívoca.” Assim, essa aparente tendência em interpretar os acontecimentos a partir da construção de polos discrepantes que separam o positivo do negativo, em instâncias estanques, é manifestação da própria necessidade do ser humano de delimitar o sentido dos

fenômenos empíricos que ocorrem à sua volta. Pêcheux (1997, p. 34) descreve que existe uma “necessidade universal de um mundo ‘semanticamente normal, isto é, normatizado”.

Entretanto, tentar delimitar o sentido dos fatos é o mesmo que perdê-lo. Uma vez que existe uma multiplicidade imensa de fatores envolvidos nos fenômenos empíricos, até mesmo nos aparentemente mais simplórios, sejam eles sociais ou naturais. O real é repleto de complexidades. Explicá-lo por meio da linguagem é algo inconcebível. O máximo que se consegue fazer é criar representações imaginárias sobre os acontecimentos. É preciso, entretanto, considerar que todas essas representações são perpassadas por experiências individuais e determinações histórico-culturais. Portanto, não poderiam jamais corresponder à ordem puramente objetiva dos fatos.

Rotineiramente, o jornalismo constrói sentidos sobre os fatos que perturbam a relativa estabilidade preservada na sociedade devido à atuação das mais diversas instituições sociais criadas ao longo dos anos. Esses sentidos são resgatados a partir do enquadramento dos fatos em discursos que, muitas vezes, se baseiam em quadros interpretativos que já se encontram em estado de relativa estabilidade. Assim, os veículos informativos constituem mais que uma instância social legítima de produção de sentido sobre a realidade, eles atuam em sua construção. Como descreve Christa Berger, é preciso rever a noção de linguagem para esclarecer o discurso jornalístico. “É fundamental compreendê-la pelo poder de constituir (e não de descrever) aquilo que é por ela representado.” (BERGER, 1996, p. 189)

A maneira como os sujeitos e os fatos são enquadrados pelos *media* produz referências que influenciam na forma como as pessoas enxergam o mundo fenomenal. Dessa maneira, a mídia intervém na interpretação dos fenômenos sociais fornecendo “respostas” ou “soluções” para questões de grande complexidade. Muitas vezes, “a cobertura não dá conta de um fenômeno complexo e acaba por buscar explicações generalizantes.” (ANTUNES, 2012, p. 273)

As representações presentes nos produtos desenvolvidos pelo jornalismo produzem significado sobre o mundo que se julga real. Em se tratando de ocorrências que abalam a estrutura social de forma mais intensa, essa questão se torna ainda mais relevante. Faz-se importante questionar como a mídia interpreta os fatos que fogem das convenções sociais, em termos legais e morais. Sabe-se que a cobertura de crimes é uma rotina para os veículos jornalísticos, no entanto, alguns crimes em específico rompem com o sentido parcialmente estabilizado sobre a violência. Enquadram-se nessa categoria aquelas

ocorrências que destoam da cobertura rotineira e causam, portanto, maior impacto social devido a dimensão de seu desenrolar.

O acontecimento que foi nomeado pela mídia como “Caso Yoki” pode ser considerado um crime que destoou da cobertura convencional sobre essa categoria de infração social. O caso chamou a atenção pelo grau de brutalidade com o qual foi executado. Elize Matsunaga matou e esquartejou o marido, Marcos Matsunaga. Não bastasse o fato de o assassinato ser carregado de horror pelo fato de o corpo da vítima ter sido esquartejado, o teor de quebra das convenções parece ser ainda mais intensificado pelo fato de a infração ter sido cometida por uma mulher. Diz-se isso em vista da forma como a imagem do sexo feminino vem sendo constituída ao longo da história da humanidade. Geralmente, a mulher é associada a características de docilidade, fragilidade e vulnerabilidade. A figura feminina ocupa, no imaginário social, um espaço que quase necessitaria de proteção. Ao mesmo tempo, tem-se a ideia de uma figura habilitada a cuidar das pessoas, como marido, filhos ou qualquer outro ser humano que necessite de amparo.

5.3 METODOLOGIA: APLICAÇÃO DA ANÁLISE SE CONTEÚDO NA IDENTIFICAÇÃO DE ENQUADRAMENTOS

Na análise empírica apresentada no próximo tópico busca-se identificar como os veículos informativos *Folha Online* e *O Globo* online enquadraram o acontecimento “Caso Yoki”, nos primeiros dez dias do mês de junho de 2012. Para efetuação desse trabalho, tomase o conceito de enquadramento na perspectiva apresentada por Todd Gitlin, segundo a qual, “enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os organizadores dos símbolos organizam o discurso” (GITLIN *apud* PORTO, 2004, p. 80).

O mapeamento desses enquadramentos será feito por meio da Análise de Conteúdo. De acordo com Laurence Bardin (1977), a AC procura fugir da ilusão da transparência dos fatos sociais e da leitura simples do real. Assim, deve-se buscar ultrapassar as incertezas, enriquecer a leitura e ir além das aparências por meio do rigor metodológico. Esse objetivo pode ser alcançado com base em uma leitura sistematizada dos textos tomados como foco de estudo. A autora destaca que análises que se assemelham a AC são praticadas

desde a antiguidade. A interpretação de textos sagrados ou misteriosos, por exemplo, é uma prática muito antiga. Mensagens obscuras só podem surgir depois de uma observação cuidadosa. Por detrás do discurso aparente esconde-se um sentido que convém desvendar. A interpretação dos sonhos, a exegese religiosa, a crítica de textos literários e até mesmo a astrologia ou a psicanálise revelam um processo hermenêutico. O campo das ciências políticas ocupou um lugar de destaque no desenvolvimento da análise de conteúdo.

Os problemas levantados pela Segunda Guerra influenciaram ainda mais o fenômeno. Durante os anos da guerra, o governo americano tinha interesse em que os analistas desmascarassem os jornais suspeitos de propaganda subversiva. O período imediatamente posterior à guerra foi marcado por desinteresse. Mas no início dos anos 50, a “Social Science Research Council's Committee on Linguistics and Psychology”, organizou diversos congressos sobre problemas da “Psicolinguística”. A partir de então, a análise de conteúdo entra em uma segunda juventude. Diversos campos da ciência se juntaram para questionarem técnicas e proporem contribuições. A partir disso, a AC passou a ser considerada não exclusivamente de alcance descritivo. Tomou-se consciência de que o seu objetivo é a inferência. Com isso, a inferência passou a ser realizada com base em indicadores de frequência. A partir dos resultados da análise pode-se regressar às causas ou buscar os efeitos das comunicações.

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos extremamente diversificados. O fator comum das múltiplas técnicas é uma hermenêutica controlada: a inferência. Trata-se de um esforço de interpretação que oscila entre o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetivação. Os três principais polos da AC são: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados (inferência e a interpretação). A pré-análise é a fase de organização. Tem por objetivo sistematizar as ideias iniciais. Em muitos casos, o analista é orientado por hipóteses implícitas.

A Análise de Conteúdo é um leque de apetrechos para análise das comunicações. Por meio desse conjunto de técnicas, busca-se compreender a comunicação além de seus significados imediatos. A AC pode ser uma análise dos significados ou dos significantes. Sendo que o tratamento descritivo constitui o primeiro tempo do procedimento. A descrição analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. O analista, no seu trabalho de poda, é considerado como aquele que delimita

as unidades de codificação, ou as de registro. Estas, de acordo com o material ou código, podem ser: a palavra, a frase, o minuto, o centímetro quadrado. A análise deve obedecer a regras, às quais devem obedecer as *categorias* de classificação. Essa *análise categorial* toma em consideração a totalidade do texto, passando pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou ausência) de itens de sentido.

O interesse da análise de conteúdo não reside na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes poderão ensinar após serem tratados. Esses saberes deduzidos dos conteúdos podem ser de natureza psicológica, sociológica, histórica, econômica etc. Assim, a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

Bardin (1977) destaca ainda que o analista é como um arqueólogo, trabalha com vestígios. Mas, os vestígios são a manifestação de estados, de dados e fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles. Se a descrição é a primeira fase e se a interpretação é a última, a inferência é o procedimento intermediário. As inferências podem responder a dois tipos de problema: as causas ou antecedentes da mensagem e os efeitos das mensagens. Dessa forma, a leitura efetuada pelo analista de conteúdo não é unicamente uma leitura “à letra”, mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. Procura-se estabelecer correspondências entre as estruturas semânticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas.

Roque Moraes (1999, p. 2) apresenta o seguinte argumento:

como método de investigação, a análise de conteúdo compreende procedimentos especiais para o processamento de dados científicos. É uma ferramenta, um guia prático para a ação, sempre renovada em função dos problemas cada vez mais diversificados que se propõe a investigar. Pode-se considerá-la como um único instrumento, mas marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, qual seja a comunicação.

O autor destaca que a AC é uma metodologia usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de texto. Ela representa uma abordagem metodológica com características própria. A análise de conteúdo compreende procedimentos para o processamento de dados científicos. Nessa dissertação, busca-se efetuar a identificação de enquadramentos por meio da AC. A escolha pela vertente metodológica relacionada ao enquadramento funda-se no fato de que, por meio dela, pode-se trabalhar não somente os aspectos que se referem ao texto, mas também a fatores históricos e sociais. Uma vez que,

“sendo construções simbólicas e interpretativas, os enquadramentos referem-se a crenças partilhadas na sociedade” (SILVEIRINHA, 2005, p. 2).

Para averiguar os enquadramentos sobre o “Caso Yoki”, predominantes nos portais considerados nesta pesquisa, primeiramente apresenta-se uma análise descritiva de cada um dos textos publicados pelos dois sites informativos, no período considerado, sobre o acontecimento. Fez-se também um quadro sinóptico com a compilação dos títulos das matérias analisadas, a data em que elas foram publicadas e as fontes citadas. Acredita-se que esse quadro oferece ao leitor a visualização dos enquadramentos recorrentes nos textos. Isso porque a descrição dos títulos empregados nas matérias, aliada à informação sobre as fontes que foram utilizadas nelas, fornecem um panorama geral sobre as temáticas e discursos prevalentes nas coberturas analisadas. Posteriormente, faz-se a interpretação dos elementos catalogados nas etapas analíticas e a aplicação dos conceitos teóricos, apresentados anteriormente, aos dados inferidos.

A fim de facilitar ainda mais a visualização e interpretação do conteúdo divulgado nas matérias consideradas, apresenta-se uma compilação de dados sobre cada um dos textos (tal material se encontra em anexo). Para fins de esclarecimento, pontua-se que as referências temporais apresentadas na catalogação em questão foram preservadas tal como foram inseridas nas matérias divulgadas e não devem, portanto, serem consideradas tomando como referência o tempo presente. De forma que elas devem ser interpretadas com base no dia em que as publicações foram postadas. Nessa etapa da análise foram elencados os seguintes elementos: (a) a data e horário em que a matéria foi divulgada, (b) o título, (c) as fontes citadas e (d) as informações principais. Destacaram-se as fontes presentes nos textos devido ao fato de elas interferirem diretamente no conteúdo apresentado. No tópico “informações principais” apresentam-se um resumo dos dados inéditos divulgados pelas matérias.

5.4 ANÁLISE DESCRITIVA

5.4.1 Matérias publicadas pela *Folha Online*

No mês de junho de 2012, a primeira matéria publicada pela *Folha Online* sobre o “Caso Yoki” foi intitulada: “PMs são suspeitos de esquartejar executivo da Yoki em SP”. A matéria, publicada no dia quatro de junho, informava que um grupo de policiais militares estava sendo investigado sob suspeita de terem participado da morte do empresário Marcos Matsunaga. Os PMs faziam parte da escolta particular de Marcos. Na sequência, o portal apresentou dados adicionais sobre o caso. A matéria informava que algumas partes do corpo do empresário foram encontradas no dia 27 e que, para a polícia, as partes do corpo tinham sido mantidas em um refrigerador. Diz-se ainda que não houve pedido de resgate e que o DHPP (Departamento de homicídios) não descartava que Marcos pudesse ter sido vítima de um sequestro.

A segunda matéria publicada pela *Folha Online* sobre o “Caso Yoki” no dia quatro de junho de 2012 foi intitulada: “Justiça decreta prisão temporária de mulher de executivo morto”. Apenas os dois primeiros parágrafos da matéria faziam menção à Elize Matsunaga, mas não citavam o nome da suspeita. O *lead* em questão informava: “A Justiça determinou a prisão temporária (por cinco dias) da mulher do empresário Marcos Kitano Matsunaga, 40, diretor-executivo da Yoki, uma das maiores empresas do ramo alimentício do país. O corpo de Matsunaga foi esquartejado e, ao longo das últimas semanas, as partes foram desovadas em cidades da Grande São Paulo. O nome da suspeita não foi divulgado e a motivação, segundo a polícia, foi passional.” (CARAMANTE, 2012) Em seguida, foram apresentados dados que já haviam sido publicados na matéria anterior sobre o caso. O texto lembrava ainda que um grupo de policiais militares chegou a ser investigado sob suspeita de terem participado do crime, mas que a possibilidade já tinha sido descartada pela Polícia Militar.

No dia cinco de junho, a *Folha Online* publicou uma matéria intitulada: “Polícia diz ter indícios de que executivo da Yoki traía a mulher”. No texto, diz-se que a Polícia Civil de São Paulo tinha levantado indícios concretos de que o empresário Marcos Matsunaga traía

a mulher. Na sequência, apresenta-se uma recapitulação dos fatos ligados ao caso. Lembrou-se que Elize tinha sido presa no dia quatro, apontada como suspeita do crime, e que ela negava qualquer participação. Fez-se menção ao delegado Jorge Carrasco que havia feito a seguinte afirmação: “tudo indica que seja um crime passional”. Recordaram-se ainda as circunstâncias em que o corpo do empresário foi encontrado. A matéria informava também que Carrasco tinha afirmado que havia indícios concretos de que outras pessoas teriam ajudado Elize a desovar as partes do corpo de seu marido. Em seguida, o portal apresentou trechos de textos divididos nos seguintes subtítulos: “O crime” e “Indícios”. No primeiro fragmento, o portal descreve as cenas flagradas pela polícia ao analisar imagens da câmera de segurança do prédio do casal. Descreve-se a sequência de imagens relacionadas ao casal flagradas pelo dispositivo tecnológico.

No trecho intitulado “Indícios”, a *Folha Online* apresenta os indícios que levavam a suspeita de que Elize teria matado o marido. Tais vestígios destacados podem ser resumidos nos seguintes pontos: (01) Matsunaga era colecionador de armas e, após seu desaparecimento, Elize entregou à Guarda Municipal de Cotia algumas armas que pertenciam a ele para que fossem destruídas. (02) Carrasco havia dito que no apartamento do casal existiam várias geladeiras e a polícia acreditava que as partes do corpo de Matsunaga ficaram em algum tipo de refrigerador antes de serem jogadas em Cotia. (03) A polícia tinha encontrado, no imóvel, sacos de lixo idênticos ao usado para embalar partes do corpo de Matsunaga. (04) Os peritos que analisaram as partes do corpo afirmam que os cortes foram feitos com extrema precisão e Elize possui curso técnico de enfermagem. (05) Elize era beneficiária de um seguro de vida feito pelo executivo, no valor de R\$ 600 mil.

Ainda no dia cinco de junho, a *Folha Online* publicou uma matéria com o seguinte título: “Assassino de executivo pode ter problemas psiquiátricos, diz advogado”. O texto informava que o advogado da família do executivo Marcos Kitano Matsunaga tinha afirmado que o modo utilizado para desovar o corpo sugeria que o assassino possuía problemas psiquiátricos. Diz-se ainda que Luiz Flávio Borges D’Urso teria feito as seguintes afirmações: é “‘muito estranho’ o fato de os pedaços terem sido despejados aos poucos, todos no mesmo local, ‘de maneira a serem encontrados’ progressivamente pela polícia. A literatura do comportamento criminoso dá conta de que as perturbações, as anomalias mentais, levam o indivíduo criminoso a disputar com aquele que tenta descobrir sua identidade”. Na sequência, apresenta-se novamente uma breve recapitulação das circunstâncias em que o corpo de

Marcos Matsunaga foi encontrado. Posteriormente, volta-se a fazer referências a afirmações feitas pelo advogado da família. De acordo com o texto em questão, ele teria dito que era como se fosse, para o criminoso, um jogo de esconde-esconde, de gato e rato.

A última matéria publicada pela *Folha Online*, sobre o caso, no dia cinco de junho, foi intitulada: “mulher de executivo da Yoki nega esquartejamento”. A única informação nova acrescentada por essa matéria era a de que Elize Matsunaga havia negado à Polícia Civil ter cometido o crime. O restante do texto trazia uma compilação de dados que já haviam sido divulgados pelo site em outras matérias.

No dia seis de junho a *Folha Online* publicou 11 matérias sobre o “Caso Yoki”. A primeira a primeira delas, intitulada “Polícia quer prorrogar prisão da mulher de executivo da Yoki”, informava que a Polícia Civil iria pedir a prorrogação da prisão temporária contra Elize Matsunaga, apontada como suspeita de ter matado o marido, Marcos Matsunaga. A matéria também destacava que Elize estava presa desde o dia quatro de junho. A seguir, apresenta-se um trecho da notícia: “Ela já estava no DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa) por volta das 11h desta quarta-feira, onde prestará depoimento sobre o caso. A polícia diz acreditar que Marcos traía a mulher e que o crime teve motivação passional. Elize, no entanto, nega qualquer participação na morte do marido.” (POLÍCIA..., 2012b) O texto também informava que, de acordo com a polícia, havia indícios de que outras pessoas ajudaram Elize a desovar as partes do corpo de Marcos.

A segunda matéria postada pela *Folha Online* no dia seis de junho, intitulada “Mulher de executivo da Yoki confessa ter matado e esquartejado marido”, já informava que Elize havia confessado o crime. O primeiro parágrafo do texto afirmava: “Elize Matsunaga, 30, confessou em depoimento à polícia de São Paulo, nesta quarta-feira, ter matado e esquartejado o marido, Marcos Kitano Matsunaga, 42, diretor-executivo da empresa de alimentos Yoki. Ela está presa desde a noite de segunda-feira (4) e ainda está sendo ouvida pela polícia na tarde desta quarta.” (CARAMANTE, 2012c) Em determinada parte do texto, ressalta-se que a polícia já havia informado que as investigações apontavam que Matsunaga traía a mulher e que o crime teria motivação passional, mas havia suspeitas de que Elize teria tido ajuda para desovar o corpo. O texto afirma ainda que os policiais do DHPP suspeitavam que Elize tinha contratado um detetive para seguir o executivo e que, apesar de Elize dizer que cometeu o crime sozinha, uma testemunha dizia ter visto quando um motociclista jogou sacos plásticos azuis em um região de mata de Cotia (Grande SP).

No final da matéria, faz-se uma pequena menção ao enterro de Marcos Matsunaga, com as seguintes palavras: “Matsunaga foi enterrado ontem no cemitério São Paulo. Apenas o pai, Mitsuo, e o irmão, Mauro, compareceram, seguindo uma decisão da família. Havia mais sete pessoas, entre advogados e funcionários da empresa. Não houve velório, mas apenas uma cerimônia de cinco minutos, realizada por um bispo anglicano.” (CARAMANTE, 2012c)

A terceira matéria divulgada pela *Folha Online*, no dia seis de junho, intitulada “Executivo da Yoki e mulher frequentavam igreja em SP e ajudavam creche”, informava que Marcos e Elize frequentavam uma igreja Anglicana. O texto cita partes de uma entrevista feita com o líder da igreja, reverendo Aldo Quintão. O entrevistado afirma que Marcos Matsunaga era um homem discreto e que Marcos e Elize costumavam doar presentes para as crianças abrigadas por uma creche mantida pela igreja. A matéria ressalta ainda que os vizinhos de Marcos também o consideravam um homem discreto.

A quarta matéria divulgada pela *Folha Online*, no dia seis de junho, tinha o seguinte título: “Prisão de mulher de executivo da Yoki é prorrogada por 15 dias”. O texto afirmava que a prisão temporária de Elize Matsunaga havia sido prorrogada por mais 15 dias. O texto destaca que a informação havia sido confirmada pelo delegado Jorge Carrasco, chefe do DHPP (Departamento de Homicídios), que investiga o caso. O texto afirma ainda que mais cedo, o advogado Luiz Flávio Borges D’Urso, contratado pela família da vítima, havia dito que a prorrogação era por 30 dias, mas a informação não foi confirmada pela polícia. A narrativa ressalta também que Elize disse ter cometido o crime sozinha. Por fim, o jornal informa que no momento em que a notícia foi divulgada, Elize ainda prestava depoimento no DHPP.

A quinta matéria divulgada pela *Folha Online*, no dia seis de junho, foi intitulada “Ciúme não pode ser único responsável por um assassinato, diz especialista”. O texto apresenta partes de uma entrevista feita com um o professor de Psicologia. A seguir, apresenta-se um trecho da matéria: “O ciúme não pode ser considerado o único responsável por um assassinato, afirma Ailton Amélio da Silva, professor de Psicologia da USP. Para o especialista em relacionamento amoroso, crimes passionais motivados pelo ciúme revelam desequilíbrios emocionais ou problemas de personalidade. ‘Se a pessoa tem uma psicopatologia, é ciumenta, e o parceiro dá margens ao ciúme, as três forças unidas fazem com que a pessoa saia do sério e faça coisas graves e inesperadas’, diz” (CARDOSO, 2012).

Apesar de o título da matéria ser “Ciúme não pode ser único responsável por um assassinato, diz especialista”, fazendo, portanto, referência à entrevista feita com o Psicólogo, a matéria se limita a apresentar apenas a parte da entrevista citada acima. Não se constata maior aprofundamento ao longo do texto. Após fazer breve referência à entrevista com o psicólogo, a matéria reitera informações que já haviam sido divulgadas sobre o caso, como o fato de Elize ter confessado o crime, dentre outras considerações sobre o assassinato.

A sexta matéria divulgada pela *Folha Online*, no dia seis de junho, intitulada “Polícia investiga se marido de empregada ajudou a desovar executivo”, destacava uma entrevista coletiva com o chefe do DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa), Jorge Carrasco. O texto informava que, no depoimento, o delegado disse que Elize Matsunaga esquartejou o marido no banheiro da empregada e que ela teria agido sozinha no caso. Apesar disso, a polícia ainda investigava o marido de uma empregada de Elize sob suspeita de ele ter ajudado a desovar o corpo. Além de apresentar o texto informativo, o portal também disponibilizou o áudio da entrevista.

A sétima matéria divulgada pela *Folha Online*, no dia seis de junho, intitulada “Mulher diz que matou executivo após briga por causa de traição”, informava que a arma usada para matar o executivo Marcos Kitano Matsunaga foi um presente dele para a mulher, Elize Matsunaga, que confessou o crime. O texto destaca que, segundo a polícia, Elize disse em seu depoimento – que durou oito horas – ter usado uma pistola automática calibre 380. O texto acrescenta ainda que o tiro foi disparado na sala, após uma discussão conjugal por conta de uma traição que teria sido descoberta por Elize.

A oitava matéria apresentada pela *Folha Online*, no dia seis de junho, foi intitulada “Empresário foi esquartejado no banheiro da empregada; ouça delegado”. O texto informa que um Policial Militar havia acusado a *Folha* de ter errado na cobertura da morte do executivo Marcos Matsunaga. O policial acusa o jornal por ter afirmado que policiais militares teriam envolvimento com o crime, em matéria divulgada no dia quatro de junho. Após descrever a denúncia feita pelo policial, André Caramante, jornalista que divulgou a informação, apresenta sua defesa. Caramante destaca que a informação de suspeita de envolvimento de PMs baseou-se em relatos da própria Secretaria da Segurança Pública, do Serviço Reservado da PM, do DHPP [Departamento de Homicídios] e de dois diretores da Polícia Civil. O jornalista destacou ainda que tão logo o DHPP afastou o envolvimento de

PMs no crime, a *Folha* noticiou que Elize Matsunaga era a principal suspeita de ter cometido o crime.

A nona matéria divulgada pela *Folha Online*, no dia seis de junho, intitulada “Mulher diz que matou executivo com arma que ganhou de presente”, informava que a arma usada para matar o executivo Marcos Matsunaga foi um presente dele para a mulher, Elize Matsunaga. De acordo com o texto, Elize teria dito à polícia que usou uma pistola calibre 380. Segundo a matéria, ela acrescentou que após o disparo levou o corpo para um quarto do imóvel e aguardou cerca de 10 horas antes de começar a cortar o corpo no banheiro da empregada. Por fim, diz-se que Elize revelou em seu depoimento que, após cometer o crime, doou o colchão onde o casal dormia para uma babá.

A décima matéria divulgada pela *Folha Online*, no dia seis de junho, foi intitulada “PM diz que a Folha errou em reportagem sobre morte de empresário”. No texto, reproduziu-se uma crítica apresentada por um PM sobre reportagem da *Folha* que afirmava que policiais militares poderiam ter envolvimento com o crime. Na sequência, o jornalista André Caramonte rebate as críticas ao argumentar que a informação havia sido divulgada com base em relatos da própria Secretaria da Segurança Pública do Serviço Reservado da PM, do DHPP (Departamento de Homicídios) e de dois diretores da Polícia Civil.

A décima primeira matéria divulgada pela *Folha Online*, no dia seis de junho, foi intitulada “Imagens mostram últimos momentos de executivo da Yoki; veja”. O texto destacava que a polícia havia divulgado naquela noite (ressalta-se que a matéria foi postada às 22h34) as imagens de câmeras de segurança do prédio onde o executivo da Yoki morava com a mulher. O texto enfatiza que essas imagens foram os principais indícios que levantaram a suspeita sobre a participação de Elize, que acabou confessando ter matado o marido. O vídeo em questão foi disponibilizado ao internauta. Além disso, o veículo informativo apresenta uma descrição detalhada dos movimentos percebidos na imagem.

No dia sete de junho a *Folha Online* publicou matéria intitulada “Familiares de acusada de matar executivo da Yoki pedirão guarda de bebê”. A matéria informava que, desde o dia quatro, a menina que Elize teve com Marcos Matsunaga estava sob os cuidados de uma tia. Diz-se ainda que o advogado da família de Elize, Auro Almeida Garcia, havia dito que todos estavam “chocados” com o crime e a confissão e que “nunca tomaram conhecimento de qualquer tipo de problema entre o casal” (ESTELITA, 2012). Em seguida, destacou-se que

“toda família de Elize era de Chopinzinho, município de 19 mil habitantes no sudoeste do Paraná e que foi lá que Elize nasceu e onde mora boa parte de sua família” (ESTELITA, 2012). Destacou-se ainda que, segundo o advogado, uma tia de Elize tinha viajado a São Paulo para tomar conta da filha que ela teve com Matsunaga. Para finalizar a matéria, enfatizou-se que, de acordo com o advogado, “a mãe de Elize, uma comerciante, estava em tratamento contra um câncer e em delicado estado de saúde”.

A segunda matéria publicada pela *Folha Online* no dia sete de junho foi intitulada “Polícia reconstitui assassinato de executivo da Yoki após mulher confessar crime”. O texto informava que a polícia de São Paulo havia feito a reconstituição do assassinato de Marcos Kitano Matsunaga para confirmar a versão dada por Elize Matsunaga, mulher do executivo que havia confessado o crime. Destacou-se que ela tinha afirmado que não obteve ajuda para matar e desovar o corpo. Diz-se ainda que Elize acompanhou a reconstituição e apontou aos peritos o local onde matou o marido e até onde arrastou o corpo. Informou-se que os trabalhos duraram aproximadamente seis horas e comprovaram a versão de Elize. O portal enfatizou que “os peritos levaram um boneco para representar o executivo e usaram um reagente químico para localizar marcas de sangue no apartamento do casal.” (POLÍCIA..., 2012c) Na sequência, o portal divulgou informações que já haviam sido apresentadas em matérias publicadas anteriormente.

A terceira matéria publicada pela *Folha Online* no dia sete de junho foi intitulada “Polícia apreende 30 armas na casa de executivo assassinado em SP”. O texto informava que “a polícia de São Paulo tinha apreendido armas de diversos calibres e cerca de 10 mil projéteis no apartamento de Marcos Kitano Matsunaga” (POLÍCIA..., 2012d). Na sequência, foram apresentadas informações que já haviam sido divulgadas em matérias anteriores.

No dia oito de junho a *Folha Online* publicou matéria intitulada “Família de executivo da Yoki não vai disputar guarda de criança”. A matéria informava que o advogado da família de Marcos Matsunaga tinha dito que não haveria disputa pela guarda da filha do casal de um ano. Informou-se que o advogado Luiz Flávio D’Urso também havia declarado que o pai de Marcos tinha falado com a tia de Elize e ele ficou convencido de que ela estava bem assistida e que a principal preocupação da família era com bem-estar da menina, então não havia motivo para disputa.

Enfatizou-se ainda que a *Folha Online* tinha revelado que o casal passava por uma crise conjugal e a mulher já havia pedido a separação três vezes. A informação teria sido apresentada pelo advogado de Elize, Luciano Santoro. Destacou-se ainda que, de acordo com o advogado, o executivo dizia que se eles se separassem, ficaria com a filha deles e que a disputa pela filha teria motivado o crime. O portal informou também que, sobre o argumento do advogado de Elize, D'Urso tinha afirmado que "a família de Matsunaga tinha um bom relacionamento com Elize e que desconhecia a informação de que o casal estaria passando por uma crise." (FAMÍLIA, 2012) Por fim, destacou-se que sete pessoas foram ouvidas na investigação. Dentre elas estava o detetive particular contratado por Elize para seguir o marido e que comprovou que ele a traía. Em seguida, foram divulgadas informações que já haviam sido publicadas em matérias anteriores.

No dia oito de junho a *Folha Online* publicou matéria intitulada "Disputa por filha causou morte de executivo da Yoki, diz defesa." A matéria fazia referência a uma reportagem de André Caramante publicada pela *Folha de S. Paulo*. Informou-se que Elize Matsunaga disse ter matado e esquartejado o marido porque foi ameaçada por ele de perder a guarda em uma possível separação do casal, segundo a defesa. Na sequência, foram apresentadas informações que já haviam sido divulgadas em matérias anteriores.

No dia nove de junho a *Folha Online* publicou matéria intitulada "Ninguém ou todos devem ter armas em casa, expõe leitor". A autoria do texto pertencia ao tenente Dirceu Gonçalves, de São Paulo. O tenente afirmou que, "desde 1928, quando o imigrante José Pistone matou, esquartejou e despachou dentro de uma mala o corpo da mulher, Maria Fé, a expressão 'crime da mala' faz parte do jargão policial. A diferença é que, agora, o homem é quem foi vítima." Em seguida, ele afirmou que o que chamava a atenção era a existência de 30 armas no apartamento do casal. Segundo ele, era difícil crer que, depois de toda a campanha de desarmamento, alguém poderia ter legalmente um verdadeiro arsenal em casa.

No dia dez de junho a *Folha Online* publicou matéria intitulada "Assassina de empresário da Yoki reclama do tamanho de cela." O texto informava que, segundo os policiais, Elize tinha comparado a cela com a cobertura onde vivia até ser detida. Ela teria dito que a cela era menor do que a cama em que dormia antes de ser presa. Na sequência, foram apresentadas informações que já haviam sido divulgadas em outras matérias.

5.4.2 Matérias publicadas pelo *O Globo* online

No mês de junho de 2012, a primeira matéria publicada pelo *O Globo* online sobre o “Caso Yoki” foi intitulada: “Mulher de executivo da Yoki é presa suspeita de matar o marido”. A matéria foi publicada no dia cinco e informava que a mulher do executivo-chefe da fabricante de alimentos Yoki tinha sido presa na noite anterior e que ela era a principal suspeita de ter esquartejado o marido, Marcos Matsunaga. O texto informava ainda que Elize tinha sido levada para fazer corpo delito e que peritos estiveram no apartamento do casal para procurar indícios que levassem ao autor do crime. Destacava-se também que a prisão temporária de Elize tinha validade de cinco dias.

O texto trazia ainda trechos de uma entrevista cedida pelo delegado Jorge Carrasco, diretor do Departamento de Homicídios da Polícia de São Paulo. Na fala exposta, o delegado afirmava que a Polícia tinha indícios muito fortes que levavam a concluir que a esposa da vítima havia participado do homicídio. A matéria também apresentava uma declaração feita pelo advogado Luiz Flávio D’Urso, contratado pela família do empresário. O advogado afirmava que não havia nenhum registro de pedido de resgate.

A segunda matéria publicada pelo *O Globo* online no dia cinco de junho foi intitulada: “Mulher de executivo da Yoki era ‘exímia atiradora’, diz polícia”. A matéria afirmava que o delegado Mauro Dias, do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) da Polícia Civil de São Paulo tinha dito, em entrevista, que Elize Matsunaga era exímia atiradora. De acordo com o texto, o delegado afirmou também que Elize e o marido treinavam tiros – ele era colecionador de armas.

Diz-se ainda que, segundo o entrevistado, a suspeita entregou três armas à campanha do desarmamento. Uma delas com calibre 765, o mesmo projétil encontrado no corpo da vítima. Encerrou-se a menção feita a Mauro Dias com a seguinte frase: “nós temos alguns indícios de participação da esposa, o que culminou no pedido de prisão temporária dela – diz o delegado.” (GUANDELINE, 2012) O portal informa também que a hipótese de alguma relação entre o crime e a venda da Yoki para um grupo americano era praticamente descartada.

Em seguida, faz-se referência ao delegado Jorge Carrasco, diretor da DHPP. Diz-se que o delegado teria afirmado que havia indícios, baseados em fatos reais, de traição por parte de Marcos Matsunaga. Em seguida, o portal apresenta uma breve recapitulação sobre o crime. Destaca-se que, de acordo com Jorge Carrasco, o casal foi filmado por câmeras de segurança do prédio onde morava no início da noite do dia 19 de maio. Logo depois, a vítima desceu para buscar pizza, e não mais apareceu nas imagens do circuito interno. Elize foi vista no dia seguinte deixando o apartamento com três malas de rodinhas.

Afirmou-se ainda que o irmão de Marcos registrou boletim de ocorrência no dia 22 de maio. Dias depois, alternadamente, foram encontradas partes da vítima em sacos plásticos de lixo similares aos utilizados no apartamento do casal. A cabeça foi encontrada no dia 27. Observou-se que o enterro do empresário tinha acontecido na terça-feira anterior à publicação da matéria. Acrescentou-se que “em depoimento informal, a suspeita disse à polícia que viajaria para o Paraná no domingo (20), sua terra natal, mas desistiu. Enfatizou-se ainda que o casal havia dispensado uma das babás da filha de um ano no sábado e que “na manhã de domingo, a segunda babá chegou para trabalhar, mas não notou algo de diferente na casa.” (GUANDELIN, 2012)

Por fim, pontuou-se que a polícia havia dito que “o casal andava com escolta particular feita por policiais militares. A vítima tinha um seguro de vida no valor de R\$ 600 mil, cujos beneficiários eram a mulher e as duas filhas de Marcos – ele tinha uma outra do primeiro casamento.” (GUANDELIN, 2012) Afirmou-se ainda que os delegados que investigam o caso disseram que a suspeita é destra, e que o tiro foi dado no lado esquerdo da cabeça de Marcos. De acordo com o texto, os delegados disseram também que a possibilidade das partes da vítima terem sido congeladas antes da desova seria investigada.

No dia seis de junho, *O Globo* online publicou uma matéria intitulada: “Agressão do marido teria motivado disparo, diz Elize Matsunaga”. A matéria informava que Elize Matsunaga, em depoimento à polícia, havia confessado ter agido sozinha, matado e esquartejado o marido Marcos Matsunaga. Ressaltou-se, entretanto, que os policiais que participavam da investigação iriam averiguar se Elize teve ajuda de alguém. Fez-se referência ao delegado Jorge Carrasco, da Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), que teria informado que “Marcos foi morto com um tiro na cabeça após uma discussão com a mulher: - Eles [o casal] tiveram uma discussão conjugal por conta de uma traição. Segundo

ela, houve uma agressão por parte do marido, fato que fez com que ela atirasse na vítima.” (GUANDELINE, 2012b)

A matéria informava ainda que, de acordo com a polícia, a arma usada no crime não era uma calibre 765, conforme havia sido informado pelo delegado, e sim uma calibre 380, que pertencia ao empresário. Na sequência, apresentaram-se alguns detalhes sobre o depoimento feito por Elize à polícia. Elize teria dito que “após o disparo, arrastou o corpo do marido até um banheiro da casa e, posteriormente, esquartejou-o, utilizando facas que estavam na residência.” (GUANDELINE, 2012b) De acordo com o texto, Elize teria declarado também que colocou os pedaços do corpo em sacos plásticos azuis de lixo, guardando-os depois em três malas. Diz-se que ela reafirmou ainda que teria agido sozinha.

Em seguida, informava-se que Elize tinha deixado a cadeia de Itapevi, na Grande São Paulo, por volta das 9h10m. Frisou-se que, segundo seu advogado, ela teria passado a noite deitada, chorando, e não quis se alimentar. Na sequência, informava-se que a defesa iria pedir a prorrogação da prisão temporária de Elize e que a babá do casal, que foi dispensada no dia em que o empresário provavelmente foi morto, também seria ouvida. Diz-se ainda que o empresário foi enterrado na terça-feira e que não houve velório. Informou-se também que no enterro, compareceram o pai, o irmão e alguns colegas. Abalada, a mãe não compareceu ao enterro.

Ao final da matéria, *O Globo* online voltou a fazer referência ao delegado Jorge Carrasco. O delegado teria feito a seguinte afirmação: “o casal foi filmado por câmeras de segurança do prédio onde morava no início da noite de sábado, dia 19 de maio. Nas imagens a vítima aparece na portaria para buscar uma pizza, e logo em seguida não há registro do circuito interno do condomínio. Elize foi vista no dia seguinte, domingo, no fim da manhã, deixando o apartamento com três malas de rodinha. Ela retornaria ao local no fim da noite, sem malas.” (GUANDELINE, 2012b)

No dia sete de junho *O Globo* online publicou matéria intitulada: “Caso Yoki: peritos encontram vestígios de sangue na casa”. A matéria informava que a Polícia de São Paulo tinha feito a reconstituição do assassinato do empresário Marcos Kitano Matsunaga. Destacou-se que Elize Matsunaga, que confessou ter matado e esquartejado o marido, havia participado de todo o processo, que teria durado cerca de seis horas. Diz-se ainda que a polícia tinha encontrado vestígios de sangue no apartamento. Em seguida, foram apresentados

detalhes sobre a reconstituição. Informou-se que foi utilizado um boneco com a altura e peso de Marcos e que Elize tinha declarado que chegou a pensar em avisar a polícia, logo após ter atirado no marido.

Acrescentou-se que algumas dúvidas tinham sido esclarecidas. Fez-se menção ao perito Ricardo Salada, que teria dito que Elize afirmou ter arrastado a vítima por um caminho e tinha sangue exatamente nesse caminho. O tiro foi na sala e ela teria arrastado o corpo para um quarto. A matéria informava também que, no local, foram apreendidas 30 armas, além de munição para 10 mil tiros. Enfatizou-se que o delegado Mauro Dias, do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) tinha informado que todas as armas estavam legalizadas e regulamentadas para uso de colecionador. Ao final do texto, informou-se que para a polícia a reconstituição demonstrava que não houve premeditação do crime e que Elize agiu sozinha e motivada por um fator emocional ao matar e esquartejar o marido.

No dia oito de junho *O Globo* online matéria intitulada: “Caso Yoki: ‘Elize foi humilhada pelo marido’, diz advogado.” A matéria informava que o advogado de Elize Matsunaga, Luciano Santoro, tinha dito que “uma discussão acalorada e muito rápida sobre infidelidade, seguida de um tapa no rosto, de uma ameaça de tirar a guarda da filha de um ano e de sucessivas humilhações” (GUANDELIN, 2012c) foram fatores que levaram sua cliente a matar o marido e empresário Marcos Matsunaga. Destacou-se ainda que Santoro tinha afirmado que, em discussões anteriores do casal, o empresário dizia sempre que, em caso de separação, não queria ficar longe da filha.

O texto informava também que, de acordo com Santoro, na discussão que ocorreu no dia do crime, Elize disse a Marcos que tinha contratado um detetive para confirmar uma suspeita de traição, e que estava sendo traída. Ainda segundo o advogado, Marcos teria questionado o fato de Elize ter usado dinheiro dele para pagar o detetive e depois deu um tapa no rosto dela. Em seguida ela pegou a arma e apontou para ele, e Marcos continuou humilhando a mulher, dizendo que ele ficaria com a guarda da filha, que diria a polícia que ela já foi garota de programa, que ela veio do lixo. Por fim, o advogado teria afirmado que o crime não foi premeditado, aconteceu no calor da discussão.

Na sequência, a matéria apresenta partes de uma entrevista cedida pelo advogado da família do empresário, Luiz Flávio Borges D’Urso. O advogado teria afirmado que um guia espiritual do casal havia alertado Marcos sobre o perigo que representava a quantidade

excessiva de armas no apartamento. Em seguida diz-se que tanto Marcos quanto Elize tinham feito curso de tiro e que, de acordo com a polícia, ela era “exímia atiradora”. Destacou-se ainda que ambos se conheceram em 2004, em um site de relacionamentos em que ela trabalhava como garota de programa.

Posteriormente, voltou-se a citar a entrevista feita com o advogado da família do empresário. D’Urso teria dito que acreditava na hipótese de premeditação do crime. O advogado teria acrescentado que o intrigava o fato de que ela já havia falado sobre separação, dessa forma, não teria sido um choque para Elize o que apurou o detetive. De acordo com a matéria, o advogado teria dito que, a princípio, a família de Marcos não iria lutar judicialmente pela guarda da filha do casal.

A matéria publicada pelo portal *O Globo* online trazia uma segunda camada de texto que apresentava o seguinte subtítulo: “Caso praticamente concluído”. Nessa parte da matéria destacava-se que o delegado Jorge Carrasco tinha dito que o inquérito devia ser concluído nos próximos dias. Diz-se que a Justiça tinha prorrogado o pedido de prisão temporária de Elize de 5 dias para 15 dias, tempo considerado “suficiente” para a polícia concluir a investigação. Em seguida, fez-se menção a uma declaração feita por Carrasco. O delegado teria afirmado que o caso estava praticamente fechado e que estavam faltando somente alguns laudos da perícia. De acordo com a matéria, ele disse também que não havia necessidade de uma nova reconstituição ou perícia. Na sequência, destacou-se que a arma do crime já tinha sido apreendida e periciada. Faltavam ainda serem encontradas a faca utilizada no esquartejamento e as três malas de viagem onde foram dispostas as partes do corpo do empresário. Informou-se que Elize tinha dito que deixou as malas dentro de uma caçamba de lixo.

No dia nove de junho *O Globo* online divulgou matéria intitulada “Caso Yoki: Polícia parou carro de mulher com o corpo do executivo.” A matéria informava que a Polícia Rodoviária Estadual de São Paulo chegou a parar o carro de Elize Araújo Matsunaga, no dia 20 de maio, data em que a técnica em enfermagem e bacharel em Direito se livrou dos sacos plásticos onde colocou as partes do corpo do marido. Diz-se que Elize seguia de carro para o Paraná. O carro que ela dirigia não foi revistado, ela acabou liberada após receber uma multa.

A matéria esclarecia que “a mulher de Marcos viajou por mais de 200 quilômetros, mas desistiu de ir até o Paraná por conta da filha de um ano.” (GUANDELIN,

2012c) Destacou-se ainda que “Elize e Marcos se conheceram em 2004, em um site utilizado por garotas de programa, e começaram a conversar após o executivo demonstrar interesse pelas fotos expostas de Elize. Eles estavam casados há dois anos.” (GUANDELIN, 2012c) Na sequência, o portal recapitulou informações que já haviam sido apresentadas na segunda parte da matéria publicada no dia oito de junho.

A segunda matéria publicada pelo *O Globo* online, sobre o “Caso Yoki”, no dia nove de junho, foi intitulada: “Elize Kitano: do conto de fadas à crônica policial em 8 anos.” O texto informava que quatro dias depois de matar e esquartejar o marido Elize foi a um salão de beleza. Abordaram-se detalhes do tratamento que ela fez no local, em seguida, fez-se menção de declarações que teriam sido feitas por funcionários do salão. Eles teriam dito que Elize estava mais ansiosa que o habitual e, em momento algum, retirou do rosto os óculos escuros. Um dos funcionários teria dito que Elize “estava triste, com voz embargada, nem falou direito com as pessoas do salão, mas não dava pra desconfiar, né?” (FREIRE, 2012)

Em seguida, destacou-se que, segundo a polícia, Elize tinha confessado ter matado com um tiro na cabeça o marido. Dez horas depois ela teria seccionado o corpo e guardado em três malas. O portal enfatizou que “a filha do casal, de um ano e meio, dormia num dos quartos da cobertura de 500 metros quadrados, avaliada em R\$ 5 milhões, para onde ela se mudou dois anos atrás para morar com Marcos.” (FREIRE, 2012) A matéria destacava ainda que, até casar, Elize havia se submetido à condição de amante. Destacou-se ainda que “segundo relatos na delegacia, ela não escondia a preocupação de ser trocada por outra mulher. A paixão iniciada em 2004 começou a diminuir logo após o nascimento da filha do casal. Com ciúmes, chegou a contratar detetive para seguir os passos do marido. Em cada discussão, o passado de Elize começou a pesar na relação dos dois.” (FREIRE, 2012)

Fez-se menção ainda a uma declaração feita pelo advogado de Elize, Luciano Santoro, ele teria dito que o casal tinha começado a brigar muito, e Marcos pensou em tomar a guarda da filha, ameaçando falar do passado de Elize na Vara da Família. A matéria apresentava também um segundo fragmento de texto, intitulado: “Reverendo teria alertado vítima para se prevenir”. Essa parte do texto fazia referência à história de vida de Elize e apresentava fragmentos de depoimentos que teriam sido feitos por pessoas que conviveram com ela em sua cidade natal, Chopinzinho. Essas pessoas falaram sobre a personalidade de Elize. Ao final da matéria, destacou-se que o advogado da família de Marcos tinha afirmado

que o reverendo que celebrou a cerimônia de casamento do casal havia alertado ao empresário para se prevenir em relação à Elize.

Tabela I

Matérias publicadas na *Folha Online*

Títulos das matérias	Data e horário de publicação	Fontes citadas
“PMs são suspeitos de esquartejar executivo da Yoki em SP”	04/06/2012 – 22h09	DHPP – Departamento de Homicídios da Polícia Civil de São Paulo; Corregedoria da Polícia Militar.
“Justiça decreta prisão temporária de mulher de executivo morto”	04/06/2014 – 18h22	DHPP – Departamento de Homicídios da Polícia Civil de São Paulo; Polícia Militar.
“Polícia diz ter indícios de que executivo da Yoki traía a mulher”	05/06/2014 – 16h49	Polícia Civil de São Paulo; delegado Jorge Carrasco, chefe do DHPP – Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa.
“Assassino de executivo pode ter problemas psiquiátricos, diz advogado”	05/06/2012 – 20h50	Luiz Flávio Borges D'Urso, advogado da família de Marcos Matsunaga.
“Mulher de executivo da Yoki nega esquartejamento”	05/06/2014 – 00h10	Delegado Jorge Carrasco, Chefe do DHPP(Departamento de Homicídios e Proteção à

		Pessoa).
“Polícia quer prorrogar prisão da mulher de executivo da Yoki”	06/06/2012 – 11h06	Secretaria de Segurança Pública (SSP).
“Mulher de executivo da Yoki confessa ter matado e esquartejado marido”	06/06/2012 - 13h21	Polícia de São Paulo.
“Executivo da Yoki e mulher frequentavam igreja em SP e ajudavam creche”	06/06/2012 – 13h55	Vizinhos (não identificados) de Marcos Matsunaga; Polícia; funcionários (não identificados) do mercadinho onde Marcos comprava pão; Aldo Quintão – reverendo da Catedral Anglicana de São Paulo.
“Prisão de mulher de executivo da Yoki é prorrogada por 15 dias”	06/06/2012 – 14h03	Delegado Jorge Carrasco, chefe do DHPP (departamento de homicídios).
“Ciúme não pode ser único responsável por um assassinato, diz especialista”	06/06/2012 – 14h33	Ailton Amélio da Silva, professor de Psicologia da USP.
“Polícia investiga se marido de empregada ajudou a desovar executivo”	06/06/2012 – 15h05	Polícia
“Mulher diz que matou executivo após briga por causa de traição”	06/06/2012 – 15h33	Delegado Jorge Carrasco, chefe do DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à

		Pessoa); testemunha da cidade de Cotia (fonte não identificada).
“Empresário foi esquartejado no banheiro da empregada; ouça delegado”	06/06/2014 – 17h28	Jorge Carrasco - chefe do DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa).
“Mulher diz que matou executivo com arma que ganhou de presente”	06/06/2015 – 19h12	Polícia
“PM diz que a Folha errou em reportagem sobre morte de empresário”	06/06/2012 – 21h45	Secretaria da Segurança Pública do Serviço Reservado da PM; DHPP [Departamento de Homicídios], Polícia Civil.
“Imagens mostram últimos momentos de executivo da Yoki; veja”	06/06/2012 – 22h34	Polícia
“Familiares de acusada de matar executivo da Yoki pedirão guarda de bebê”	07/06/2014 – 08h17	Auro Almeida Garcia, advogado da família de Elize.
“Polícia reconstitui assassinato de executivo da Yoki após mulher confessar crime”	07/06/2014 – 08h36	Polícia de São Paulo.
“Polícia apreende 30 armas na casa de executivo assassinado em SP”	07/06/2012 – 13h52	Polícia de São Paulo.
“Disputa por filha causou morte de executivo da Yoki, diz defesa”	08/06/2012 – 08h38	Luciano Santoro, advogado de Elize.
“Família de executivo da Yoki não vai disputar	08/06/2012 – 19h28	Luiz Flávio D'Urso, advogado da família de

guarda da criança”		Marcos; Luciano Santoro, advogado de Elize.
“Ninguém ou todos devem ter armas em casa, expõe leitor”	09/06/2012 – 09h30	Tenente Dirceu Cardoso Gonçalves, de São Paulo.
“Assassina de empresário da Yoki reclama do tamanho da cela”	10/06/2012 – 10h16	Polícia Civil

Tabela II

Matérias publicadas em *O Globo* online

Títulos das matérias	Data e horário de publicação	Fontes citadas
“Mulher de executivo da Yoki é presa suspeita de matar o marido”	05/06/2012 – 09h17	Delegado Jorge Carrasco diretor do Departamento de Homicídios da Polícia de São Paulo; advogado Luiz Flávio D’Urso.
“Mulher de executivo da Yoki era ‘exímia atiradora’, diz polícia”	05/06/2012 – 17h36	Delegado Mauro Dias, do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) da Polícia Civil de São Paulo; delegado Jorge Carrasco.
“Agressão do marido teria motivado disparo, diz Elize Matsunaga”	06/06/2012 – 09h39	Delegado Jorge Carrasco, da Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP).
“Caso Yoki: peritos encontram vestígios de sangue na casa”	07/06/2012 – 13h06	Polícia de São Paulo; Ricardo Salada, perito; delegado Mauro Dias, do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP).

“Caso Yoki: ‘Elize foi humilhada pelo marido, diz advogado”	08/06/2012 – 13h43	Luciano Santoro, advogado da família de Elize; Luiz Flávio Borges D’Urso, advogado da família de Marcos Matsunaga; delegado Jorge Carrasco, diretor do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP).
“Caso Yoki: polícia parou carro de mulher com corpo do executivo”	09/06/2012 – 10h35	Delegado Jorge Carrasco, diretor do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP).
“Elize Kitano: do conto de fadas à crônica policial em 8 anos”	09/06/2012 – 18h09	Funcionários (não identificados) de um salão de beleza, da Vila Madalena, freqüentado por Elize; Polícia, Luciano Santoro, advogado de Elize; Auro Garcia, amigo da família de Elize.

5.5 IMPLICAÇÕES DOS ENQUADRAMENTOS DO “CASO YOKI” FEITOS PELA FOLHA ONLINE E O GLOBO ONLINE

Constata-se que a *Folha Online* apresentou maior número de matérias sobre o “Caso Yoki” do que *O Globo* online. No período analisado, o primeiro portal citado postou 23 matérias sobre o caso, enquanto o segundo site publicou apenas sete matérias. Entretanto, percebe-se que as matérias do *Globo* apresentavam maior quantidade de informação. A *Folha Online* busca atualizar as informações sobre o caso constantemente. Já *O Globo* publicou, em média, apenas uma matéria por dia, acerca do caso. No dia seis de junho, data em que Elize confessou o crime, a *Folha Online* publicou 11 matérias sobre o “Caso Yoki”, enquanto *O*

Globo online postou apenas um texto informativo no qual fazia referência à ocorrência. Nesse dia, a *Folha Online* procurou manter o leitor atualizado, em todo o tempo, sobre os detalhes do depoimento feito por Elize Matsunaga à polícia. Percebe-se ainda que na maioria das matérias que traziam dados novos sobre o caso, o portal busca recapitular informações que já haviam sido divulgadas desde o começo das investigações acerca do crime. Em ambos os portais, constata-se forte centralização no discurso apresentado pela polícia e pelos advogados de Elize Matsunaga e da família de Marcos.

A constante atualização apresentada pela *Folha Online* pode ser apontada como reflexo do imediatismo que é cada vez mais desmedido na sociedade contemporânea. Como descreve Morin (2011, p. 173)

a câmera, o microfone que captam e transmitem o instantâneo são como os instrumentos predestinados e uma cultura que adere à realidade imediata. Em princípio, portanto, câmera e microfone são também destinados ao registro e à conservação, isto é, à memória coletiva. Mas essa função foi atrofiada pelo desenvolvimento prodigioso da função imediata, sob pressão de uma civilização do presente que, por sua vez, se acha sobredeterminada pela câmera e pelo microfone. [...] A cultura de massa privilegia o presente em uma imensa extensão que desposa e estimula a atualidade.

As postagens da *Folha Online* publicadas no dia seis de junho revelam a busca constante do webjornalismo em divulgar dados sobre o acontecimento logo que eles são evidenciados por uma instância portadora de legitimidade social, no caso, a polícia. Essa busca constante por acompanhar o andamento da reconstituição dos fragmentos sobre o caso pode acarretar um esvaziamento sobre questões mais profundas relacionadas à ocorrência.

Convém destacar que essa ideia de ter acesso ao desenrolar dos fatos em “tempo real” é consequência de um efeito ilusório criado pelas narrativas jornalísticas. Suzana Kilpp (2009), fazendo referência a Bergson, destaca que o tempo real é inapreensível e indivisível. Nele, passado e presente se imbricam virtualmente. De forma que o tempo só pode se tornar apreensível e divisível, na matéria, na forma e no pensamento. A autora pontua que, de acordo com Bergson, esses tempos apreendidos são fictícios, uma vez que a duração se encontra no *meio*, e, por isso, escorre entre o que imobilizamos pelo pensamento. Com base em conceituações apresentadas por Derrida (1998), Suzana Kilpp (2009) afirma que a expressão “tempo real” não passa de um efeito de real. Como destaca Sodré (2009), o que acontece está além de uma mera proposição, é sentido e *devoir* das coisas.

Ou seja, a impressão de estar acompanhando o desenrolar do acontecimento em tempo real acaba por reduzir a complexidade dos fatos. Com isso, a ilusão que o internauta tem de estar informado em todo o tempo, encobre outras vertentes que poderiam ser refletidas a partir de um caso particular. Edgar Morin (2011, p. 45) argumenta que

a cultura de massa traz ao lado da democratização propriamente dita (multiplicação pura e simples) uma vulgarização (transformação tendo em vista a multiplicação). [...] Os processos elementares de vulgarização são: simplificação, maniqueização, atualização, modernização.

Uma reflexão aprofundada requer a contextualização da ocorrência tomada como foco de análise. Tal posição, que poderia ser agregada aos conteúdos jornalísticos, vai muito além da construção de um mosaico que procura delimitar o sentido dos fenômenos sociais. Ela implica em desconstruir o caminho do óbvio-eficiente. Trata-se de abandonar a vertente que oferece respostas rasas para questões de alta complexidade. Como descreve Morin (2009) o aparecimento do homem é um acontecimento por si mesmo. Com ele, a evolução se transforma em História e os acontecimentos passam a intervir de maneira nova nos sistemas sociais. Os antagonismos internos desempenham papel motor no desenvolvimento dos sistemas sociais, provocando catástrofes. Assim, os sistemas sociais são geradores de acontecimentos.

Dentre as matérias analisadas, poucas fogem ao conteúdo puramente descritivo relacionado às investigações sobre o acontecimento. São elas: “Ciúme não pode ser único responsável por um assassinato, diz especialista” (*Folha Online*, 06/06); “Executivo da Yoki e mulher frequentavam igreja em SP e ajudavam creche” (*Folha Online*, 06/06); “Ninguém ou todos devem ter armas em casa, expõe leitor” (*Folha Online*, 09/06); “Elize Kitano: do conto de fadas à crônica policial em 8 anos” (*O Globo online*, 09/06).

A matéria intitulada “Assassino de executivo pode ter problemas psiquiátricos, diz advogado” (*Folha Online*, 05/06), faz referência a questões relacionadas ao campo da psiquiatria, mas não pode ser considerada como uma matéria de cunho analítico, uma vez que representa a opinião de uma pessoa que não é especialista na área. O texto se limitava a informar que o advogado da família de Marcos, Luiz Flávio D'Urso, havia dito que o modo utilizado para desovar o corpo sugere que o assassino possuía problemas psiquiátricos.

Na matéria “Ciúme não poder ser único responsável por um assassinato, diz especialista” (*Folha Online*, 06/06), apenas sete linhas de texto são dedicadas a informação que consta no título. O trecho em questão diz o seguinte:

O ciúme não pode ser considerado o único responsável por um assassinato, afirma Ailton Amélio da Silva, professor de Psicologia da USP. Para o especialista em relacionamento amoroso, crimes passionais motivados pelo ciúme revelam desequilíbrios emocionais ou problemas de personalidade. ‘Se a pessoa tem uma psicopatologia, é ciumenta, e o parceiro dá margens ao ciúme, as três forças unidas fazem com que a pessoa saia do sério e faça coisas graves e inesperadas’, diz. (CARDOSO, 2012)

O restante da matéria apresenta informações que já haviam sido publicadas pelo portal, anteriormente, sobre o crime. A matéria “Executivo da Yoki e mulher frequentavam igreja em SP e ajudavam creche” (*Folha Online*, 06/06/2012) faz referências a alguns hábitos do casal Elize e Marcos. Dentre as atividades citadas estão o costume que Marcos tinha de ir à padaria todos os dias para comprar pão e o hábito que o casal tinha de ir à igreja Anglicana e fazer doações para uma creche. Além disso, a matéria apresenta breves comentários feitos pelo reverendo da igreja que eles frequentavam sobre o casal.

Na matéria “Ninguém ou todos devem ter armas em casa, expõe leitor” (*Folha Online*, 09/06/2012) o Tenente de São Paulo Dirceu Cardoso Gonçalves apresenta breves considerações sobre questões relacionadas ao desarmamento da sociedade. Ele faz referência a um “crime da mala” que ocorreu em 1928 e defende o desarmamento da população. Percebe-se que o único texto que faz referência à questão do desarmamento se limita a divulgar a opinião exposta por um leitor. Não existe a preocupação em apresentar um debate mais aprofundado ou uma reflexão sólida sobre a temática. A matéria “Elize Kitano: do conto de fadas à crônica policial em 8 anos” (*O Globo online*, 09/06/2012) narra parte da história de vida de Elize e apresenta depoimentos de pessoas que conviveram com ela. Destaca-se que nenhuma das matérias publicadas pela *Folha Online*, no período analisado, faz menção à trajetória de vida de Elize.

A maioria das matérias toma como principal fonte de informação a polícia, representada, principalmente, pelo delegado responsável pelo caso, Jorge Carrasco, chefe do DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa). Muitas matérias também fazem referência ao advogado da família de Elize, Luciano Santoro; e ao advogado da família de Marcos, Luiz Flávio Borges D’Urso. Dentre as 23 matérias da *Folha Online* analisadas, 17 apresentam a polícia como fonte. Em relação ao *Globo online*, seis das sete matérias avaliadas

têm a instituição como fonte. O conteúdo das matérias consideradas na pesquisa indica que havia uma busca por solucionar o caso, no sentido de se saber quem foi o responsável pelo crime. Uma vez que esse indivíduo foi identificado, o que ocorreu quando Elize confessou ter matado e esquartejado o marido, o objetivo passou a ser descrever detalhes sobre a forma como o crime foi cometido.

Dessa forma, as matérias se limitam ao âmbito investigativo ou judicial sobre o crime de maneira bastante específica. Busca-se descrever cada etapa do processo desenvolvido pelos órgãos governamentais. Em nenhum momento são levantadas questões de cunho analítico sobre a brutalidade do assassinato. Não se percebe também uma preocupação em requisitar o discurso de especialistas que pudessem propor reflexões sobre o caso. Seguindo por essa vertente, o acontecimento se revela como um espetáculo acompanhado paulatinamente pelos leitores dos portais considerados. O forte teor desumano representado pelo assassinato e esquartejamento de um ser humano por outro se apaga em meio aos “burburinhos” concernentes à investigação.

A desumanidade presente nas ações enveredadas por Elize em relação a Marcos Matsunaga refletem o alto grau de complexidade presente nas relações humanas. Essas interações ocorrem em meio a contextos nos quais os sujeitos buscam delimitar interpretações para a existência humana no planeta Terra. Tais questões foram abordadas na obra de Edgar Morin (2007) citada no início do capítulo quatro desta dissertação.

Nota-se a pertinência de destacar que não se pretende argumentar que o jornalismo deveria exercer o papel de apresentar narrativas que abarcassem parte da complexidade do real, por meio de textos mais aprofundados e contextuais. O trabalho se restringe a demonstrar que, no caso analisado, os portais jornalísticos tomados como foco de estudo não atendem a essa demanda. Assim, não se almeja construir juízo de valor sobre quais deveriam ser as funções exercidas pelas narrativas jornalísticas na arena social, mas expor pontuações sobre a forma como essa instituição está tecendo seus discursos na atualidade. A partir disso, pretende-se evidenciar como essas produções são influenciadas por valores que prevalecem na contemporaneidade.

Nota-se, por meio das matérias analisadas, que os portais parecem conduzir as narrativas, sobre o acontecimento, para um desfecho final. Existe uma busca por esclarecer fatos relacionados ao caso. Como pontua Muniz Sodré (2009, p. 38), “a midiatização é hoje o processo central de visibilização e produção dos fatos sociais na esfera pública. Por isto, o

enquadramento midiático é a operação principal pela qual se seleciona, enfatiza e apresenta (logo, se *constrói*) o acontecimento.” Constata-se uma busca, da parte dos veículos jornalísticos, por “solucionar” os acontecimentos, de forma a fechar os quadros de sentidos nos quais eles são inseridos. Como destaca Edgar Morin (2011, p. 27),

o sincretismo tende a unificar em certa medida dois setores da cultural industrial: o setor da informação e o setor do romanesco. No setor da informação, é muito procurado o sensacionalismo (isto é, essa faixa de real em que o inesperado, o bizarro, o homicídio, o acidente, a aventura irrompem na vida cotidiana) e as *vedetes*, que parecem viver abaixo da realidade cotidiana. *Tudo o que na vida real se assemelha ao romance ou ao sonho* é privilegiado. [...] Inversamente, no setor imaginário, o realismo domina, isto é, as ações e intrigas romanescas que têm as aparências da realidade.

A tendência dos portais em conduzir as narrativas para um desfecho final pode ser comprovada por um trecho da matéria “Caso Yoki: ‘Elize foi humilhada pelo marido’, diz advogado” (*O Globo* online, 08/06/2012). No fragmento em questão, intitulado: “caso praticamente concluído”, o jornal salienta que o delegado Jorge Carrasco havia afirmado que o inquérito deveria ser concluído nos próximos dias. Na sequência, o portal apresentava parte da declaração feita pelo delegado. Ele teria dito que faltavam apenas alguns laudos da perícia que deveriam ser enviados naquela semana e que não havia necessidade de uma nova reconstituição.

Pode-se constatar ainda que os portais tinham por objetivo manter os leitores constantemente informados sobre o andamento das investigações. Percebe-se que na *Folha Online* essas novas informações eram postadas pouco tempo depois de serem divulgadas pela polícia. Já *O Globo* online, não atualizava as informações com tanta frequência, em contrapartida, esse portal compilava maior quantidade de dados em um único texto. Como descreve Pierre Lévy (1999), com o desenvolvimento das telecomunicações a quantidade de dados disponíveis se acelera e se multiplica. A densidade dos links aumenta. Com isso, surge o transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação. Os turbilhões de informações as quais temos acesso a todo o momento, no contexto da cibercultura, acabam por acarretar desordem.

A comunicação digital pode ser comparada a um oceano agitado onde flutuam diversas arcas com aglomerações diferentes de informações. Como escolher os barcos merecedores de nossa atenção? Seremos capazes de refletir sobre a infinidade de temas que nos são apresentados todos os dias pelos diversos meios de comunicação inseridos na cibercultura? Torna-se necessário pontuar, neste ponto, que as instituições ainda preservam

sua relevância nesse cenário, uma vez que elas são responsáveis por apresentarem diversas seleções de informações e interpretações da realidade às quais os indivíduos têm acesso.

Neste ponto parece pertinente recorrer a Muniz Sodré (2009, p. 58), que apresenta o seguinte argumento:

a unanimidade quanto aos efeitos concorrenciais das novas mídias e do fluxo livre ou caótico de informação tem como contrapartida o aparente consenso de que o antídoto para o veneno da crise estaria na qualidade da informação, portanto, no aprofundamento da forma própria de conhecimento jornalístico.

Tem-se de considerar que o jornalismo ocupa posto consideravelmente relevante no processo de construção de conhecimento na sociedade ocidental contemporânea. Como sublinha Jonh Thompson (1998) é preciso considerar a dimensão simbólica dos meios de comunicação. O autor destaca que não se pode preocupar tão somente com a dimensão técnica destes meios, os fatores técnicos são importantes, mas não podem encobrir o fato de que o desenvolvimento dos meios de comunicação é uma reelaboração do caráter simbólico da vida social. A mídia participa do processo de construção de significados sobre os fatos sociais. Os discursos jornalísticos não determinam a forma como as pessoas pensam, mas podem influir na maneira como elas interpretam os acontecimentos.

Destaca-se, novamente, que o objetivo da dissertação aqui exposta não se restringe a analisar a maneira como determinados portais jornalísticos enquadraram um acontecimento específico nas narrativas avaliadas. Busca-se encontrar vestígios de características da sociedade contemporânea na forma como esses enquadramentos foram engendrados. Entretanto, as estratégias discursivas caras ao jornalismo empregadas nessas narrativas devem ser consideradas, levando-se em conta que o funcionamento da mídia não apenas revela traços da sociedade dentro da qual atua, como também participa do processo de constituição de significado sobre essa mesma sociedade. Assim, os meios de comunicação não se encontram em um posto estanque em relação às comunidades que recebem suas mensagens. Eles participam do processo de construção social da realidade. Como descreve John Thompson (1998, p. 106)

a mídia se envolve ativamente na construção do mundo social. Ao levar as imagens e as informações para os indivíduos situados nos mais distantes contextos, a mídia modela e influencia o curso dos acontecimentos, cria acontecimentos que poderiam não ter existido em sua ausência.

A maior evidência de como a *Folha Online* buscou manter o público atualizado, á medida em que novos dados eram apresentados pela polícia, pode ser percebida nas matérias

divulgadas no dia seis de junho. Nessa data, Elize Matsunaga prestou depoimento no qual confessou ter matado e esquartejado o marido. O site informativo em questão publicou 11 matérias nesse dia, nas quais apresentava detalhes sobre o depoimento apresentado por Elize. Durante o dia todo, o portal foi atualizando seu público sobre as declarações feitas por Elize. Tal cobertura jornalística se assemelha a uma novela construída para entreter. Uma espécie de *reality show*, gênero televisivo bastante presente na sociedade atual. Fazendo referência a Eugène Enriquez, o sociólogo Zygmunt Bauman (2008, p. 9) faz a seguinte consideração:

o que antes era invisível – a parcela de intimidade, a vida interior de cada pessoa – agora deve ser exposto no palco público (principalmente na telas de TV, mas também na ribalta literária), vai-se compreender que aquele que zelam por sua invisibilidade tende a ser rejeitados, colocados de lado ou considerados suspeitos de um crime. A nudez física, social e psíquica está na ordem do dia.

Com base na análise descritiva apresentada anteriormente, pode-se perceber que praticamente todas as matérias publicadas pela *Folha Online* no dia seis de junho apresentam a polícia como fonte principal. Dessa forma, as narrativas publicadas pelo site sobre o “Caso Yoki”, no dia em que Elize Matsunaga confessou que tinha assassinado o marido, centram-se na versão apresentada pela polícia. Tal verificação corrobora com a perspectiva apresentada por Gaye Tuchman (1999), segundo quem, o jornalista se utiliza das aspas para se proteger de eventuais acusações por parte das pessoas relacionadas às narrativas construídas.

A matéria intitulada “PM diz que a Folha errou em reportagem sobre morte de empresário” (*Folha Online*, 06/06/2012), na qual o jornalista André Caramante se defende das acusações feitas à *Folha Online* por parte de um policial militar ilustra com propriedade essa temática. O policial em questão acusava o jornal por ter afirmado que PMs teriam envolvimento com o crime. Para se defender, o jornalista que havia publicado a matéria argumenta que a informação de suspeita de envolvimento de PMs baseou-se em relatos da própria Secretaria da Segurança Pública, do Serviço Reservado da PM, do DHPP [Departamento de Homicídios] e de dois diretores da Polícia Civil. Assim, o jornalista buscou se defender a partir da argumentação de que havia se baseado em fontes oficiais para escrever o texto.

Constata-se ainda que não ocorre uma problematização sobre o acontecimento nos textos analisados. Dentre as 11 matérias publicadas pela *Folha Online*, no dia seis de junho, sobre o “Caso Yoki”, apenas duas apresentam cunho relativamente diferenciado. Elas foram intituladas: “Ciúme não pode ser único responsável por um assassinato, diz especialista” (*Folha Online*, 06/06/2012) e “Executivo da Yoki e mulher frequentavam igreja em SP e

ajudavam creche” (*Folha Online*, 06/06/2012). Todas as outras matérias focam em questões relacionadas à descrição do crime, a partir de informações apresentadas pela polícia, e no depoimento de Elize Matsunaga.

Fora isso, em uma das matérias, contata-se apenas um parágrafo, localizado no final da matéria intitulada “Mulher de executivo da Yoki confessa ter matado e esquartejado marido” (*Folha Online*, 06/06/2012), na qual se faz referência ao enterro de Marcos Matsunaga. Tal fragmento apresentava o seguinte conteúdo: “Matsunaga foi enterrado ontem no cemitério São Paulo. Apenas o pai, Mitsuo, e o irmão, Mauro, compareceram, seguindo uma decisão da família. Havia mais sete pessoas, entre advogados e funcionários da empresa. Não houve velório, mas apenas uma cerimônia de cinco minutos, realizada por um bispo anglicano.” (CARAMANTE, 2012c) Nota-se que, no dia analisado, a *Folha Online* apresenta quantidade ínfima de entrevistas feitas com fontes não oficiais, relacionadas ao “Caso Yoki”. Dessa forma, o discurso apresentado tem caráter substancialmente institucional.

A comparação entre as coberturas acerca do “Caso Yoki” feitas, no período delimitado, pela *Folha Online* e pelo *Globo* demonstra como as empresas jornalísticas apresentam perfis diferenciados. Dessa forma, não se pode refletir sobre os discursos jornalísticos a partir de uma única referência. De fato, não existe um único discurso jornalístico, mas vários discursos que circulam em diversos meios. Como já colocado, percebe-se que as matérias publicadas pela *Folha Online* foram postadas com maior frequência, enquanto os textos do *Globo* online eram postados com menor constância, mas apresentavam maior quantidade de informação. Entretanto, observa-se que apesar das diferenciações pontuais percebidas no estilo de cada portal jornalístico, existe uma característica que sobressai em ambos: a prevalência de matérias focadas em discursos jurídicos e institucionais. Os dois veículos em questão focam em textos que descrevem os discursos jurídicos gerados em torno do “Caso Yoki”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise empreendida nesta dissertação, nota-se que o objetivo principal dos portais informativos considerados parece ser manter o leitor informado sobre o processo de desvendamento do “Caso Yoki”. O ápice seria alcançado quando a polícia apresentasse uma conclusão sobre o crime. Como afirmam Christa Berger e Frederico Tavares (2011, p. 8), “o acontecimento é ‘capturado’ no tempo e pelo tempo (em sua dimensão temporal e de ruptura) e construído (dotando-se e adequando-se de sentidos e nomeações) pelo jornalismo.” De acordo com Paulo Vaz e Renné França (2009) é próprio do jornalismo organizar e dar significação ao acontecimento. Assim, o discurso jornalístico procura dar sentido ao que é por natureza paradoxal.

O acontecimento rompe com as expectativas. Dessa forma, ele faz com que os sujeitos busquem novos significados para dar conta do que acontece. Morin (2009) caracteriza o acontecimento como a novidade, a informação. Ele possui caráter desestruturante. Assim, a informação perturba os sistemas racionalizadores que procuram preservar a relação de inteligibilidade entre o receptor e o mundo. O acontecimento dá origem a novas questões, abala a estrutura racionalizadora, possui um caráter questionador. Elton Antunes (2008) descreve que o acontecimento jornalístico surge a partir de um olhar que procura delimitar o contexto de sua emergência e explicar-lhe o sentido.

Segundo Morin (2009) o problema mais original apresentado pelo acontecimento se constitui pelas novas organizações. A tendência organizadora surge a partir do acidente, do fenômeno perturbador. Assim, os veículos jornalísticos buscam organizar a experiência, por meio da linguagem, para enquadrar o acontecimento em narrativas coesas que resgatem os sentidos dos fatos. “O jornalismo, em sua busca por ordenação da realidade, faz escolhas dentro dos vários corpos e relações para representar aquilo que aconteceu e disponibilizá-lo ao público” (FRANÇA, VAZ, 2009b, p. 7). Fazendo referência a Deleuze, os autores descrevem ainda que o acontecimento pertence essencialmente a linguagem. “A expressão se dá através da linguagem, que busca organizar o improvável, fechando seu sentido.” (FRANÇA, VAZ, 2009b, p. 6)

Nota-se que os portais enquadraram o acontecimento a partir de declarações feitas por fontes institucionais, principalmente, aquelas ligadas à instituição jurídica. Como

destaca Adriano Duarte Rodrigues (2002, p. 227), “o discurso midiático é a instituição por excelência destinada a dar visibilidade pública às outras instituições.” O autor destaca ainda que “a linha de demarcação do discurso midiático passa pela natureza especular, pelo fato de nele virem refletir-se constantemente os discursos das outras instituições.” (2002, p. 228) A prática de priorizar os discursos institucionais também está ligada a busca pela preservação da legitimidade e credibilidade do jornalismo. Como salienta Gay Tuchman (1999, p. 88), “os jornalistas têm de desenvolver estratégias que lhe permitam afirmar: ‘isto é uma notícia objetiva, impessoal, imparcial’”. A autora argumenta ainda que a objetividade se refere a procedimentos rotineiros apresentados por atributos formais (como aspas e radiografias).

A maioria das matérias analisadas apresenta caráter descritivo. Os sites procuram manter o leitor informado sobre o andamento das investigações. Assim, os textos podem ser comparados a uma espécie de novela por meio da qual o “Caso Yoki” era revelado aos poucos. Essa tendência é uma das características da indústria cultural. Como salienta Morin (2011, p. 25), “a procura de um grande público implica a procura de um denominador comum.” Para satisfazer toda a gama de interesses, a imprensa tende ao sincretismo. A ênfase dos portais em apresentarem matérias descritivas pode ser considerada como uma estratégia discursiva utilizada nos textos jornalísticos para assegurar sua credibilidade perante o público. Dessa forma, “a cada momento, o informador deve perguntar-se não se é fiel, objetivo ou transparente, mas que efeito lhe parece produzir tal maneira de tratar a informação.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 38)

Adriano Duarte Rodrigues (2002) destaca que o discurso é o principal produto do funcionamento da instituição midiática. De acordo com o autor, o discurso midiático se apresenta como um discurso acabado, sem vazios. Ele encadeia enunciados que se apresentam de forma acabada, escondendo os seus processos de gestação. Para Rodrigues (2002, p. 217), “este efeito de completude resulta da camuflagem do processo de enunciação, através do uso predominante da terceira pessoa que, como sabemos, é a forma não-verbal da não-pessoa.”

Em praticamente nenhuma das matérias analisadas nesta dissertação busca-se apresentar questões contextuais relacionadas ao “Caso Yoki”, como o desarmamento da sociedade, a prostituição, relações de gênero ou crueldade humana, para citar alguns exemplos possíveis. Um crime dessa dimensão envolve uma série de temáticas sobre a condição humana. Como destaca Morin (2007), o humano possui um comportamento irracional, louco e delirante. “Desde os caçadores-coletores arcaicos até os camponeses do neolítico,

encontramos indícios de ferimentos, de execuções, suplícios, massacres, sacrifícios. O instrumento *sapiens* serviu ao assassino *demiens*.” (MORIN, 2007, p. 117)

Por meio de normas, interdições e punições da lei, a cultura e a sociedade proíbem as pulsões destrutivas. Porém, uma humilhação ou uma atitude agressiva podem despertar nossa agressividade. Essas loucuras estão escondidas nos germes de todos os indivíduos. “O que nos diferencia dos outros é o maior ou menor controle, sublimação, dissimulação, transformação de nossa própria loucura.” (MORIN, 2007, p. 119) Apesar de toda essa complexidade que envolve as ações humanas, os sites informativos analisados focaram apenas nas investigações sobre o “Caso Yoki”. Assim, existe uma forte predominância de discursos institucionais. Tende-se a permanecer na superfície das discussões rasas. Perde-se assim a oportunidade de levantar questões mais aprofundadas.

Percebe-se que as explicações apresentadas ao longo deste trabalho conduzem a um paradoxo, a sociedade contemporânea se insere em um fluxo caótico de informação, mas a instituição jornalística ainda preserva o posto de âncora a partir da qual as pessoas interpretam determinados fatos. Nota-se, assim, um movimento contraditório na sociedade. Ao mesmo tempo em que se tem acesso a inúmeras vertentes de interpretação sobre as ocorrências, continua-se a recorrer à mídia para obter a versão “mais confiável” sobre os fatos. A internet oferece a possibilidade de se ter contato com informações provenientes das mais diversas fontes, entretanto, não existe um filtro que garanta a credibilidade dessas narrativas que trafegam pelo mundo virtual.

Dessa forma, nota-se a necessidade dos indivíduos de terem acesso a alguma instituição que assegure o sentido da vivência humana em sociedade. Ou seja, as instituições sociais não perderam sua relevância no contexto atual. Esse fato pode estar relacionado à busca do ser humano em preservar o sentido de sua existência em um mundo revestido por complexidades e contradições. A própria escolha do homem em se aglomerar para a formação de comunidades revela sua busca em encontrar sentido para a vida por meio da coletividade. O estar junto parece fornecer suporte para que os sujeitos construam sua identidade. Pode-se considerar que as instituições cumprem papel fundamental nesse processo. A cibercultura não eliminou a presença e importância de diversas instituições no cotidiano das pessoas. Nesse sentido, o jornalismo continua a exercer função fundamental na construção social da realidade. A grande diversidade presente na era moderna não substitui o posto das narrativas engendradas pelos veículos midiáticos.

O ponto principal da cobertura midiática sobre o “Caso Yoki” considerada recaiu sobre o andamento das investigações sobre o crime. Em certa medida, pode-se questionar qual a serventia de as pessoas se manterem constantemente informadas sobre os detalhes acerca do inquérito referente ao caso. Qual a razão deste interesse em acompanhar o desenrolar do processo encaminhado pela polícia e pelos advogados dos sujeitos envolvidos no acontecimento? Talvez essa busca esteja relacionada a alguns valores que perpassam a sociedade contemporânea, tais como: imediatismo, espetacularização, instantaneidade, mercantilização, consumismo e superficialidade. Nos dias atuais, identidades efêmeras são vendidas em mercados. Como defende Zygmunt Bauman (2008, p. 25),

no caso da subjetividade na sociedade de consumidores, é a vez de comprar e vender símbolos empregados na construção da identidade – a expressão supostamente pública do ‘self’ que na verdade é ‘simulacro’ de Jean Baudrillard, colocando a ‘representação’ no lugar daquilo que ela deveria representar -, a serem eliminadas da aparência do produto final. A ‘subjetividade’ dos consumidores é feita de opções de compra – opções assumidas pelo sujeito e seus potenciais compradores; sua descrição adquire a forma de uma lista de compras. O que se supõe ser a materialização da verdade interior do self é uma idealização dos traços materiais – ‘objetificados’ – das escolhas do consumidor.

Edgar Morin (2011) argumenta que no começo do século XX, o poder industrial alcançou todo o globo terrestre. A partir de então, teve início a segunda industrialização: a que ocorre nas imagens e nos sonhos. A segunda colonização penetra na alma humana. O livro e o jornal já eram mercadorias, mas a vida privada e a cultura nunca tinham entrado a tal ponto no circuito industrial e comercial. A cultura de massa constitui um corpo de símbolos e imagens concernentes à vida prática e imaginária, um sistema de projeções e identificações. Ela tem determinação mercantil e orientação consumidora. “O capitalismo instala suas sucursais no coração da grande reserva cultural.” (MORIN, 2011, p. 8)

Por meio das conceituações apresentadas nesta dissertação, constata-se a importância de os pesquisadores da área da comunicação formularem trabalhos que apresentem reflexões sobre a sociedade ocidental contemporânea. É necessário refletirmos sobre como as transformações na área da comunicação revelam valores que prevalecem na atualidade. Pontua-se que coberturas jornalísticas, mesmo aquelas aparentemente corriqueiras, podem revelar dispositivos que influenciam na forma como a sociedade atual reflete sobre os fatos que destoam em sua superfície.

A análise empreendida sobre a cobertura do “Caso Yoki” revelou que existe uma tendência em se divulgar textos descritivos que não apresentam dados contextuais ou

analíticos sobre o acontecimento em questão. Para verificar se de fato essa constitui uma tendência da cobertura jornalística dos acontecimentos que reverberam pela mídia, de forma mais geral, seria necessário empreender uma pesquisa que analisasse a cobertura de outros casos em conjunto. Por meio da análise de acontecimentos diversos, em uma mesma pesquisa, seria possível identificar as características recorrentes nas matérias analisadas. Pode-se avaliar, por exemplo, se a tendência em apresentar dados descritivos prevalece na cobertura de diferentes ocorrências. Essa seria uma possibilidade de pesquisa que poderia ser empreendida futuramente com o objetivo de reforçar a identificação de valores que prevalecem no jornalismo contemporâneo. Dessa forma, os dados inferidos nesta dissertação poderiam ser ampliados.

REFERÊNCIAS

- ANTHONY, Giddens. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- ANTUNES, Elton. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. **Contemporanea**, vol. 6, nº 1. Jun.2008.
- ANTUNES, Elton. Acontecimentos violentos, ressentimento e as marcas de uma interpretação. In: **Acontecimento: reverberações**. FRANÇA, Vera Regina Veiga, OLIVEIRA, Luciana (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- ARAUJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. In **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). Petrópolis: Vozes: 2001.
- ASSASSINA de empresário da Yoki reclama do tamanho de cela. **Folha Online**, 10 jun. 2012b. Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1102631-assassina-de-empresario-da-yoki-reclama-do-tamanho-de-cela.shtml>. Acesso em: 11 Nov. 2013.
- ASSASSINO de executivo pode ter problemas psiquiátricos, diz advogado. **Folha Online**, 05 de jun. 2012a. Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1100838-assassino-de-executivo-pode-ter-problemas-psiquiatricos-diz-advogado.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2013.
- BARBERO, Jesús Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2ª Ed. Editora UFRJ: Rio de Janeiro, 2001.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEDINELLI, Talita. Executivo da Yoki e mulher frequentavam igreja em SP e ajudavam creche. **Folha Online**, 06 jun. 2012. Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1101091-executivo-da-yoki-e-mulher-frequentavam-igreja-em-sp-e-ajudavam-creche.shtml> Acesos em: 11 Nov. 2013.

BERGER, C.; TAVARES, F. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: Encontro nacional de pesquisadores em jornalismo, 7., 2009, São Paulo. **Anais...**Brasília: SBPJor, 2009. Disponível em: http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/christa_berger.pdf Acesso em: 01 abr. 2011.

BERGER, Christa. Em torno do discurso jornalístico. In: FAUSTO NETO, Antonio; PINTO, Milton José (org.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

BERGER, Peter L, LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CANCLINI, Néstor García. **A globalização imaginada**. Buenos Aires: Paidós, 2001.

CARAMANTE, André; JOZINO, Josmar. Mulher de executivo da Yoki nega esquartejamento. **Folha de São Paulo**, 05 de jun. 2012. Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1100393-mulher-de-executivo-da-yoki-nega-esquartejamento.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2013.

CARAMANTE, André; GAMA, Marina. Prisão de mulher de executivo da Yoki é prorrogada por 15 dias. **Folha Online**, 06 jun. 2012. Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1101094-prisao-de-mulher-de-executivo-da-yoki-e-prorrogada-por-15-dias.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2013.

CARAMANTE, André. Justiça determina prisão temporária de mulher de executivo morto, **Folha Online**, São Paulo, 04 jun. 2012. Caderno Cotidiano Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1100354-justica-determina-prisao-temporaria-de-mulher-de-executivo-morto.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2013.

_____. PMs são suspeitos de esquartejar executivo da Yoki em SP. **Folha Online**, São Paulo, 04 jun. 2012b. Caderno Cotidiano. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1100197-pms-sao-suspeitos-de-esquartejar-executivo-da-yoki-em-sp.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2013.

_____. Mulher de executivo da Yoki confessa ter matado e esquartejado o marido. **Folha Online**, 06 jun. 2012c. Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1101075-mulher-de-executivo-da-yoki-confessa-ter-matado-e-esquartejado-o-marido.shtml> Acesso em: 11 nov. 2013.

CARAZZAI, Estelita Hass. Familiares de acusada de matar executivo da Yoki pedirão guarda de bebê, **Folha Online**, 07 jun. 2012. Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1101528-familiares-de-acusada-de-matar-executivo-da-yoki-pedirao-guarda-de-bebe.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2013

CARDOSO, Melina. Ciúme não pode ser único responsável por um assassinato, diz especialista. **Folha Online**, 06 jun. 2012. Caderno Áudios. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/podcasts/1101101-ciume-nao-pode-ser-unico-responsavel-por-um-assassinato-diz-especialista.shtml> Acesso em: 11 nov. 2013.

CASO Yoki: peritos encontram vestígios de sangue na casa. **O Globo** online, 07 jun. 2012. Caderno Brasil. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/caso-yoki-peritos-encontram-vestigios-de-sangue-na-casa-5143793>. Acesso em: 11 Nov. 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

COLLING, L. **Agenda-setting e o framing**: reafirmando os efeitos limitados. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, n. 14, 2001.

DISPUTA por filha causou morte de executivo da Yoki, diz defesa. **Folha Online**. 08 jun. 2012. Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/06/1101895-disputa-por-filha-causou-morte-de-executivo-da-yoki-diz-defesa.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2013.

EMPRESÁRIO foi esquartejado no banheiro da empregada; ouça delegado. **Folha Online**, 06 jun. 2012. Caderno Áudios. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/podcasts/1101209-empresario-foi-esquartejado-no-banheiro-da-empregada-ouca-delegado.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2013.

ENTMAN, Robert M. **Framing U. S. Coverage of International News: Contrasts in Narratives of the KAL and Iran Air Incidents.** In: Journal of Communication, 1991 (c), Oxford University.

ENTMAN, Robert M. **Framing: Towards Clarification of a Fractured Paradigm.** In: Journal of Communication 43 (4), 1993, p. 51-58. Disponível em: http://sotomove.geo.uzh.ch/sotomo/pps/lit/entman_93.pdfvvc Acesso em: 26 maio 2014.

ESTELITA, Hass Carazzai. Familiares de acusada de matar executivo da Yoki pedirão guarda do bebê. Folha Online, 07 jun. 2012. Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1101528-familiares-de-acusada-de-matar-executivo-da-yoki-pedirao-guarda-de-bebe.shtml> Acesso em: 11 nov. 2013

FAMÍLIA de executivo da Yoki não vai disputar guarda de criança. **Folha Online**, 08 jun. 2012. Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1102215-familia-de-executivo-da-yoki-nao-vai-disputar-guarda-de-crianca.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2013.

FRANÇA, Vera e GUIMARÃES, César. Experimentando as narrativas do cotidiano. In: FRANÇA, Vera e GUIMARÃES, César (Orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRANÇA, Vera. Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação. In: FRANÇA, Vera e GUIMARÃES, César (Orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Flávio. Elize Kitano: do conto de fadas à crônica policial em 8 anos. **O Globo** online, 09 jun. 2012. Caderno Brasil. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/elize-kitano-do-conto-de-fadas-cronica-policial-em-8-anos-5159594>. Acesso em: 11 nov. 2013.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** – para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987.

GITLIN, Todd. **The whole world is watching: Mass Media in the Making e Unmaking of the New Left,** Berkeley: University of California Press, 1980.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis**: an essay on the organization of experience. New York: Harper, 1974.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 17ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1995

GONÇALVES, Dirceu Cardoso. Ninguém ou todos devem ter armas em casa, expõe leitor. **Folha Online**, 09 jun. 2012. Caderno Paineis do leitor. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/meuolhar/1102219-ninguem-ou-todos-devem-ter-armas-em-casa-expoe-leitor.shtml. Acesso em: 11 nov. 2013.

GUANDELIN, Leonardo. **O Globo** online, Mulher de executivo da Yoki era 'exímia atiradora', diz polícia. Caderno Brasil. 05 jun. 2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/mulher-de-executivo-da-yoki-era-eximia-atiradora-diz-policia-5127901>. Acesso em: 11 Nov. 2013.

_____. Agressão do marido teria motivado disparo, diz Elize Matsunaga. **O Globo** online. 06 jun. 2012b. Caderno Brasil. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/agressao-do-marido-teria-motivado-disparo-diz-elize-matsunaga-5132177>. Acesso em: 11 Nov. 2013.

_____. Caso Yoki: 'Elize foi humilhada pelo marido' diz advogado. **O Globo** online, 08 jun. 2012c. Caderno Brasil. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/caso-yoki-elize-foi-humilhada-pelo-marido-diz-advogado-5150607>. Acesso em: 11 Nov. 2013.

_____. Caso Yoki: Polícia parou carro de mulher com o corpo do executivo. **O Globo** online, 09 jun. 2012d. Caderno Brasil. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/caso-yoki-policia-parou-carro-de-mulher-com-corpo-do-executivo-5157274>. Acesso em: 11 Nov. 2013.

HALL, S. et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo, Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

JOHNSONS, Telma Sueli Pinto. **A natureza do acontecimento público**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Sociabilidade”, do XIX Encontro da Compós, na PUC Rio, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010.

KATZ, Elihu. **Os acontecimentos mediáticos**: o sentido de ocasião. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1993.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

KILPP, Suzana. Imagens médias do tempo-acontecimento televisivo. In: XVIII Encontro da Compós, 2009, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...**Brasília: Compós, 2009. Disponível em <http://www.compos.org.br/biblioteca.php> Acesso em: 05 ago. 2013.

IMAGENS mostram últimos momentos de executivo da Yoki; veja. **Folha Online**, 06 jun. 2012. Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1101427-imagens-mostram-ultimos-momentos-de-executivo-da-yoki-veja.shtml> Acesso em: 11 nov. 2013

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. BENETTI, Marcia; FONSECA, Pradelina da Silveira (orgs). Florianópolis: Insular, 2010.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html Acesso em: 29 maio 2014.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo – neurose. Editora Forence LTDA: Rio de Janeiro, 2011.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas nos século XX**: Necrose. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MULHER de executivo da Yoki é presa suspeita de matar o marido. **O Globo** online, 05 jun. 2012. Caderno Brasil. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/mulher-de-executivo-da-yoki-presa-suspeita-de-matar-marido-5122737#ixzz2wco2fhlM>. Acesso em: 11 Nov. 2013.

MULHER diz que matou executivo com arma que ganhou de presente. **Folha Online**, 06 jun. 2012. Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1101346-mulher-diz-que-matou-executivo-com-arma-que-ganhou-de-presente.shtml> Acesso em: 11 nov. 2013.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 2ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

POLÍCIA apreende 30 armas na casa de executivo assassinado em SP. **Folha Online**, 07 de jun. 2012d. Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1101611-policia-apreende-30-armas-na-casa-de-executivo-assassinado-em-sp.shtml>. Acesso em: 11 Nov. 2013.

POLÍCIA diz ter indícios de que executivo da Yoki traía a mulher. **Folha Online**, 05 jun. 2012. Caderno Cotidiano. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1100637-policia-diz-ter-indicios-de-que-executivo-da-yoki-traia-a-mulher.shtml. Acesso em: 11 nov. 2013.

POLÍCIA quer prorrogar prisão da mulher de executivo da Yoki. **Folha Online**, 06 jun. 2012b. Caderno Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1101023-policia-quer-prorrogar-prisao-da-mulher-de-executivo-da-yoki.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2013.

POLÍCIA, reconstitui assassinato de executivo da Yoki após mulher confessar crime. **Folha Online**, 07 jun. 2012c. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1101531-policia-reconstitui-assassinato-de-executivo-da-yoki-apos-mulher-confessar-crime.shtml>. Acesso em: 11 Nov. 2013.

PORTO, Mauro. **Enquadramentos de mídia e política**. In: RUBIM, A. A. C. (Org). Comunicação e política: conceitos e abordagens. Salvador: EDUF BA/ UNESP, 2004.

QUÉRÉ, L. **Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento**. Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Delimitação, natureza e funções do discurso jornalístico**. PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). O jornal: da imagem ao sentido. Brasília: UNB, 2002

SCHEUFELE, Bertram. Frames, schemata, and news reporting. **Communications**, v. 31, n. 1, abr. 2006.

SILVEIRINHA, Maria João. O lançamento da moeda europeia e os seus enquadramentos na imprensa. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...**São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silveirinha-maria-lancamento-moeda-europeia-enquadramentos-imprensa.pdf>. Acesso em: 19 maio 2012.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOUZA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. Porto, 2006. Disponível em: <http://bocc.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pesquisa-comunicacao-media.pdf> Acesso em: 26 abr. 2013.

TAVARES, Lucas. **Folha Online**. PM diz que a Folha errou em reportagem sobre morte de empresário, 06 jun. 2012. Caderno Paineis do leitor. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/1101303-pm-diz-que-a-folha-errou-em-reportagem-sobre-morte-de-empresario.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2013.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2 ed; 2005.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

_____. As notícias como uma realidade construída. In: ESTEVES, J. P (Org.). **Comunicação e sociedade**. Lisboa: Horizonte, 2002.

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; FRANÇA, Renné Oliveira. Entre o legítimo e o legitimado: a explosão dos acontecimentos nas capas da Veja. In Encontro da Compós, 28, 2009, Belo Horizonte. **Anais...Brasília: Compós, 2009a.** Disponível em <http://www.compos.org.br/biblioteca.php> Acesso em: 05 ago. 2013.

VAZ, Paulo Ferreira; FRANÇA, Renné Oliveira. Através do espelho: o acontecimento Isabella na revista Veja. **Logos 31** – Tecnologia de Comunicação e Subjetividade. Ano 16, 1º semestre 2009b.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ZYGMUNT, Bauman. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ANEXO

Sistematização dos dados

Matérias publicadas pela *Folha Online*

01

Data : 04/06/2012

Título: “PMs são suspeitos de esquartejar executivo da Yoki em SP”

Fontes: DHPP – Departamento de Homicídios da Polícia Civil de São Paulo; Corregedoria da Polícia Militar.

Informações principais: PMs são investigados sob suspeita de participação na morte de Marcos Matsunaga. Recapitulação de fatos ligados ao caso desde o dia em que Marcos Matsunaga desapareceu, em 20 de maio.

02

Data: 04/06/2014

Título: “Justiça decreta prisão temporária de mulher de executivo morto”

Fontes: DHPP – Departamento de Homicídios da Polícia Civil de São Paulo; Polícia Militar.

Informações principais: Justiça decretou prisão temporária (por cinco dias) da mulher do empresário Marcos Matsunaga. Recapitulação de fatos ligados ao caso desde o dia em que Marcos Matsunaga desapareceu, em 20 de maio. Comando-Geral da PM informou que nenhum policial militar está envolvido na morte do empresário.

03

Data: 05/06/2014

Título: “Polícia diz ter indícios de que executivo da Yoki traía a mulher”

Fontes: Polícia Civil de São Paulo; delegado Jorge Carrasco, chefe do DHPP – Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa.

Informações principais: Polícia Civil de São Paulo disse ter levantado indícios de que o executivo Marcos Matsunaga traía a mulher. Elize Matsunaga foi presa apontada como suspeita do crime. Recapitulação de fatos ligados ao caso desde o dia em que Marcos Matsunaga desapareceu, em 20 de maio. Carrasco afirmou que há indícios de que outras pessoas ajudaram Elize a desovar as partes do corpo de seu marido. Descrição de cenas flagradas pela polícia ao analisar imagens da câmera de segurança do prédio do casal. Descrição de indícios (levantados pela polícia) que levavam à suspeita de que Elize teria matado o marido.

04

Data: 05/06/2012

Título: “Assassino de executivo pode ter problemas psiquiátricos, diz advogado”

Fontes: Luiz Flávio Borges D'Urso, advogado da família de Marcos Matsunaga.

Informações principais: Advogado da família de Marcos Matsunaga afirmou que o modo utilizado para desovar o corpo sugere que o assassino possuía problemas psiquiátricos.

05

Data: 05/06/2014

Título: “Mulher de executivo da Yoki nega esquartejamento”

Fontes: Delegado Jorge Carrasco, chefe do DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa).

Informações principais: Elize Kitano Matsunaga negou à Polícia Civil ter cometido o crime. Jorge Carrasco afirmou que existem fortes indícios de que Elize cometeu o crime contra o marido. Recapitulação de fatos ligados ao caso desde o dia em que Marcos Matsunaga desapareceu, em 20 de maio.

06

Data: 06/06/2012

Título: “Polícia quer prorrogar prisão da mulher de executivo da Yoki”

Fontes: Secretaria de Segurança Pública (SSP)

Informações principais: A Polícia Civil vai pedir a prorrogação da prisão temporária contra a mulher do diretor-executivo da Yoki. Recapitulação de fatos ligados ao caso desde o dia em que Marcos Matsunaga desapareceu, em 20 de maio.

07

Data: 06/06/2012

Título: “Mulher de executivo da Yoki confessa ter matado e esquartejado marido”

Fontes: Polícia de São Paulo.

Informações principais: Elize Matsunaga confessou, em depoimento à polícia de São Paulo, ter matado e esquartejado o marido, Marcos Matsunaga. Elize está presa desde a noite de segunda-feira e ainda está sendo ouvido pela polícia na tarde desta quarta. Esse é o primeiro depoimento prestado por Elize, que até então negava qualquer envolvimento na morte. Matsunaga foi enterrado ontem no cemitério São Paulo. Recapitulação de fatos ligados ao caso desde o dia em que Marcos Matsunaga desapareceu, em 20 de maio.

08

Data: 06/06/2012

Título: “Executivo da Yoki e mulher freqüentavam igreja em SP e ajudavam creche”

Fontes: Vizinhos (não identificados) de Marcos Matsunaga, polícia, funcionários (não identificados) do mercadinho onde Marcos comprava pão, Aldo Quintão – reverendo da Catedral Anglicana de São Paulo.

Informações principais: Vizinhos (não identificados) afirmam que Marcos Matsunaga era um homem discreto. Funcionários de um mercadinho local disseram que todas as manhãs o empresário caminhava 22 metros até o estabelecimento para comprar pão. Na igreja que ele freqüentava, a Catedral Anglicana de São Paulo, poucos sabiam que Marcos era um executivo tão importante, afirmou o reverendo Aldo Quintão. De acordo com o reverendo, Marcos era um homem muito discreto. O empresário e a mulher passaram a freqüentar a igreja anglicana há cerca de três anos. Ainda de acordo com o reverendo, o casal costumava doar brinquedos para crianças de uma creche mantida pela igreja.

10

Data: 06/06/2012

Título: “Ciúme não pode ser único responsável por um assassinato, diz especialista”

Fontes: Ailton Amélio da Silva, professor de Psicologia da USP.

Informações principais: “Para especialista em relacionamento amoroso, crimes passionais motivados pelo ciúme revelam desequilíbrios emocionais ou problemas de personalidade”. Recapitulação de fatos ligados ao caso desde o dia em que Marcos Matsunaga desapareceu, em 20 de maio.

11

Data: 06/06/2012

Título: “Polícia investiga se marido de empregada ajudou a desovar executivo”

Fontes: Polícia

Informações principais: “O marido de uma das três empregadas da família é investigado pela polícia sob suspeita de ter ajudado na desova de pedaços do corpo de Marcos Kitano Matsunaga”. Recapitulação de fatos ligados ao caso desde o dia em que Marcos Matsunaga desapareceu, em 20 de maio.

12

Data: 06/06/2012

Título: “Mulher diz que matou executivo após briga por causa de traição”

Fontes: Delegado Jorge Carrasco, chefe do DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa), testemunha da cidade de Cotia (fonte não identificada).

Informações principais: Elize afirmou, em depoimento, que matou o marido após uma discussão conjugal por conta de uma infidelidade que teria sido descoberta por ela. Segundo a polícia, ela afirmou também que foi agredida por Matsunaga e que agiu sozinha. Apesar disso, a polícia investiga se houve participação de outra pessoa. Uma testemunha de Cotia – local

onde o corpo foi desovado – diz ter visto quando um motociclista jogou sacos plásticos azuis onde estavam pedaços do corpo do executivo. Essa é a primeira vez que Elize é ouvida desde o crime, até então ela negava qualquer envolvimento na morte do marido. “Elize afirmou que após atirar na cabeça do executivo, arrastou o corpo até o banheiro da empregada onde fez o esquartejamento”. Recapitulação de fatos ligados ao caso desde o dia em que Marcos Matsunaga desapareceu, em 20 de maio.

13

Data: 06/06/2014

Título: “Empresário foi esquartejado no banheiro da empregada; ouça delegado”

Fontes: Jorge Carrasco - chefe do DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa).

Informações principais: Em entrevista coletiva, o chefe do DHPP, Jorge Carrasco, afirmou que Elize Matsunaga, esquartejou o marido no banheiro da empregada. O rastreamento do celular mostra que Elize esteve na região onde partes do corpo da vítima foram deixadas. Durante o depoimento, Elize disse que usou várias facas para esquartejar o corpo do marido. Recapitulação de fatos ligados ao caso desde o dia em que Marcos Matsunaga desapareceu, em 20 de maio.

Obs: A matéria também apresentava um áudio com partes da entrevista cedida por Jorge Carrasco.

14

Data: 06/06/2015

Título: “Mulher diz que matou executivo com arma que ganhou de presente”

Fontes: Polícia

Informações principais: A arma usada para matar o executivo Marcos Matsunaga foi um presente dele para a mulher, Elize Matsunaga; “segundo a polícia, ela disse em seu depoimento – que durou oito horas – ter usado uma pistola automática calibre 380”. Após o disparo, Elize disse ter levado o corpo para um quarto do imóvel e ter aguardado cerca de 10

horas antes de começar a cortar seu corpo no banheiro da empregada. “Elize também revelou em seu depoimento que, após cometer o crime, doou o colchão onde o casal dormia para uma babá”.

15

Data: 06/06/2012

Título: “PM diz que a Folha errou em reportagem sobre morte de empresário”

Fontes: Secretaria da Segurança Pública do Serviço Reservado da PM; DHPP [departamento de homicídios], Polícia Civil.

Informações principais: Carlos Pressuto apresenta críticas a uma reportagem da Folha que afirmava que policiais militares poderiam ter envolvimento com o crime. Jornalista André Caramonte rebate as críticas ao afirmar que a informação havia sido divulgada com base em relatos da própria Secretaria da Segurança Pública do Serviço Reservado da PM, do DHPP [Departamento de Homicídios] e de dois diretores da Polícia Civil.

16

Data: 06/06/2012

Título: “Imagens mostram últimos momentos de executivo da Yoki; veja”

Fontes: Polícia

Informações principais: A polícia divulgou as imagens de câmeras de segurança do prédio onde o executivo da Yoki Marcos Matsunaga morava com a mulher. Descrição das imagens. Recapitulação de fatos ligados ao caso desde o dia em que Marcos Matsunaga desapareceu, em 20 de maio.

17

Data: 07/06/2014

Título: “Familiares de acusada de matar executivo da Yoki pedirão guarda de bebê”

Fontes: Auro Almeida Garcia, advogado da família de Elize.

Informações principais: A família de Elize Matsunaga, que vive no interior do Paraná, pretende pleitear a guarda da menina de um ano que ela teve com o marido. Informações que já haviam sido divulgadas sobre a família de Elize.

18

Data: 07/06/2014

Título: “Polícia reconstitui assassinato de executivo da Yoki após mulher confessar crime”

Fontes: Polícia de São Paulo

Informações principais: A polícia de São Paulo fez a reconstituição do assassinato de Marcos Matsunga. O objetivo da reconstituição era confirmar a versão dada por Elize Matsunaga. Recapitulação de fatos ligados ao caso desde o dia em que Marcos Matsunaga desapareceu, em 20 de maio.

19

Data: 07/06/2012

Título: “Polícia apreende 30 armas na casa de executivo assassinado em SP”

Fontes: Polícia de São Paulo

Informações principais: A polícia de São Paulo apreendeu 30 armas de diversos calibres e cerca de 10 mil projéteis no apartamento de Marcos Matsunaga. Informações sobre o caso que já haviam sido divulgadas.

20

Data: 08/06/2012

Título: “Disputa por filha causou morte de executivo da Yoki, diz defesa”

Fontes: Luciano Santoro, advogado de Elize

Informações principais: Elize Matsunaga disse ter matado e esquartejado o marido porque foi ameaçada por ele de perder a guarda em uma possível separação do casal, segundo a defesa. Informações que já haviam sido publicadas anteriormente.

21

Data: 08/06/2012

Título: “Família de executivo da Yoki não vai disputar guarda da criança”

Fontes: Luiz Flávio D'Urso, advogado da família de Marcos; Luciano Santoro, advogado de Elize.

Informações principais: O advogado da família de Marcos Matsunaga disse que não haverá disputa pela guarda da filha do casal de um ano. Informações sobre o caso que já haviam sido divulgadas.

22

Data: 09/06/2012

Título: “Ninguém ou todos devem ter armas em casa, expõe leitor”

Fontes: Tenente Dirceu Cardoso Gonçalves, de São Paulo

Informações principais: Leitor expõe sua opinião sobre o desarmamento.

23

Data: 10/06/2012

Título: “Assassina de empresário da Yoki reclama do tamanho da cela”

Fontes: Polícia Civil

Informações principais: Elize Matsunaga apresentou reclamações a policiais civis sobre a cela de nove metros quadrados onde se encontra presena cadeia pública de Itapevi (Grande São Paulo).

Matérias publicadas pelo *O Globo* online

01

Data: 05/06/2012

Título: “Mulher de executivo da Yoki é presa suspeita de matar o marido”

Fontes: Delegado Jorge Carrasco diretor do DHPP(Departamento de Homicídios da Polícia de São Paulo), advogado Luiz Flávio D'Urso.

Informações principais: A mulher do executivo-chefe da fabricante de alimentos Yoki foi presa na noite de segunda-feira, Elize é a principal suspeita de ter esfaqueado o marido. Peritos também estiveram no apartamento do casal para cumprir mandado de busca e apreensão. O delegado Jorge Carrasco afirmou que existem indícios muito fortes de autoria que levam a concluir que a esposa da vítima participou do homicídio. O pai e o irmão do empresário contrataram um advogado para acompanhar as investigações. Não há nenhum registro de ameaça, nenhum registro de pedido de resgate, revela o advogado Luiz Flávio D’Urso.

02

Data: 05/06/2012

Título: “Mulher de executivo da Yoki era ‘exímia atiradora’, diz polícia”

Fontes: Delegado Mauro Dias, do DHPP(Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa da Polícia Civil de São Paulo); delegado Jorge Carrasco.

Informações principais: O delegado Mauro Dias disse que Elize era ‘exímia atiradora’; segundo Dias, Elize e o marido treinaram tiros e ele era colecionador de armas. De acordo com o delegado, há indícios de participação da esposa, o que culminou no pedido de prisão temporária dela. A principal hipótese, segundo a polícia, é crime passionai, de acordo com o delegado Jorge Carrasco, há indícios de traição da parte de Marcos baseado em fatos reais. Em depoimento informal, Elize disse à polícia que viajaria para o Paraná no domingo, sua terra natal, mas desistiu. A vítima tinha um seguro de vida no valor de R\$ 600 mil, cujas beneficiárias eram a mulher e as duas filhas de Marcos. Os delegados que investigam o caso disseram que a suspeita é destra e que o tiro foi dado no lado esquerdo da cabeça do empresário. Recapitulação de dados ligados ao caso, desde o dia em que Marcos Matsunaga desapareceu, em 20 de maio.

03

Data: 06/06/2012

Título: “Agressão do marido teria motivado disparo, diz Elize Matsunaga”

Fontes: Delegado Jorge Carrasco, do DHPP(Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa).

Informações principais: Elize Matsunaga confessou ter agido sozinha, matado e esquartejado o marido. Policiais que participam das investigações, no entanto, investigam se Elize teve ajuda de alguém. O delegado Jorge Carrasco informou que Marcos foi morto com um tiro na cabeça após uma discussão com a mulher. Elize disse que, após o disparo, arrastou o corpo no marido até um banheiro da casa e, posteriormente, esquartejou-o. Com a confissão do crime, a defesa pedirá a prorrogação da prisão temporária de Elize. A babá da filha do casal, que foi dispensada no dia que o empresário provavelmente foi morto, também será ouvida.

04

Data: 07/06/2012

Título: “Caso Yoki: peritos encontram vestígios de sangue na casa”

Fontes: Polícia de São Paulo; Ricardo Salada, perito; delegado Mauro Dias, do DHPP(Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa).

Informações principais: A polícia de São Paulo fez a reconstituição do assassinato do empresário Marcos Kitano Matsunaga. Elize Matsunaga, que confessou ter matado o marido, participou de todo o processo. Um boneco com a altura e peso de Marcos foi utilizado na reconstituição. De acordo com o perito Ricardo Salada, Elize falou que arrastou a vítima por um caminho e tinha sangue exatamente nesse caminho. No local, foram apreendidas 30 armas. Para a polícia, a reconstituição demonstra que não houve premeditação do crime e que Elize agiu sozinha e motivada por um fator emocional.

05

Data: 08/06/2012

Título: “Caso Yoki: ‘Elize foi humilhada pelo marido, diz advogado’”

Fontes: Luciano Santoro, advogado da família de Elize; Luiz Flávio Borges D’Urso, advogado da família de Marcos Matsunaga; delegado Jorge Carrasco, diretor do DHPP(Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa).

Informações principais: Segundo o advogado Luciano Santoro, uma discussão acalorada sobre infidelidade, um tapa no rosto, uma ameaça de tirar a guarda da filha de um ano e sucessivas humilhações foram fatores que levaram sua cliente a matar o marido. De acordo com Santoro, o crime não foi premeditado, aconteceu no calor da discussão. Segundo o advogado da família

do empresário, Luiz Flávio D’Urso, um reverendo, guia espiritual do casal, havia alertado Marcos sobre o perigo que representava a quantidade excessiva de armas no apartamento. O advogado da família de Marcos acredita na hipótese de premeditação do crime. O delegado Jorge Carrasco, que investiga o caso, disse que o inquérito deve ser concluído nos próximos dias.

06

Data: 09/06/2012

Título: “Caso Yoki: polícia parou carro de mulher com corpo do executivo”

Fontes: Delegado Jorge Carrasco, diretor do DHPP(Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa).

Informações principais: A Polícia Rodoviária Estadual de São Paulo chegou a parar o carro de Elize, no dia 20 de maio, mesma data em que a técnica em enfermagem se livrou dos sacos plásticos onde colocou as partes do corpo do marido. A mulher de Marcos viajou por mais de 200 quilômetros, mas desistiu de ir até o Paraná por conta da filha de uma no. O caso está praticamente fechado, faltam ainda serem encontradas a faca utilizada no esquarteramento e as três malas de viagem com rodinhas onde foram dispostos os sacos plásticos com partes do corpo do empresário.

07

Data: 09/06/2012

Título: “Elize Kitano: do conto de fadas à crônica policial em 8 anos”

Fontes: Funcionários (não identificados) de um salão de beleza, da Vila Madalena, freqüentado por Elize; polícia, Luciano Santoro, advogado de Elize; Auro Garcia, amigo da família de Elize.

Informações principais: Quatro dias depois de matar e esquarterar o marido, Elize Matsunaga foi a um salão de beleza para fazer as unhas e tingir os cabelos. Até casar, Elize se submeteu à condição de amante. Marcos conheceu Elize por meio de um site destinado a garotas de programa. A paixão, iniciada em 2004, começou a diminuir logo após no nascimento da filha do casal. Elize chegou a contratar um detetive para seguir o marido. “Eles começaram a brigar

muito, e ele pensou em tomar a guarda da filha”. Os pais de Marcos Matsunaga decidiram que não entrarão na Justiça pela guarda da neta. De acordo com o advogado Luciano Santoro, Elize chorou muito e se mostrou preocupada com a filha. A formação de Elize em Direito chamou a atenção dos parentes em Chopinzinho. Até se formar no ensino médio de uma escola pública, a jovem dividia seu tempo entre a escola e as peças de artesanato que confeccionava junto com a mãe para ajudar na renda familiar. Aos 22 anos Elize se despediu da mãe e seguiu para Curitiba, onde se matriculou em um curso de Enfermagem. “Estudou por três anos, até que teria conhecido umas garotas que a convidaram a trabalhar com o que ‘mudaria sua vida’”.